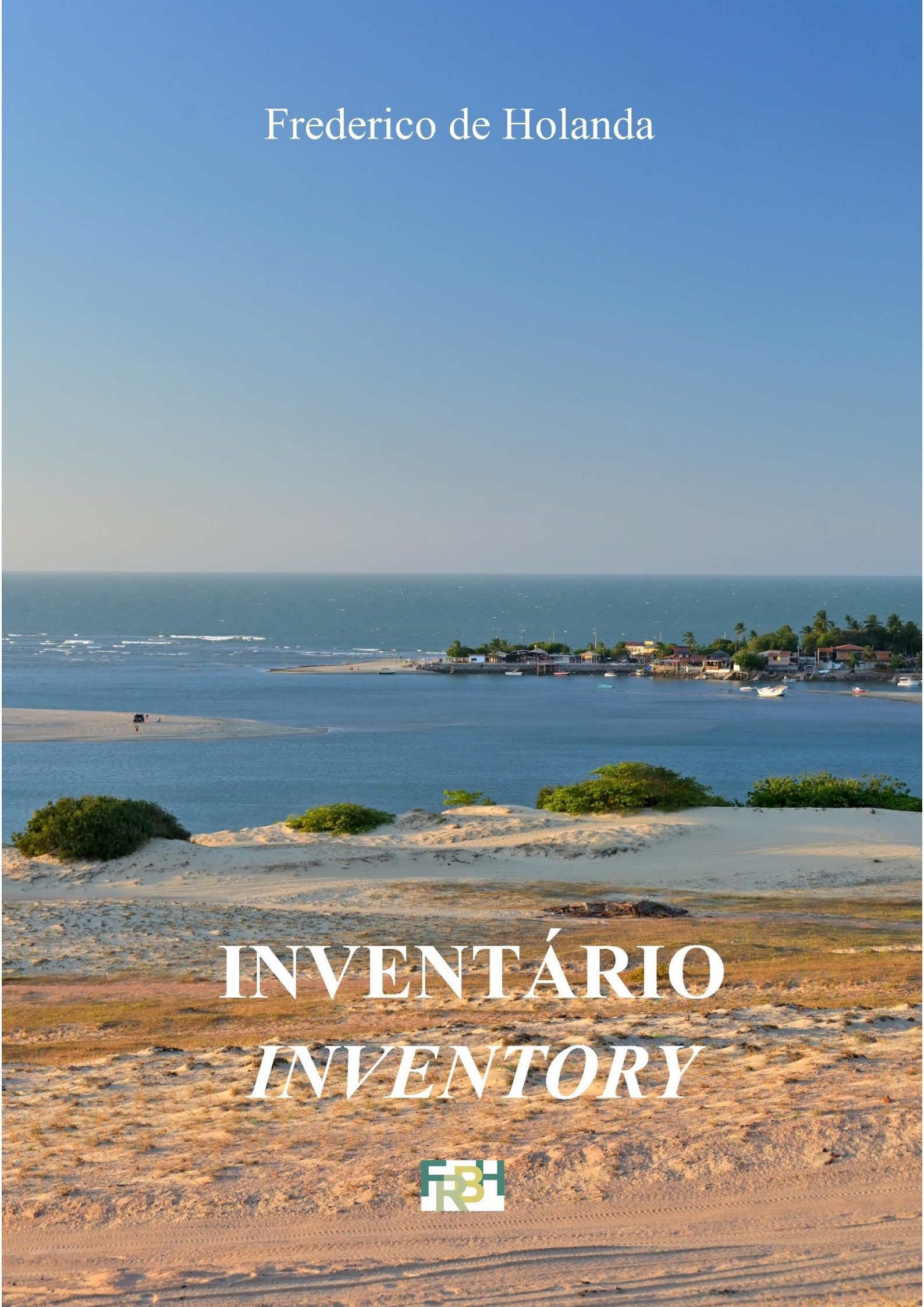
Frederico de Holanda



INVENTÁRIO
INVENTORY



Frederico de Holanda

INVENTÁRIO /

INVENTORY

Contos e poemas /

Short stories and poems

Prefácio / *Preface:*

Flávio R. Kothe

BRASÍLIA

2026

Publicado por / *Published by*



Conselho Editorial / *Editorial Board*
Almir Reis (Universidade Federal de Santa Catarina)
Décio Rigatti (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Edja Trigueiro (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Frederico de Holanda (Universidade de Brasília, Presidente)
Gabriela de Souza Tenorio (Universidade de Brasília)
John Peponis (Georgia Tech College of Architecture)
José Júlio Ferreira Lima (Universidade Federal do Pará)
Luiz Amorim (Universidade Federal de Pernambuco)
Margarita Green (Pontificia Universidad Católica de Chile)
Ruth Verde Zein (Universidade Presbiteriana Mackenzie) – *In memoriam*
Teresa Valsassina Heitor (Universidade Técnica de Lisboa)

Copyright © 2026 Frederico de Holanda
Direitos para esta edição / *Rights for this edition*:
Frederico Rosa Borges de Holanda
Cond. Vivendas Colorado, Mod. J, Casa 1
73105-907 Brasília DF
Brasil
Tel: (0xx61) 34859824
Página da internet: http://www.fredericodeholanda.com.br
Endereço eletrônico: fredholanda44@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito de Frederico Rosa Borges de Holanda.

All rights reserved. No part of this publication may be stored or reproduced by any means without the written permission of Frederico Rosa Borges de Holanda.

Para / *For*

Elsa Sarmento da Rosa Borges, minha mãe / *my mother*

In memoriam



A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tecto

João Cabral de Melo Neto
(do poema *Fábula de um arquiteto*,
no livro *Educação pela pedra*, 1966; mantenho a grafia original /

from the poem *Fábula de um arquiteto*, in the book
Educação pela pedra, 1966; original spelling retained.)



SUMÁRIO / *CONTENTS*

APRESENTAÇÃO 11
PRESENTATION 12
PREFÁCIO 13
PREFACE 18
ELOGIO DA POEIRA 26
IN PRAISE OF DUST 28
DO FOSCO, DO BRILHO 30
OF THE MATTE, OF THE SHINE 32
O QUARTO 34
CORES 39
TARDE 41
MAR 43
AMANHECI PALESTINO 44
I AWOKE PALESTINIAN 45
AO SOLO, AS CINZAS 48
TO THE GROUND, THE ASHES 58
CICLO 71
CYCLE 77
INVENTÁRIO 84
INVENTORY 87
DUNA 91
DUNE 95
PÓ 101
DUST 105
A REDE VERMELHA 111
INOCÊNCIA 116
PRIORIDADES 80+ 117
LIVRE-ARBÍTRIO 121
ACASO 122
SENTIDOS 129
SENSES 134
LISTA DE FIGURAS / *LIST OF FIGURES* 139
COLOFÃO / COLOPHON 140



APRESENTAÇÃO

Aventurei-me na literatura pela primeira vez em 1967 quando trabalhava na implantação da cidade de Nova Iorque, uma dessas cidades "barrageiras" que visam a abrigar populações deslocadas de áreas inundadas por lagos de hidroelétricas. Nova Iorque, a antiga, ficava no interior do Maranhão, às margens do rio Parnaíba, fronteira com o Piauí. A nova, distante cerca de 4 km de onde estava a anterior, situa-se agora às margens do lago formado pela barragem. Morei lá de 1967 a 1969.

Nos fins de semana vínhamos para Boa Esperança, a cerca de 70 km, onde ficávamos nos alojamentos destinados aos técnicos, separados por gêneros, um, masculino, outro, feminino. Lá, conheci minha futura mulher, Rosa de Lima. Talvez empurrado pela ociosidade dos fins de semana, talvez por ser filho de escritor – Gastão de Holanda – dediquei-me a compor poemas.

O livro está organizado cronologicamente em quatro blocos, intitulados "1967", "2023", "2025" e "2026". Cinquenta e nove anos separam 1967 de 2026, mas não sei se isso transparece na escrita. Talvez sim, porque, em 1967, já adulto embora jovem, os anjos e demônios que hoje me acompanham já eram conhecidos. Talvez não, porque, em 2025-2026, embora fossem os mesmos, eu havia aprendido truques para lidar melhor com eles.

Recentemente, e quiçá em função da aposentadoria e dos dias tranquilos passados em nossa Casa da Gangorra, construída no sítio em que minha mulher nasceu em 1940, no pequeno distrito do Canaan, município do Trairi, litoral oeste cearense, retomei a atividade literária, agora com poemas e contos. Eles estão no segundo (2023), terceiro (2025) e quarto (2026) blocos do livro.

As peças são ficcionais, mas muitas delas – em verdade, quase todas – têm forte sotaque autobiográfico, pelos lugares referidos, pelos eventos narrados, pelos afetos transmitidos. Este livro reúne o que compus até setembro de 2026.

Não estranhem certas redundâncias entre os contos: estão aqui intencionalmente, e ocorrem particularmente nos trechos sobre a Casa da Gangorra. A casa, como todos os lugares, mostra-se distinta a cada dia, objetivamente, pelas diferenças de luz e sombra, de ventilação e de temperatura de seus espaços, ou subjetivamente, pelos afetos variados que desperta a cada ocasião.

As figuras ilustram temas do livro; estão, com as respectivas legendas, referidas ao final, pela página em que ocorrem.

Este não é um livro bilingue. Contudo, de nossa estada em Londres (1976-1979) guardo grandes amizades. Posteriormente, em congressos acadêmicos internacionais, o grupo dessas amizades ampliou-se, e, para que este livro seja, pelo menos em parte, acessível a leitores anglófonos, traduzi alguns dos trabalhos para a língua do Bardo – aqueles em que me senti (oxalá) minimamente capaz, outros nem pensar.

Canaan, 1 de novembro de 2026

Frederico de Holanda

PRESENTATION

I first ventured into literature in 1967, when I was working on the establishment of the town of Nova Iorque, one of those "dam towns" intended to accommodate people displaced from areas flooded by hydroelectric reservoirs. The old Nova Iorque stood inland in Maranhão, on the banks of the Parnaíba River, on the border with Piauí. The new town, about 4 km from where the old one stood, now lies on the shores of the lake created by the dam. I lived there from 1967 to 1969.

At weekends we would come to Boa Esperança, about 70 km away, where we stayed in quarters provided for the technical staff, with separate accommodation for men and women. It was there that I met my future wife, Rosa de Lima. Perhaps prompted by the idleness of the weekends, perhaps because I was the son of a writer – Gastão de Holanda – I took to writing poems.

The book is arranged chronologically in four sections, entitled "1967", "2023", "2025" and "2026". Fifty-nine years separate 1967 from 2026, but I do not know whether this shows in the writing. Perhaps it does, because in 1967, already an adult, though still young, the angels and demons that accompany me today were already my acquaintances. Perhaps it does not, because by 2025–2026, although they were the same, I had learnt a few tricks for dealing with them.

More recently, and perhaps partly as a result of retirement and the peaceful days I spend at our Casa da Gangorra, built on the smallholding where my wife was born in 1940, in the little district of Canaan, in the municipality of Trairi, on the western coast of Ceará, I returned to literary activity, now writing poems and short stories. They make up the second (2023), third (2025) and fourth (2026) sections of the book.

The pieces are fictional, but many of them – indeed, almost all – bear a strong autobiographical imprint, through the places referred to, the events narrated and the affections conveyed. This book brings together everything I have composed up to September 2026.

Do not be surprised by certain repetitions among the short stories: they are intentional and occur particularly in the passages about Casa da Gangorra. The house, like all places, appears different from one day to the next, objectively, through changes in light and shade, ventilation and the temperature of its spaces, or subjectively, through the varied feelings it evokes on each occasion.

The illustrations relate to themes explored in the book; they are listed, together with their captions, only at the end, with the page on which each appears.

This is not a bilingual book. However, I have retained many lasting friendships from our stay in London (1976–1979). Later, at international academic conferences, this circle of friends grew, and, so that the book might be accessible, at least in part, to English-speaking readers, I translated some of the works into the language of the Bard, those in which I felt (hopefully) at least minimally capable; others, no chance.

Canaan, November 1st, 2026.

Frederico de Holanda

PREFÁCIO

Flávio R. Kothe

Prefácio é uma face anterior, como se mostrasse, em miniatura, a face do texto que vem a seguir. Eu não posso, porém, pintar a face do *Inventário*. Não só me falta a competência: não tenho a intenção de substituir o texto de Fred por um meu. Prefiro começar por algo anterior ao texto. Uma atitude que vi no Autor e que me marcou. Frederico de Holanda foi meu colega por uns vinte anos na FAU da UnB e acabou por se tornar um amigo, algo raro no meio universitário. Aprendi com ele atitudes que para ele eram tão naturais que talvez até tenha esquecido.

Poucos meses após minha entrada, ficamos juntos na banca de doutorado, creio que na primeira seleção que foi feita. Pelo edital, tínhamos dez vagas a preencher. Após as provas, a comissão, em reunião privada, discutiu se deveria selecionar apenas os três melhores candidatos ou se deveria preencher todas as vagas previstas. O que estava em jogo era qual seria o melhor modo de utilizar a máquina pública num momento inaugural. Se apenas três entrassem, não era garantido que três concluiriam o doutorado. Se dez entrassem, provavelmente haveria mais de três terminando o curso. A experiência mostrava que o rendimento dos alunos ao longo do curso podia divergir muito da classificação inicial.

Argumentos de um lado e de outro permitiram que se chegasse à melhor decisão. Vi em Fred essa capacidade de sopesar argumentos, decidir em prol do bem comum. Essa experiência se reafirmou nos anos em que respondemos pela atribuição de bolsas na pós-graduação, fazendo com que elaborássemos regras, que foram aprovadas pelo colegiado.

Antes de Frederico de Holanda houve Gastão de Holanda, seu pai, escritor, ator, dramaturgo, editor. Há um enigma nesse *Inventário*, que contamina a conjunção entre levantamento de dados e invenção: um salto de seis décadas, entre os inícios em 1967, e a continuidade na invenção literária de 2023 a 2026, como se um interregno democrático tivesse favorecido a criação. No primeiro momento, havia uma homenagem à figura do pai, escritor conhecido. Chegar aos oitenta anos impôs ao filho repensar a própria finitude, julgar as vivências, o legado.

A literatura é a linguagem que possibilita expressar vivências, memórias, temores, com uma sutileza e amplitude que outras artes não conseguem. Para quem se dedicou a vida toda à arquitetura, converter-se à poesia é buscar novos horizontes. Caminha pelos versos como quem carrega uma balança na mão, para sopesar o que importa e o que menos importa. Domina a técnica já em “Elogio da poeira”:

Onde a poeira tudo cobre
em cobre denso de poeira (...)

Nos heptassílabos, faz um jogo entre cobre como verbo e como substantivo, mas também "em cobre" a esconder "encobre". Nos termos de Roman Jakobson, para lá da mera rima e métrica, explora a projeção do princípio de equivalência do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático, mas sabe que a habilidade verbal não é suficiente para gerar boa poesia. Elogia a poeira, que em geral é detestada. Ela se torna cobre, um metal com propriedades peculiares de resistência ao calor, a sintetizar a diferença dos versos.

O livro percorre diferentes gêneros e acaba gerando um dilema para si. Ele é, atando pontas da vida, como que uma autobiografia. Quando usa um "ele", como a relatar algo de um terceiro, o leitor percebe que aí há um "eu". Se fosse centrado no eu, geraria uma série de crônicas, mas esse é um gênero como que evitado. Os textos dos diversos gêneros se articulam e se iluminam entre si. Em uns se avança a compreensão do que é dito em outros.

A narrativa em primeira pessoa aparenta ser um testemunho pessoal mais fidedigno, permite que o autor transforme esse "alter", passando da imitação de um momento da existência para algo que se afasta do fático para as exigências e carências da própria narrativa, fazendo com que ela se torne cada vez mais um estranhamento ao que parecia mimético. Em Proust, um relato em primeira pessoa pode ser mais fantasioso do que o mesmo episódio relatado em terceira pessoa. Há uma figura intermediária entre o eu do narrador e o ele do narrado: ter um alter-ego, em que o leitor que conhece o autor ficaria pedindo que este se assuma como narrador de si, mas em que o autor precisa desse alter para conseguir se afastar do fático para obter mais objetividade, pondo a si mesmo entre parênteses.

Num livro de contos, em que várias narrativas são em primeira pessoa, esse eu-narrador pode ser figuras muito diversas: homem/mulher; jovem/idoso; reacionário/revolucionário, etc. Todo conto é centrado em um evento, um episódio, mas como sintoma de algo maior. Nunca podemos chegar à totalidade. Temos de operar, então, constelações de sintomas, pontos estratégicos que permitem iluminar aspectos significativos do "todo". Os textos brotam do escuro e do obscuro, para tentar iluminar trechos da noite. Eles são sinédoques de algo maior, que neles e por eles é sugerido.

A crônica fica presa à narração de algo que ocorreu; o conto tem a liberdade da ficção, para se desprender dos fatos e dizer algo outro, deixar transparecer algo além no que é contado. A verdade da ficção não está em reproduzir de modo exato o que teria ocorrido – afinal, cada um tem sua versão dos fatos – e sim em transmitir, numa vivência inventada, o que vale por si e não pode ser dito melhor por conceitos e outras linguagens.

A autoficção parece reaproximar da crônica o conto ou o poema, enquanto relato de algo ocorrido. Isso pretende ser verdade enquanto equivalência entre o fático e o que é narrado. A narrativa constitui um mundo próprio, que não vale, porém, apenas pela coerência interna e fidelidade ao pretérito, e sim por iluminar o que transcende.

Frederico de Holanda comenta que, tendo chegado aos oitenta anos (com só mais um sobrevivente de seis amigos de juventude), teria chegado a hora de fazer um balanço da vida, dar um testemunho a novas gerações.

O eu-narrador é uma ficção; o alter-ego também, um ego alterado, alternativo, em que o autor pode se mostrar pior ou melhor do que é. De qualquer modo, ele se resume e se reinventa. Ainda que seja corrente propor que estamos na era da pós-verdade (para fazer valer narrativas que sejam coniventes), estamos todos na era da revisão do conceito de verdade, pois ele próprio era falso. Supor que há equivalência entre *res et intellectus* não é verdadeiro, pois o que está na mente nunca é igual nem vale o mesmo (*ad aequum*) que a coisa. Todo fato é feito de interpretações: nem ele nem elas são uma narrativa em si completa.

O texto precisa manter o frescor, valer por si, mesmo que seja lido após trinta anos. O jornalista e o historiador procuram se ater a fatos relevantes, evitando a ficcionalização. O conceito de verdade neles é a adequação do narrado ao fato. O crente que lê um texto sacro acredita que tudo ocorreu conforme é narrado: ele não capta a ficção e deformação que aí permeiam tudo. É incapaz de perceber que muitos "milagres" podem ter sido *fake oldies*. Ele não consegue admirar a perícia literária dos autores, não tenta decifrar as manipulações feitas para repassar o que deles era exigido pelo poder.

O milagre é quando o dom criativo acerta a mão de tal maneira que parece permitir a sobrevivência do texto por gerações. Essa sobrevida se dá, no entanto, porque interessa às estruturas profundas da recepção que se reitere o discurso já consolidado, promovendo o texto a discurso do Estado. Faz-se do texto o que ele por si nunca teria sido. Toda obra é póstuma, diferente do que o autor quis fazer.

O ficcionista aparenta ser um mentiroso descarado, pois fica contando coisas que nunca ocorreram desse modo, mas como se tivessem ocorrido conforme é contado. O cronista antigo colocava no mesmo pé eventos decisivos do Estado e detalhes do cotidiano da realeza. Detalhes podem e devem ser sintomas de algo maior. Uma obra de ficção narra eventos que parecem singulares, mas são participações significativas em um todo mais amplo. Assim como o sonho rememora cenas da véspera, captando o seu sentido simbólico, o conto busca acenar a transcendência que há no que nele ainda era literal. Como um texto ultrapassa o horizonte pessoal para se tornar algo significativo para outros?

O autor precisa superar a tentação de se preservar pelo texto para além da própria morte. Ele precisa admitir que aquilo que o leitor lê sempre é diferente disso que o autor escreveu ou/e quis transmitir. É preciso ver como se articula um evento singular com algo transcendente, não como exemplificação de um conceito anterior ou uma generalização abstrata, e sim como manifestação particular de algo mais amplo. Contra o positivismo, Nietzsche dizia: "Não há fatos, somente interpretações. Mas também isso é uma interpretação." O fato histórico é constitutivo daquilo que merece ser reconhecido

como relevante para a historiografia, sim, mas ela também faz com que se torne histórico o que poderia passar despercebido.

Mesmo que um livro contenha textos melhores que a média, isso não significa que vai ser reconhecido como tal e precificado proporcionalmente no mercado. Tanto o nível cultural do público comprador pode inibir que uma qualidade diferenciada seja apreciada e valorizada quanto o narcisismo pode levar o autor a imaginar que a obra seja melhor do que ela é. Não se pode simplesmente crer que o futuro há de redimir o injusto presente. Quem cria, esse age como a parturiente que não pode fazer outra coisa senão parir o que está dentro dela. Quem lê, esse lê um texto diferente do que ele era para o autor. O que temos a fazer hoje diante de um livro novo é dar a conhecer que ele existe e está disponível.

Ainda que seja uma tentação jornalística, não se pode reduzir um livro a uma mensagem. O esforço é romper o silêncio que circunscreve todo novo texto. Não se busca um mínimo denominador comum, que poderia dispensar a diversidade dos textos. Há gente que prefere negar o trágico na existência, a começar pelo fato de sermos finitos como todo ser vivo. Justamente o que deveria levar a ler é o que pode manter afastados muitos. A obra de arte só se justifica se o que nela se sugere não pode ser dito por outra linguagem. Ela não demonstra uma verdade anterior, feito uma alegoria, mas constitui algo novo, único. A obra se obra pelo autor, para poder ir além dele. Ele é apenas o veículo entre algo anterior e os pósteros.

Algo se inscreveu no autor e quis ser escrito: ele é apenas um intermediário entre o que ficou pairando no ar e o que se torna publicado. O autor não é apenas o eu de quem escreve. Ele escreve porque precisa e porque crê ser necessário. O leitor não deve ler só por piedade ou mera solidariedade, mas porque vai sair ganhando com o lido, sendo transformado pelo percurso da jornada. O formato dos textos em gêneros diversos permite pausas, espaços de reflexão, iluminações cruzadas, a retomada de questões em novos contextos. Não se trata de um testemunho cartorial e sim da historiografia do inconsciente de uma região e época.

É preciso aprender a ler o não-dito no que é dito. Aprender a ler não é apenas montar letras e formar palavras. É ser capaz de decifrar enigmas, fazer a leitura dos níveis mais profundos, sem se deixar enganar pelo que parecem claras evidências. É preciso reaprender a ler a realidade e as forças políticas como quem as vê como um texto a ser decifrado. É a antítese da reiteração de mantras, em que o sujeito não consegue superar os dogmas que lhe foram impostos na menoridade.

A leitura se torna um exorcismo ao capeta que mostra os limites do limitado. Nenhum intelectual se torna melhor ao rebaixar colegas; nenhum escritor é melhor ao não reconhecer a grandeza do que é maior. É preciso ter certa grandeza interior para reconhecer a grandeza que há em outros (quando há). Essa grandeza não é métrica. Para quem é pequeno, o mediano já parece grande. O que aqui se tem é uma grandeza

qualitativa, que abrange o modo de ser de algo, o estado em que se encontra, sua estrutura diferencial, a impressão que causa.

Neste momento, como saudação e como despedida, só posso desejar a este livro de Frederico de Holanda uma boa viagem por outras regiões, nações e línguas. Que ele possa crescer com o advento de novos companheiros de jornada. Talvez a literatura seja o gênero maior no sistema das artes, pois, se dela participam os textos sagrados e as mídias, acaba sendo o que mais determina a existência dos povos. Fred construiu a casa em que abriga seu espírito. Deitado na rede das páginas, relembra o banho de mar que tomou pela manhã e contempla as luzes que exaltam o oceano à sua frente.

Brasília, outubro de 2026.

Flávio R. Kothe tem graduação em Português, Inglês, Língua e Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1968). Mestrado em Teoria Literária, Freie Universität Berlin (1972). Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP, 1975). Livre-docente (PUCCAMP). Pós-doutorados em Yale, Heidelberg, Berlim, Konstanz, Bonn e Frankfurt. Professor titular de Estética, na Universidade de Brasília. Dedica-se sobretudo a questões de estética, filosofia da arte, arte comparada, semiótica da cultura.

PREFACE

Flávio R. Kothe

A preface is a face that comes before, as though showing, in miniature, the face of the text that follows. I cannot, however, paint the face of *Inventory*. Not only do I lack the competence; I have no intention of replacing Fred's text with one of my own.

I prefer to begin with something that comes before the text. An attitude I saw in the Author, and one that left its mark on me. Frederico de Holanda was my colleague for some twenty years at FAU-UnB and eventually became a friend, something rare in academic life. I learned from him attitudes that were so natural to him that he may even have forgotten them.

A few months after I joined, we sat together on a doctoral examination board, I believe in the first selection that was held. According to the call for applications, we had ten places to fill. After the examinations, the committee met in private to discuss whether it should select only the three best candidates or fill all the places available. What was at stake was how best to use the public institution's resources at an inaugural moment. If only three were admitted, there was no guarantee that all three would complete their doctorates. If ten were admitted, more than three would probably finish the course. Experience showed that students' performance over the course of their studies could diverge greatly from their initial ranking.

Arguments on both sides made it possible to arrive at the best decision. In Fred I saw this ability to weigh arguments and decide in favour of the common good. This experience was reaffirmed in the years when we were responsible for allocating postgraduate scholarships, devising rules that were subsequently approved by the collegiate body.

Before Frederico de Holanda there was Gastão de Holanda, his father, writer, actor, playwright, publisher. There is an enigma in this *Inventário*, one that permeates the conjunction between the gathering of data and invention: a leap of six decades, between its beginnings in 1967 and the continuation of literary invention from 2023 to 2026, as though a democratic interregnum had favoured creation. At first, there was a tribute to the figure of the father, a well-known writer. Reaching the age of eighty compelled the son to rethink his own finitude, to take stock of his experiences, his legacy.

Literature is the language that makes it possible to express experiences, memories and fears with a subtlety and breadth that other arts cannot achieve. For

someone who devoted his entire life to architecture, turning to poetry is a search for new horizons. He walks through the verses as one who carries a pair of scales in his hand, weighing what matters and what matters less. He already commands the technique in "In praise of dust":

> Where dust has covered everything [Onde a poeira tudo cobre]
> in copper-heavy air (…) [em cobre denso de poeira (...)]

In the heptasyllables, he plays with *cobre* as both verb and noun, but also "in copper" concealing *encobre* ("covers"). In Roman Jakobson's terms, beyond mere rhyme and metre, he explores the projection of the principle of equivalence from the paradigmatic axis onto the syntagmatic axis, yet he knows that verbal skill alone is not enough to produce good poetry. He praises dust, which is generally detested. It becomes copper, a metal with peculiar heat-resistant properties, synthesising the difference between the verses.

The book traverses different genres and ends up generating a dilemma for itself. It is, by joining the ends of a life, something like an autobiography. When it uses a "he", as though recounting something about a third person, the reader perceives that there is an "I" there. If it were centred on the self, it would generate a series of chronicles, but this is a genre that is, as it were, avoided. The texts in the various genres articulate with and illuminate one another. In some, our understanding of what is said in others advances.

The first-person narrative appears to be a more reliable personal testimony, allowing the author to transform this alter, moving from the imitation of a moment in existence towards something that distances itself from the factual in response to the demands and necessities of the narrative itself, causing it to become increasingly estranged from what had seemed mimetic. In Proust, a first-person account may be more fanciful than the same episode recounted in the third person. There is an intermediary figure between the narrator's I and the narrated he: an alter ego, in which the reader who knows the author might keep asking him to assume himself as the narrator of his own story, but in which the author needs this alter in order to distance himself from the factual and achieve greater objectivity, placing himself in parentheses.

In a book of short stories, in which several narratives are in the first person, this narrating I can be very different figures: man/woman; young/old;

reactionary/revolutionary, etc. Every short story is centred on an event, an episode, but as a symptom of something greater. We can never arrive at the whole. We must therefore work with constellations of symptoms, strategic points that make it possible to illuminate significant aspects of the "whole". The texts spring from the dark and the obscure, attempting to illuminate fragments of the night. They are synecdoches of something greater, which is suggested within them and through them.

The chronicle is bound to the narration of something that occurred; the short story has the freedom of fiction, allowing it to break free from facts and say something else, allowing something beyond what is recounted to show through. The truth of fiction does not lie in reproducing exactly what might have happened — after all, each person has their own version of events — but in conveying, through an invented experience, what has value in itself and cannot be better expressed through concepts or other languages.

Autofiction seems to bring the short story or poem back towards the chronicle, insofar as it recounts something that happened. It purports to be true insofar as there is an equivalence between the factual and what is narrated. The narrative constitutes a world of its own, whose value, however, lies not merely in its internal coherence and fidelity to the past, but in illuminating what transcends it. Frederico de Holanda remarks that, having reached the age of eighty (with only one other survivor among six friends from his youth), the time had come to take stock of his life, to bear witness to new generations.

The narrating I is a fiction; the alter ego is too, an altered, alternative ego, in which the author may show himself to be worse or better than he is. In any case, he sums himself up and reinvents himself. Even though it is commonplace to propose that we are living in the age of post-truth (in order to give currency to narratives that are complicit), we are all living in an age of revision of the concept of truth, because the concept itself was false. To suppose that there is an equivalence between *res et intellectus* is not true, because what is in the mind is never identical to, nor of equal value (*ad aequum*) with, the thing itself. Every fact is made of interpretations: neither it nor they constitute a complete narrative in themselves.

The text needs to retain its freshness, to stand on its own, even if it is read thirty years from now. The journalist and the historian seek to adhere to relevant facts, avoiding fictionalisation. Their concept of truth is the correspondence of what is narrated to the fact. The believer who reads a sacred text believes that everything happened as it is narrated: he does not perceive the fiction and distortion that permeate

it all. He is incapable of recognising that many “miracles” may be fake oldies. He cannot admire the authors’ literary skill, nor does he attempt to decipher the manipulations made to pass on what power required of them.

The miracle occurs when the creative gift gets it so right that the text seems capable of surviving for generations. This afterlife occurs, however, because it matters to the deep structures of reception that the already established discourse be reiterated, elevating the text into the discourse of the State. The text is made into something it would never have been by itself. Every work is posthumous, different from what the author intended to make.

The fiction writer appears to be a shameless liar, because he keeps recounting things that never happened in this way, but as though they had happened as they are told. The ancient chronicler placed decisive events of the State and details of everyday royal life on the same footing. Details can and should be symptoms of something greater. A work of fiction recounts events that seem singular, but are significant participations in a broader whole. Just as a dream recalls scenes from the previous day, capturing their symbolic meaning, the short story seeks to gesture towards the transcendence contained in what, within it, was still literal. How does a text transcend the personal horizon and become something meaningful to others?

The author must overcome the temptation to preserve himself through the text beyond his own death. He must accept that what the reader reads is always different from what the author wrote and/or intended to convey. One must see how a singular event articulates with something transcendent, not as an illustration of a prior concept or an abstract generalisation, but as a particular manifestation of something broader. Against positivism, Nietzsche said: “There are no facts, only interpretations. But that too is an interpretation.” The historical fact is constitutive of what deserves to be recognised as relevant to historiography, yes, but historiography also causes what might have gone unnoticed to become historical.

Even if a book contains texts better than average, this does not mean that it will be recognised as such and priced proportionally in the market. The cultural level of the buying public may inhibit the appreciation and valuing of a distinctive quality, just as narcissism may lead the author to imagine that the work is better than it is. One cannot simply believe that the future will redeem an unjust present. The creator acts like a woman in labour who can do nothing but give birth to what is inside her. The reader reads a text different from what it was for the author. What we have to do today in the face of a new book is make it known that it exists and is available.

Even though it may be a journalistic temptation, a book cannot be reduced to a message. The effort is to break the silence that surrounds every new text. We do not seek a lowest common denominator that could dispense with the diversity of the texts. There are people who prefer to deny the tragic in existence, beginning with the fact that we are finite like every living being. Precisely what should lead one to read is what may keep many people away. A work of art is justified only if what it suggests cannot be expressed in another language. It does not demonstrate a prior truth, like an allegory, but constitutes something new, unique. The work is worked by the author so that it may go beyond him. He is merely the vehicle between something that came before and those who come after.

Something inscribed itself in the author and sought to be written: he is merely an intermediary between what remained suspended in the air and what becomes published. The author is not merely the I of the person who writes. He writes because he must and because he believes it necessary. The reader should not read out of pity or mere solidarity, but because he will gain from what he reads, being transformed by the journey. The form of the texts in different genres allows for pauses, spaces for reflection, cross-illumination, the taking up of questions again in new contexts. This is not a notarial testimony but the historiography of the unconscious of a region and an era.

One must learn to read what is not said in what is said. Learning to read is not merely putting letters together and forming words. It is being capable of deciphering enigmas, of reading the deeper levels, without allowing oneself to be deceived by what appear to be clear evidences. One must relearn how to read reality and political forces as one would read a text to be deciphered. It is the antithesis of the reiteration of mantras, in which the subject is unable to overcome the dogmas imposed upon him in his minority.

Reading becomes an exorcism of the devil who reveals the limits of the limited. No intellectual becomes better by belittling colleagues; no writer becomes better by failing to recognise the greatness of what is greater. A certain inner greatness is necessary to recognise the greatness that exists in others (when it does). This greatness is not a metric. To someone small, the mediocre already appears great. What we have here is a qualitative greatness, encompassing the way something is, the state in which it finds itself, its differential structure, the impression it makes.

At this moment, as a greeting and a farewell, I can only wish this book by Frederico de Holanda a good journey through other regions, nations and languages.

May it grow with the advent of new companions along the way. Perhaps literature is the greater genre within the system of the arts, for, since sacred texts and the media participate in it, it ends up being what most determines the existence of peoples. Fred built the house in which he shelters his spirit. Lying in the hammock of the pages, he recalls the sea bath he took in the morning and gazes upon the lights that exalt the ocean before him.

Brasília, October 2026.

Flávio R. Kothe has an undergraduate degree in Portuguese, English, Language and Literature from the Federal University of Rio Grande do Sul (1968). Master's degree in Literary Theory, Freie Universität Berlin (1972). PhD in Literary Theory and Comparative Literature (University of São Paulo, USP, 1975). Livre-docência (postdoctoral-level qualification) from PUCCAMP. Postdoctoral research at Yale, Heidelberg, Berlin, Konstanz, Bonn and Frankfurt. Full Professor of Aesthetics at the University of Brasília. His work focuses primarily on aesthetics, philosophy of art, comparative arts and the semiotics of culture.



1967

ELOGIO DA POEIRA (23.7.1967 — 10.3.2026)

IN PRAISE OF DUST (12.3.2026)

DO FOSCO, DO BRILHO (14.8.1967 — 6.3.2026)

OF THE MATTE, OF THE SHINE (13.3.2026)

O QUARTO (25.9.1967 — 12.3.2026)

ELOGIO DA POEIRA

Para Rosa

Onde a poeira tudo cobre
em cobre denso de poeira,
confunde o espaço e fere a vista
sem golpes de luz inteira.

Mas pelo esforço que exige
de quem deseja definir,
no espaço turvo e enevoado
as formas que a luz faz surgir.

O estranho pensa ao chegar
(se chega ao fim da luz do dia)
que de poeira é feito o ar
que ao seu redor se anuncia.

Ignora o trabalho intenso
que percorre todo o dia,
e do homem que aqui trabalha
também ignora a porfia.

Mas quem espera a primeira
luz do dia que se ergue
já não verá filtro espesso
que a claridade submerge.

Antes verá, pela lente,
o desenho vivo da terra;
pouco a pouco compreenderá
o que essa poeira encerra.

Quando notar no trabalho
do homem preso a esta terra
o alongar de braços-máquinas
onde mais ferro se encerra,

resta apenas movimento
(o metal não guarda o terno);
criatura e criação seguem
no agir constante e eterno.

De tanto lidar com o ferro
esse homem a ele se une,
mistura carne e matéria
numa fusão que o resume.

Incrustado em bichos duros
afastou-se do chão antigo;
é tentando alcançá-lo
que a poeira rompe o abrigo.

Sua investida difere
da violência que fere
no estranho coito da terra
pelas garras que a dilacerem.

Antes envolve o homem todo
num abraço leve e certo,
tentando sempre romper
a crosta de aço por perto.

É a última luz do dia
que escolhe a melhor hora
para erguer sua fantasia
quando o trabalho se encerra.

Segue ainda o animal
de metal, cansado do dia;
vai ao quarto, vai à cama
como a aurora lhe pedia.

Também repousa a poeira
depois do estranho enlace;
se vinga um fruto do sêmen
— e um fruto sempre renasce –

do encontro entre terra e homem
não nasce bicho metálico:
nasce um fruto que devolve
a terra a seu fruto: o homem.

(Primeira versão em português, Boa Esperança, 23.07.67; esta segunda versão, Canaan, Trairi, CE,10.3.2026.)

IN PRAISE OF DUST

For Rosa

Where dust has covered everything
in copper-heavy air,
it dims the reach of space itself
and wounds the eyes that stare.

Yet through the strain it asks of those
who seek the shapes of light,
within the dim and clouded air
half-hidden from the sight,

the stranger, coming late in day
(if daylight still remains),
believes the very air is dust
that all around him reigns.

He knows nothing of the toil
that fills the livelong day,
nor of the man who labors here
and spends his strength away.

But one who waits the morning's rise,
the lifting of first light,
will see no longer heavy veils
that drown the world from sight.

Instead he sees, as through a lens,
the living lines of land,
and slowly learns what hidden truth
this dust may yet command.

And when he sees, in labor's force
of man bound to the ground,
the stretching arms of ironed machines
where harder steels are found,

then motion only will remain—
for metal keeps no grace—;
creature and creation both
move on in endless pace.

So long he dealt with iron's weight
the man grew close to steel,
till flesh and matter fused as one
in bonds the body feels.

Encrusted in those hardened beasts
he left the ancient ground;
and striving now to reach it back
the dust breaks shelter round.

Yet not as violence it comes
that tears the earth apart
in that strange coupling of the soil
by claws that rend its heart.

Instead it folds the man entire
in light and patient hold,
still seeking how to break the crust
of steel that binds him cold.

It is the last light of the day
that chooses best the hour
to raise its drifting fantasy
when ends the working power.

The animal still moves along,
of metal, tired with day;
it goes to room and goes to bed
as dawn once led the way.

The dust as well lies down to rest
after that curious grace;
if fruit takes vengeance from the seed—
and fruit is born apace—

then from the meeting earth and man
no metal beast is spun:
there grows a fruit that gives the earth
back her own fruit—her son.

(First version in Portuguese, Boa Esperança, 23 July 1967; second version, Canaan, Trairi, CE, 10 March 2026; this English translation of the second Portuguese version, 12 March 2026.)

DO FOSCO, DO BRILHO

Para Alete Ramos
In memoriam

Em vez de cantar o brilho
preferir cantar o fosco;
não o brilho do tiro no trilho
mas o fosco do banco tosco.

Razões muitas, que as há:
talvez a primeira está
em como o fosco adere
não como o brilho que fere.

É do fosco a pertença
que diz melhor da querença.
É do brilho o medo,
pensar rápido: desconchego.

Nunca chega pra ficar
num primeiro conhecer
nem se permite folgar
é sempre vez de correr.

Pelo fosco, a diferença:
lento, calmo, o diálogo
desdenha a corredeira tensa;
é ficar quieto, de lago,

deixa estar horizontal,
dissimula o vertical.
Não pula de pedra em pedra,
Anda como quem espera.

Calma: não carece ler
(desgosta, logo aprender)
açodado a natureza;
quer tardança da justeza

para íntima tornar;
pede lento mastigar,
o da boa refeição:
brilho causa indigestão.

Brilho é manobra ladina
do discurso tonitruoso.
Fosco é liberar em surdina
gota a gota saber precioso.

Invés d'olhos de penetrar
(fazer o ofício primeiro:
perscrutar, explorar, observar)
é o brilho que, certeiro,

os penetra por inteiro:
salta o tiro da partida
comandado pelo olho;
parte antes e bate a socos

pálpebras inadvertidas.
Sem despir, despida é a vista;
ele trai na ágil ação
demanda de afirmação.

É mais do fosco o simples
sereno comedimento
seguro de quem se sabe
resistência à força do tempo

esperar pela resposta
antes de a pergunta ser feita
e ao mistério que comporta
dar solução, se não perfeita,

ao menos a que mantém
a conversa sempre aberta
(a calma que o agir encerra
é movimento também).

Menos leitor, mais leitura,
e contém tal urdidura
que não apenas responde:
pois ela pergunta de onde

vêm os laços que acolhem
em conversas que não morrem
nas respostas que agasalha;
não é o fogo de palha

como o brilho pode ser:
tudo entrega de uma vez
desconhece a altivez
do fosco a se conter.

Queima lento a decantar
sua essência no lugar –
alguma coisa recriada:
pois no fim recusa o nada.

(Primeira versão em Português, Boa Esperança, 14.08.67; esta segunda versão, Canaan, Trairi, CE, 6.3.2026.)

OF THE MATTE, OF THE SHINE

For Alete Ramos
In memoriam

Instead of praising shine
better praise the matte,
not the shot striking steel
but the rough bench, plain and flat.

Many reasons could be told;
first perhaps may be this one:
matte clings with quiet hold,
not the wound that shine have done.

Matte speaks of belonging more,
the better tongue of desire;
shine breeds fear at its core,
glare that leaps too quick to fire.

Never comes to stay awhile
at the first faint act of knowing;
never rests in patient style—
always haste and always going.

With the matte the change is clear:
slow and calm becomes the talk;
scorning torrents tense with fear—
lake-like stillness marks its walk.

Let it lie in level rest,
hiding depths held below.
Not from stone to stone obsessed,
but like one who waits to go.

Calm: no rush to read the whole
(nothing spoils like instant knowing);
nature asks a patient soul,
justice ripens in its slowing.

To make things familiar grow
time must chew with measured art—
as in meals we savor slow;
shine brings sickness to the heart.

Shine is trickery that rings
through loud speeches meant to dazzle;
matte softly, slowly brings
drops of wisdom none can razzle.

Not the eyes that penetrate
(do their first and proper duty:
search and question, contemplate)—
shine strikes first with sudden glare.

Like a starting pistol's cry
fired before the race begins,
driven by the eager eye
pounding hard on startled lids.

So the sight is stripped instead;
quick display betrays the claim—
in that hurried move is read
nothing but the thirst for fame.

More the matte owns the grace
of serene and sober measure,
sure of self and firm in place,
time's resistance as its treasure.

Waiting for the answer known
before the question has been spoken;
facing mysteries alone
with solutions still unbroken—

if not perfect, yet the kind
that keeps conversation living
(calmness holds a moving mind;
rest is motion in its giving).

Less the reader—more the read;
such the weave that it composes:
not to answer every need—
it asks whence the bond arises

that in living dialogue
holds the ties that never sever,
not the straw-flame, quick and vague,
of the shine that burns forever

all at once and leaves behind
nothing worthy of its blaze;
matte restraint, in quieter kind,
keeps a deeper, steadier praise.

Slow it burns and clarifies
its own essence in its place—
something newly born thereby:
it refuses the void's embrace.

(First version in Portuguese, Boa Esperança, 14 August 1967; second version in Portuguese, Canaan, Trairi, CE, 6 March 2026; this English translation, 13 March 2026.)

O QUARTO

Para Rosa

No quarto
há uma porta
que dá para fora.

Saio.
É a única saída.

Há o sol de duas horas,
aquela luz metálica,
na terra, na telha, na palha,
queimando madeira e folha.

Há uma casa toda branca
(o sol levou-lhe toda a cor)
e há uma porta que não abre.

Na janela alguém parado,
tentando ver de dentro
a luz que brilha fora.

Cego
sob um jato de luz sólida.

Passa um cachorro
com o rabo entre as pernas.
Passa um urubu-só-um
sem tocar a terra.

Mas o urubu destoa
quando voa;
também o cachorro
que passa.

O resto — todo o resto —
está apenas à espera:
a folha, o ar, a terra.

Não há vento.
Está preso nas fronteiras
de lugares onde ainda
se permite movimento.
E espero.

Mas o sol não se move.
O vento não chega.
Nada acontece.

Só então penso:
aceitar essa espera
inteira
para aprender
aonde ela leva.

Dou meia-volta.
Entro no quarto.

A porta é a mesma
de fora para dentro
que de dentro para fora.

Dentro, o espaço
de tijolo e cimento.

Fora, o espaço se fecha
em ar estagnado.

A porta do quarto
que dava para fora
mantém-se fechada.

Agora sei:
não dá para nada.

(Boa Esperança, 25.9.1967; segunda versão, Canaan, Trairi CE, 12.3.2026.)



2023

CORES (1.10.2023)

TARDE (1.10.2023)

MAR (5.10.2023)

AMANHECI PALESTINO (3.11.2023)

I AWOKE PALESTINIAN (4.1.2026)



CORES

Para Sonia Marques

Bon-jour tristesse não sei por que
Me veio à mente o cinza título
E por que cinza é uma cor
Para além do melancólico

Tampouco sei. Livre pensar
É só pensar diz o Millor.
As cores não domino
Vêm e vão do branco ao negro

Mas dizem que branco fora
Não é cor como vermelho
Minha cor desde criança

Ignorante de filosofias
Rumo ao verde dos mares daqui
Que me lembram mais que infância

(Brasília, 1.10.2023.)



TARDE

Para Fernanda

No lusco-fusco o vento morno
Move gentes folhas água
É praia a mexer memórias
De tempos idos de criança

Estamos nós em carne e osso
Outros, flashes de lembranças
Hoje velhos - não! sabidos!
Ontem a vida imaginada

Realizada *ma non troppo*
Cumpriu promessas negou outras
Casa em sítio tem mangueiras

A da praia - espera a próxima!
O que não é matéria viva
Nem por isso é ideia morta

(Brasília, 1.10.2023.)



MAR

Para Mãezinha
no dia do seu 109º aniversário
In memoriam

O mar, o mar sempre recomeçado
Calmo bravo surpreendente eterno
Espelho inerte mescla céu e terra
Rugoso convida explorar-se ao tato

Ser mudo plano contudo mistério
Em águas profundas envoltas em calma
Vibra recôndita tonitruante força
Camufla negativo cemitério

Falar em ondas tampouco revela
Do ser a sua essência – apenas brinca
Brilhos a piscar à atenção apela

A um disfarce: sua verde clara tinta
Ancorada ao escuro que não despreza
Mergulhado ao chão em que se finca

(Brasília, 5 de outubro de 2023.)

AMANHECI PALESTINO

Na barbárie, amanheci palestino
A primeira bomba levou-me os pés
Da minha casa as pedras voaram
Da minha igreja poucas ficaram

Meus pés no ar formam um dueto
E dançam macabro minueto
Juntos a vizinhos explodidos
Livres de quem tinham pertencido

A segunda bomba levou-me as pernas
Girando quais naves extraviadas
Mais pesadas que os pés, rodam lentas
Do ar miram a rua destroçada

Agora, cabeça, tronco e braços
Na poeira, parciais equivalentes
Espantalhos enfiados em cacos
Simulando raízes inpresentes

A terceira bomba levou-me o torso
Orquestra sem músicos, só maestros
Braços loucos, *allegro furioso*
Agregando ao céu sombrios astros

Minha cabeça fincada ao poste
Na floresta de cetros encimados
Por terminais de corpos incompletos
A contemplar sítios calcinados

A quarta bomba veio suave e branca
Silenciosa, pó-de-arroz a nos pintar
Para quiçá festa de surpresa
Que ficou somente na promessa

Ledo engano, o talco arde, coze
Miolos vazam pelos orifícios
Por onde a vida entrava, hoje foge
À procura, quem sabe, dos alísios

Na barbárie, anoiteci memória

(Primeira versão em português, Canaan, Trairi, CE, 3.11.2023; esta segunda versão, Brasília, 21.12.2025; Rio de Janeiro, 4.1.2026, para a tradução em inglês. Distinções: Prêmio Menção Honrosa. Publicado em: HOLANDA, Frederico de. Amanheci palestino. In: PASCALE, Ademir. *Poemas contemporâneos* – Vol. VII [recursos eletrônico]. S.l.: *Revista Conexão Literatura*, 2026, p. 19-21.)

I AWOKE PALESTINIAN

In barbarity, I awoke Palestinian
The first bomb shore away my feet;
From out my house the shattered stones were flung,
Of holy church, no stone on stone did meet.

My feet, hurled upward, met with other feet;
A grim, funereal minuet they traced.
Once neighbors' limbs, the blast had cast them skyward,
Now masterless, from living bodies erased.

The second bomb took off my legs in flight,
They spun like wayward craft astray in air;
Heavier than feet, they turned in slower rate,
From aloft they scanned the street laid bare.

Now there are only head, torso, and arms,
in the dust, alike and incomplete,
scarecrows planted in the rubble,
pretending to have roots that do not exist.

The third bomb tore away my torso,
Sending conductors spinning through the air;
Arms thrashing wildly, allegro furioso,
An orchestra with no musicians—only maestros there.

All that remained was my head, fixed on a pole,
Within a forest of scepters raised on high;
Like the peaks of bodies suddenly made whole no more,
They stared, scorched raw, at the burning sky.

The fourth bomb drifted softly, pale and white,
In silence, powdering our skin like snow;
As if to dress us for a feast at night,
A promised joy that never came to show.

Ah, cruel delusion – the talc ignites and burns,
The brains poured out through gaping wounds and seams;
Where life once entered, now it twists and turns,
In search, perhaps, of distant trade-wind streams.

In barbarity, I sank to night as memory.

(First version in Portuguese, Canaan, Trairi, CE, 3 November 2023; second version in Portuguese, Brasília, 21.12.2025; this English translation of the second version, Rio de Janeiro, 4 January 2026.)



2025

AO SOLO, AS CINZAS (25.10.2025)

TO THE GROUND, THE ASHES (16.12.2025)

AO SOLO, AS CINZAS

1

Estou na espreguiçadeira da varanda voltada para o quintal. Nas mãos, minhas cinzas na urna funerária. Antecipei muitas vezes esse momento, mas não cheguei a uma conclusão: que fazer com elas? Diabos, por que a própria agência funerária não dava conta do sumiço em vez de entregar continente e conteúdo a familiares ou a quem de direito indicado? Já que tinha de ser, autoindiquei-me. Eis-me pois com essa prebenda.

Penso na praia, litoral oeste cearense, lugar de origem de minha mulher (agora viúva), na imensidão do mar, nos alísios. Quando agitasse a urna para liberar as cinzas, em questão de segundos teriam desaparecido, em parte para longe da vista levadas pelo vento, em parte aterrissado na areia e na água à beira-mar (no Ceará, o vento é paralelo à praia, ao contrário de minha terra, o Recife, onde ele é perpendicular). Não. Haveria algo de demasiado vasto e impessoal, uma dádiva insolicitada à gente – tanta gente – frequentadora do lugar. Carecia um lugar mais palpável, definido, delimitado, que pudesse identificar como meu.

O pomar não é vasto, mas tem um abacateiro, laranjeiras, uma mangueira, uma jabuticabeira, um bananal, uma goiabeira. E se eu tão só as adubasse, irmanamente distribuindo o conteúdo da urna ao pé das fruteiras, juntando-o ao adubo químico e ao esterco recém colocados? Não. A ideia de misturá-las ao estrume me incomodou, poderia ficar pelo resto dos tempos a sentir aquele cheirinho.

Continuo pois recostado na espreguiçadeira da varanda a observar o cair da tarde, a urna ao colo. O tempo está parado, o céu encoberto, não há luz e sombra bem delimitadas destacando as fruteiras do gramado onde pousam. De repente, quiçá à guisa de despedida do dia, abre-se um clarão no céu, mas não qualquer clarão, não em qualquer lugar. O sol está atrás da goiabeira e atravessa sua delicada textura desenhando uma miríade de raios que aterrissam no gramado, prolongando-se por ele refratados como lápis dentro de um copo d'água. Os do chão são mais visíveis que os que cruzam o ar, embora poucas e minúsculas partículas de poeira em suspensão denunciem sua presença. Os raios esparsamente assinalados passam entre as folhas e os galhos finos da goiabeira. E se eu lhes desse maior corporeidade, preenchendo-os com a quase imaterialidade de minhas cinzas, contudo mais densas?

Tomei impulso na espreguiçadeira, mas parei a meio caminho. Era hora? Antecipei uma saudade da inexistência subsequente. De certa forma, eu ainda estava ali, trancado naquela urna. Porém, uma vez jogadas ao ar, partículas, moléculas e átomos das cinzas perderiam a continuidade antes a constituírem o coração a bater, o sangue a circular, o cérebro a pensar. Rompidos esses laços moleculares, aí, sim, eu estaria morto-morrido mesmo. Ingenuamente pensei que a continuidade física entre partículas que um dia constituíram meu corpo ainda me davam um resquício de identidade, algo

ainda palpável aqui e agora. Certo, não eram *todas* as minhas moléculas quando em estado vivo, apenas aquelas que sobreviveram às labaredas da cremação.

São essas que estão agora na urna. No entanto, incompletas de outro jeito, além de sua escassa materialidade: zero de sinais elétricos emitidos pelo cérebro, pois do binômio matéria-energia, perdeu-se o segundo termo. (Sei, sei, deixem passar essa, pois matéria e energia são indissociáveis, como revelou aquele velhinho simpático a espichar a língua para nós.) Não mais havia certa configuração que as unia para formar o locus da linguagem, elemento distintivo de minha raça – a humana. Isto é, quando não-morto, porque agora, cinza de gente e cinza de cachorro é a mesma merda – desculpem: é a mesma cinza.

Todavia, não há um só tipo de morto/morte, como a sugerida por João Cabral de Melo Neto no poema *Morte e vida severina*, no qual as formas de morte implicam "morrer de velhice antes dos 30 anos, de emboscada antes dos 20, ou de fome um pouco por dia". Essas são mortes-morridas, sem volta. Sim, elas existem e serão ilustradas aqui. Mas há outras, meias-mortes, matam mas poupam, matam o que se torna um passado, matam para abrir o futuro. Assemelham-se a um *rite de passage*, diriam os antropólogos, um marco (morte) entre duas vidas, entre as tantas que se distribuem entre o nascimento e as... cinzas – todas menos radicais que a primeira, porque nenhuma elimina o corpo.

2

Há mortos e mortos, há mortes e mortes. São três categorias de pessoas, em função das mortes que nos infligem. As de nosso convívio cotidiano, as que amamos e que renovam nossa felicidade ao vê-las a cada reencontro, individual ou coletivamente, que nos fazem mais plenos a cada contato, enriquecidos porque adicionam à nossa vida um bocadinho da vida de outrem, dádiva generosamente oferecida, recebida, incorporada. Há uma morte envolvida nessa convivência: a cada momento quem éramos não mais existe (agora somos outros), ultrapassados por algo maior do que havia, modificando o antigo, mas dele guardando toda uma essência acumulada. É u'a *morte por adição*.

Agora ao oposto. Quando se vai um ente querido, sua morte é também, em parte, nossa morte. Com precisão e beleza filosófica raras, Evaldo Coutinho o formula. Na "metáfora da lâmpada", do livro *O lugar de todos os lugares*, ele trata do nosso ser real, concreto, material. "Enquanto acesas, suas lâmpadas iluminam o meu ser (...), mas [registro-me] falecido no falecimento de outrem, indo-me, com todo o resto, no repertório de quem veio a se extinguir". Há uma morte (nossa) em outra morte (alheia), tornamo-nos definitivamente mancos porque nossa anterior completude foi irremediavelmente perdida. Essa morte é em geral individual, mas calha acontecer, em casos de extrema infelicidade, ser a morte de um coletivo – um desastre que atinge uma

turma de amigos do qual escapamos, por exemplo. Em homenagem a Evaldo Coutinho, chamo-a *morte por apagamento.*

E há o terceiro tipo. Não são, como no primeiro caso, gotas de transformação que nos modificam todos os dias pelo convívio, pela troca com outrem e, por isso mesmo, resultando em nosso enriquecimento – a morte por adição (primeiro polo). Tampouco é a perda de um "pedaço de mim", na poética tão forte quanto bela da canção homônima de Chico Buarque, ao expressar o outro extremo, e correlata à morte por apagamento de Evaldo Coutinho (polo oposto). É algo pelo meio do caminho, do qual emerge outra pessoa, transformada por diminuição. Nós somos constituídos pelo que Pierre Bourdieu chamou de *capitais*, por exemplo, recursos econômicos (minha conta bancária, meu carro), culturais (a língua – ou as línguas – que falo, a música que aprecio, as formas de falar, gesticular, portar-se à mesa), ideológicos (as ideias que abraço sobre o mundo), sociais (minhas relações com outros), arquitetônicos (os lugares que habito, rotineira ou excepcionalmente). Os capitais constituem meu *habitus*, outro conceito fulcral de Bourdieu – formas de ter, pensar, sentir, agir que me *posicionam* em sociedade e me *distinguem* de outrem. Pois esse terceiro tipo de morte, não sendo a perda radical de alguém que constitui nossa vida – a morte por apagamento – é a perda de capitais cujo conjunto *configura* a existência de cada um de nós. Essa perda resulta em pessoas encolhidas, menores: a *morte por subtração*.

Em comum, são episódios de ruptura, mais ou menos radicais. Convido o leitor a um passeio, usando episódios de minha própria existência, e, mediante suas (minhas) mortes, colocar algumas peças no quebra-cabeças de minha individualidade. Acontecimentos no tempo fazem nossa vida virar de ponta-cabeça, tantas vezes pensamos aquele eu morreu, agora sou outro. Aqui relato três momentos – três mortes. O leitor decidirá a qual categoria cada uma delas pertence.

3

Eu tinha 10 anos, faria portanto o Exame de Admissão ao Ginásio Pernambucano em idade precoce. Se esta é a primeira morte lembrada, é porque nada de importante aconteceu antes – não, pelo menos, no que me concerne e que a memória faculte recordar. Além das tarefas escolares, tudo se resumia a peladas na rua (em que sempre fui muito ruim), a empinar papagaios, a ir à praia nos domingos em ônibus fretado pela Associação Atlética do Banco do Brasil (Paisinho era bancário), subir na mangueira-rosa do fundo do quintal, colher e chupar as frutas, ou simplesmente a dar uma de macaquinhos entre os galhos da árvore e por lá ficar um tempão, a montar e pilotar o trem elétrico que meus pais haviam trazido da França, a jogar pingue-pongue na garagem da casa (não tínhamos carro), a passear no sítio da família no bairro de Casa Amarela, onde levávamos horas trepados na azeitoneira até ficar de língua roxa. E, sim, a visita obrigatória a Vovó Inah, avó materna, com quem eu tomava o chá da tarde.

Nada sobressaía – não ao ponto de virada, não ao ponto de marcar uma barreira pulada, não ao ponto de esse morreu, vamos ao próximo.

Até o Exame de Admissão.

O lugar era o pátio do Ginásio Pernambucano, no Recife, bela construção centenária neoclássica, às margens do rio Capibaribe. Eu estava entre dezenas de outros candidatos a esperar o resultado da primeira prova do Exame de Admissão, eliminatória, de cuja aprovação, portanto, dependia a realização das provas subsequentes. A chamada era em ordem alfabética: Alceu, Atílio, ... Carlos, Cícero, ... Felipe, Fernando, Francisco, ... Geraldo. Meu nome não foi pronunciado. À sua ausência correspondeu salto violento no meu ritmo cardíaco. Havia sido reprovado. Recostei-me numa parede para não cair pela tontura que me atacou. Ali fiquei parado, até que o último nome fosse chamado a adentrar o prédio, e até que o último reprovado deixasse o pátio rumo de sei-lá-onde.

Cabia voltar à casa. Usava o bonde, que me levava do centro até uma parada na av. João de Barros, a uns cinco quarteirões da nossa morada. Na época (1955), ainda se andava muito de bonde no Recife. Entre o Ginásio e a parada, eu preferia o caminho que atravessava o Parque 13 de Maio, uns 400 metros de comprimento, bucólico, sombreado por imensos fícus, decorado por fontes luminosas. Não dessa vez. Ainda de pernas bambas, tomei a esquerda na altura do centro do Parque, vislumbrando o emblemático edifício eclético da Faculdade de Direito do Recife, ao fundo de uma bela perspectiva através dos jardins, situado no centro de um enorme quarteirão só dele. Lentamente, rodeei o prédio pelos jardins, andando, parando, sentando em bancos, o que me levou umas boas dezenas de minutos. Completo o percurso, voltei ao Parque 13 de Maio e daí me dirigi à parada do bonde na rua do Hospício. Decidi enfrentar o bonde e a volta à casa, incapaz de imaginar como daria a notícia.

Não lembro quem estava em casa, se somente os empregados domésticos, ou alguém dos irmãos, certamente Vovó Alice, avó paterna, que morava conosco, meus pais, não. De quatro em quatro degraus subi ao quarto que dividia com meu irmão e explodi em choro convulso, me jogando de bruços na cama, a cabeça afundada no travesseiro. Não recordo de quanto tempo durou o acesso. Lembro de Mãezinha chegar no quarto, sentar-se ao meu lado na cama, e dizer com naturalidade agora é preparar-se para a segunda época. De Paizinho, não lembro o primeiro momento em que o vi depois disso, e não recordo sua reação, tampouco comentários seus. A memória (ou a ausência dela) é sintoma do silêncio que envolvia sua relação com os filhos.

Ao chegar em casa, pouco depois de mim, Mãezinha já sabia. Era Inspetora Federal de Ensino e, rotineiramente ou não, havia passado no Ginásio e se informado do resultado. Sua primeira reação foi de perplexidade, não é possível, há algum engano, ele é um excelente aluno. A primeira prova era de Português, e a parte principal era uma

redação a partir de um poster exibido em sala. Minha redação era o caos, nada fazia sentido, não escrevi sobre o poster, escrevi um delírio.

Não havia engano algum. Houve um colapso de minha parte, isso é claro. Ou, se preferirem, um descolamento no presente, o embarque numa viagem que me levou pra longe dali, simbolicamente – uma forte recusa do tempo (não quero avançar na idade) e do espaço (não quero estar aqui). Para mim, a explosão do episódio foi parte integrante de um processo de transformação que envolvia meu corpo e minha mente. Paradoxalmente, carecia um freio de arrumação como forma de acelerar o processo – e nisso se coloque o silêncio que o envolvia – cuja lentidão me era insuportável.

Ainda sobre o silêncio, não pensem que reinava em casa um silêncio monástico, ao contrário, era um ambiente intelectual frequentado por muitos amigos, conversando acaloradamente – como era o estilo de Paizinho – sobre temas como música, pintura, literatura, política. Comportamentos pessoais, relações afetivas, sexo, não. Principalmente, não sobre *nossos* comportamentos – dos filhos, ou dos pais, ou das relações pais-filhos – temas-tabu cujo veto cobrou um preço alto.

Passávamos parte dos verões numa casa cedida por uma tia querida na praia de Piedade. A diferença das outras vezes é que havia tarefas de estudo diárias a que me dediquei, assistido por Mãezinha. Eu passava e repassava os conteúdos do exame de admissão, e escrevia dissertações que eram submetidas ao seu rigoroso escrutínio.

Na segunda época, passei em primeiro lugar.

4

Fui um retardado sexual. É a conclusão a que chego em retrospecto, quando deparo com a literatura sobre o tema. Por exemplo, na ficção fortemente autobiográfica (e fascinante) de Édouard Louis, ele conta que desde tenra idade – quatro, cinco anos – seu desejo sexual se manifestava intensamente, inclusive quanto a sua orientação homossexual. Daí todo seu esforço *fake* ao longo da infância – nas brincadeiras, nos gestos, no palavreado, na forma de falar, nos temas de conversas – para se inserir entre seus pares, num ambiente fortemente machista e homofóbico. Salvo falhas de memória ou sublimações das quais não sou consciente (ao contrário de Louis e de tantas outras narrativas), o tema – sexo – curiosamente não estava em pauta no grupo com que convivi. Ou será que eu evitava as rodas em que o assunto era tratado?

Isso durou até cerca do final do curso primário, quando adentro o Ginásio e ocorre o episódio relatado (lembrem: eu tinha 10 anos). Referi o fato de sexo ser assunto tabu em casa – zero de informações ou conversas sobre o tema. A informação que eu tinha vinha de conversas com amiguinhos, piadas, relatos, mas de maneira desorganizada ou simplesmente errada. Uma informação séria, não preconceituosa, pedagógica, hoje farta na internet ou nas redes sociais (junto com muito lixo, claro), e até como item formal nas escolas – "Educação sexual" – à qual qualquer criança tem

acesso, não estava disponível, ou simplesmente a ela não tive acesso, em função, em parte, do ambiente familiar em que vivia. A desinformação em nada contribuía para o conhecimento do meu corpo que começava a se transformar e a apresentar novas sensações e novas manifestações físicas.

Um silêncio de sarcófago envolvia as questões da sexualidade.

A entrada no Ginásio foi um divisor de águas. Talvez porque o alunato fosse diferente: eu vinha de um curso primário numa escola particular mista, o Instituto Recife, e o Ginásio era público, gratuito, e somente masculino. Simplificando, havia duas galeras: uma que reproduzia mais ou menos o que eu tinha em casa, e o que eu tinha tido no curso primário, entre cujos membros o assunto era cinema, arte, cultura, esportes, jogos, literatura, diversões (claro), e em que, novamente, não se falava de sexo – ou quase nada. E havia outra galera, ao contrário, obcecada por sexo, em que o assunto onipresente era a punheta, as esfregadelas nas menininhas "atiradas" (valia tudo menos penetração), as prostitutas, tudo isso revelando um machismo e uma misoginia extremos. As visitas à "zona", a área de prostituição no centro do Recife antigo, eram frequentes, e os feitos eram a matéria-prima das conversas ao longo da semana. Algumas vezes me deixei arrastar com a turma, e enquanto o pessoal adentrava os sobradões, eu ficava por ali disfarçando, pelas calçadas, sentado na mesa de um dos barzinhos, dava uma volta no quarteirão para sumir da vista deles, mas não entrava nos prédios – não desconfiaram que nunca tive relações com uma prostituta.

No Ginásio, podemos falar num perfil aproximado de classe, embora as fronteiras não fossem claras. Não havia a burguesia (essa estava nas escolas privadas da elite); era um grupo típico de classe média, mas incluía alunos da classe trabalhadora. Podia ser dividido em dois subgrupos. Arriscaria caracterizar um perfil de subclasses de renda, a primeira tendendo a uma renda mais alta, de hábitos mais sofisticados, e a segunda, de renda mais baixa, de hábitos mais populares. Sim, havia essa tendência, mas a classificação que me interessa é outra, uma que embaralha a divisão acima; de um lado, a "turma do bem", à qual – sem falsa modéstia – me juntei; de outro lado, a "canalha", e, friso novamente, isso atravessava fronteiras de classe. As tensões no grupo se davam por essa última divisão. A turma do bem era constantemente assediada moral e fisicamente pela canalha, na fila formada depois do recreio, para entrar na sala, ao tentarem esfregar o pinto na bunda de quem estava na frente; nos convites para ir ao vestuário nos momentos em que estava deserto, para, obviamente, fazer sexo. No primeiro caso, ou eu empurrava o canalha para deixar claro que não estava a fim, ou mudava de lugar na fila; no segundo caso, alertado por amigos e intuindo que não era exatamente nada de bom o que podia acontecer, nunca aceitei os recorrentes convites ao vestuário – considerando minha ignorância sexual e a canalhice desse grupo, escapei de poucas e boas.

Falei no divisor de águas que foi a entrada no Ginásio. Pois somente a partir daí (fui um retardado, já disse) comecei a ter ereções frequentes, em função das conversas de sacanagem que presenciava. O esforço era esconder o pau duro dentro das calças – ainda bem que folgadas. Junto com as ereções vieram as poluções noturnas, que normalmente vêm com o gozo espasmódico do orgasmo, o que acorda o ejaculante – assim reza a literatura. Pois ela está errada no meu caso: não havia o gozo com seus espasmos e eu continuava em sono sereno ao longo dos transbordos da porra dos quais eu só me dava conta ao despertar pela manhã. Acordava com o pijama melado, que procurava esconder até que secasse, ou lavava discretamente, ou simplesmente ignorava. Decerto isso era percebido por Mãezinha, ou Paizinho, ou por ambos, ou mesmo por meu irmão, com quem compartilhava o quarto, mas, para variar, nem uma só palavra sobre o assunto. Minha timidez doentia – ou o *modus operandi* da relação com os amigos – tampouco me permitia levar o assunto a eles. Por quase três anos esse tipo de meladeira foi rotina.

Até a primeira punheta.

Entre os doze e os treze anos as conversas com a galera resultaram naturalmente nas primeiras manipulações exploratórias do pinto, normalmente durante o banho, provocando fortes ereções. As conversas com a minha turma eram pouco informativas, portanto mal sabia o que estava acontecendo com meu corpo e o temor de algo novo aflorava. À medida que crescia a intensidade da manipulação, crescia também o prazer, mas surgia também o receio de um "depois" que me impedia de ir até o fim – pisava no freio, parava antes de gozar.

Até que certa vez, aos treze anos completos (como esquecer?), iniciei o que seria mais uma sessão incompleta de punheta. Comecei, como sempre, pela manipulação lenta do pau, até a ereção completa, e daí fui acelerando. Aproximou-se um prazer intenso como nunca havia sentido. Não consegui parar, agitei o pinto como um louco, liguei o foda-se, e mandei à merda os receios de desmaio, síncope cardíaca, cegueira, morte súbita – tudo o que (me contavam) podia acontecer – até que afinal gozei.

O primeiro jorro de porra foi a dois metros de distância (recorde insuperado).

Alívio, surpresa, alegria, prazer: afinal, não matava. Embora fosse aparentemente simples, o evento bateu forte em mim – senti u'a mudança de status na minha vida. Como todas as tardes, tomei a bicicleta e fui visitar Vovó Inah. Ao cruzar com os passantes, tinha vontade de berrar a plenos pulmões sou homem!, sou homem!; ao grito preso no peito, somou-se a tristeza de não conseguir compartilhar a boa nova nem com os amigos próximos. Não me dei conta, naquele momento, que uns bons anos ainda se passariam até minha maturação sexual – se a primeira transa de verdade com uma namorada é um bom indicador (ainda que com ejaculação precoce).

5

Era um ritual vespertino. Diariamente eu percorria, a pé ou de bicicleta, os quatro quarteirões que separavam nossa casa da de Vovó Inah, minha avó materna, citada, no bairro do Espinheiro. O bairro era tranquilo, as calçadas generosas, sombreadas por imensos oitizeiros, ladeadas somente por casas, a maioria térreas. Uma que outra venda de esquina. Pronto. Nada de prédios de apartamentos, menos ainda os espigões de hoje. A primeira residência de meus pais, recém-casados (1943), foi na Vila dos Bancários, não longe dali, onde ficamos até 1950, um ano mais, um ano menos (eu havia nascido em 1944). Quando se mudaram para o Espinheiro, a rua sequer era calçada. A família viveu sucessivamente em quatro casas, todas nas cercanias, até que se mudou para o Rio em 1972. (Eu saí em 1967, quando, formado, fui trabalhar no Maranhão – mas essa é outra história.)

A casa de Vovó Inah era assobradada, de esquina, um dos lados voltado para simpática pracinha. Dentro do terreno, próximo à quina do lote, um lindo flamboaiã, exuberantemente florido a cada final de ano. Havia dois pequenos terraços, um voltado para cada rua. No do lado da pracinha ela me esperava, comodamente instalada em sua cadeira Taunay de balanço. Mesmo no clima recifense, fizesse chuva fizesse sol, exibia um indefectível delicado xale de lã, abotoado com um medalhão. Na cabeça, um finíssimo véu quase invisível envolvia o cabelo cuidadosamente arrumado.

Eu estava nos primeiros anos de minha adolescência, aí pelos treze ou quatorze anos. Entrava, sentava na outra cadeira do terraço (só havia duas), conversávamos. Na verdade, eu mais ouvia que falava: o tema eram memórias antigas, muito antigas, de quando ela era menina, ainda no século XIX – havia nascido em 1874. Assunto predileto eram as aventuras da Tia Bili, abolicionista, a esconder escravizados no fundo de barcaças que deixavam Pernambuco na direção do Maranhão, onde já estavam libertos. De extração aristocrática, Josefina Marinho Sarmento Borges tinha ascendência portuguesa. Casou com Alfredo Bartolomeu da Rosa Borges, de igual ascendência. Não lembro dele, tinha dois anos incompletos quando morreu, embora haja uma fotografia da imensa família, ele inclusive, mas na qual eu estou sentado no colo de Vovó Inah. Havia sido usineiro, falido na crise de 1930. Conservadora, no entanto Vovó narrava com orgulho as histórias da personagem subversiva da família – a Tia Bili – de um século atrás.

Às quatro, era a hora do chá, acompanhado de uma tapioca fininha, estilo pernambucano, preparada por Luiza, com ela há décadas. Era mais uma governanta que uma empregada doméstica; altiva, gerenciava as lides da casa com a autoridade de uma princesa africana, qualquer trela e nos encolhíamos ante seu olhar fulminante.

Em certo período, as conversas eram entremeadas por estudo ao piano, numa das salas do térreo da casa, instrumento a que me dediquei por alguns anos. (Que estupidez o ter largado! Vez por outra sinto a tentação de voltar, tentação até hoje reprimida.)

Vigilante, Vovó me ouvia em sua cadeira de balanço no terraço contíguo; quando eu errava, ela levantava-se e adentrava a sala para alertar-me e conferir a partitura. No entanto, às vezes insistia que havia erro no que era uma dissonância própria a uma peça moderna demais para seus ouvidos.

Eu e meu irmão mais novo, Roberto, éramos "meus louros". Sem sermos os primeiros netos, talvez por virmos da filha caçula entre os oito que chegaram à vida adulta – cinco homens, três mulheres, dos quinze partos que teve – ou pela proximidade das moradas, ou por outra imponderável razão, nós ganhamos local privilegiado nos seus afetos. No entanto, minhas cinco irmãs, as *netas*, não ocupavam lugar sequer próximo nesse querer – diferenças (e preferências) de gênero não podiam ser mais claras.

Se não houvesse a visita vespertina, lá ia ela, figura alta, esguia, empertigada, com seu passo rápido e curtinho, a percorrer os quarteirões que separavam as duas casas para saber o que havia de "errado". Ninguém a diria octogenária.

Quando adoeceu, não saiu mais do leito. A partir de então, as visitas e as conversas, cada vez mais curtas, as falas entremeadas de longos silêncios, se davam no seu quarto no primeiro andar, ela deitada, eu sentado ao pé da cama. Perto do final, quase não tinha forças para falar, mas a simples presença do neto a confortava.

Com o tempo ficou quase irreconhecível. As feições delicadas se deformaram, o rosto inchou, respirava cada vez com mais dificuldade pela boca sempre aberta, um fio de saliva a escorrer pelos cantos – caricatura desoladora do que havia sido. Um dia, não lhe dei o tradicional beijo de despedida, e me esgueirei porta afora com um desajeitado até amanhã, Vovó. Desci em disparada, mas o remorso de não lhe ter beijado me alcançou de um bote já no primeiro degrau da escada – garras que se me cravaram nas costas e aí estão fincadas até hoje.

Não houve amanhã. Morreu naquela madrugada de 16 de setembro de 1959. Eu tinha quinze anos.

No velório, me segurei até que Mãezinha me chamou para despedir-me dela, antes de fecharem o esquife. Um a um, nos aproximávamos e beijávamos sua testa fria, na sala do piano onde tantas vezes ela corrigiu o ex-futuro músico; daí o choro convulso irrompeu aos borbotões. Os restos de Vovó Inah, aos que mais tarde se juntaram os de Mãezinha e de suas irmãs e irmãos, estão no cemitério de Sto. Amaro, no Recife.

6

O sol baixou um pouquinho mais, porém o clarão no céu se manteve e a luz continuava a formar a miríade de raios que atravessavam a goiabeira. Sim, é hora. Levantei-me da espreguiçadeira, urna das cinzas nas mãos, e em lances sucessivos arremessei o conteúdo sobre a goiabeira, rodeando sua copa (não era alta). Como previ, os raios luminosos ganharam nova vida, agora espessados pelas cinzas, cujas milhares

(milhões?) de partículas brilhavam e dançavam nos raios, movendo-se na medida do vento suave que soprava e rodopiava no quintal. Eu olhava embevecido o meu desaparecimento. Em parte, era levado pelo vento, em parte colava-me às folhas às quais em pouco tempo me incorporaria sem deixar rastros, em parte aterrissava na grama, e quiçá servisse para alimentar as minhocas logo abaixo. Pois,

ao solo, as cinzas
ao s lo, as ci zas
ao s lo, s ci za
a s o, s ci a
s , s i a
, s i
s



Meus avós Inah e Alfredo, cercados de filhos, filhas, genros, noras, netos. Eu estou sentado no colo de Vovó Inah, aproximadamente no centro da fotografia, que deve datar de algum momento entre final de 1945 e início de 1946.

(Esta versão em português, Brasília, 25.10.2025. Menção Honrosa na 1ª Competição Literária Rubem Braga.)

TO THE GROUND, THE ASHES

1

I'm lounging in a deck chair on the veranda, overlooking the backyard. In my hands, my ashes in the urn. I'd imagined this moment many times, but I couldn't decide: what to do with them? Damn it, why couldn't the funeral home itself take care of their disappearance, instead of delivering the contents and container to family members or some designated person? Since it had to be done, I designated myself. So here I am with this drudgery.

I think of the beach, the western coast of Ceará, the place where my wife was born (now a widow), of the immensity of the sea, of the trade winds. When I shook the urn to release the ashes, in a matter of seconds they would have disappeared, partly carried away by the wind, partly settling on the sand and in the water at the seashore (in Ceará, the wind is parallel to the beach, unlike my homeland, Recife, where it is perpendicular). No. There would be something too vast and impersonal, an unsolicited gift to the people – so many people – who frequented the place. I needed a more tangible, defined, delimited place that I could identify as mine.

The orchard isn't vast, but it has an avocado tree, orange trees, a mango tree, a jaboticaba tree, a banana plants, and a guava tree. What if I simply fertilized them, distributing the contents of the container around the fruit trees, mixing it with the freshly applied chemical fertilizer and manure? No. The idea of mixing them with manure bothered me; I could be stuck with that smell forever.

I remain reclining on the deck chair on the veranda, watching the afternoon fade away, the urn in my lap. Time stands still, the sky is overcast, there are no clearly defined patterns of light and shadow highlighting the fruit trees on the lawn. Suddenly, perhaps as a farewell to the day, a bright opening appears in the sky —but not just any opening, nor in just any place. The sun is behind the guava tree and passes through its delicate texture, drawing a myriad of rays that land on the lawn, extending across it, refracted like pencils inside a glass of water. Those on the ground are more visible than those crossing the air, although a few tiny particles of dust suspended in the air betray their presence. The faintly defined rays pass between the leaves and thin branches of the guava tree. What if I gave them greater corporeality, filling them with the near-immateriality of my ashes, yet making them denser?

I pushed myself up on the deckchair but stopped halfway. Was it time? I anticipated a longing for the subsequent non-existence. In a way, I was still there, locked in that urn. However, once thrown into the air, particles, molecules and atoms of

the ashes would lose the continuity they once had as constituents of the beating heart, the circulating blood, the thinking brain. Once those molecular bonds were broken, then, yes, I would be truly dead. I naively thought that the physical continuity between the particles that once constituted my body still gave me a remnant of identity, something still palpable here and now. True, they were not all the molecules I had when alive, only those that survived the flames of cremation.

These are the ones that are now in the urn. However, they are incomplete in another way, besides their limited materiality: zero electrical signals emitted by the brain, because of the matter–energy duality, the second term has been lost. (I know, I know, let this one slide, because matter and energy are inseparable, as that nice old man sticking his tongue out at us revealed.) There was no longer a certain configuration that united them to form the locus of language, a distinctive element of my race – the human race. That is, as an undead being, because now, human ashes and dog ashes are the same shit – sorry: they are the same ashes.

However, there is no single type of death, as João Cabral de Melo Neto suggests in his poem *Morte e vida severina* (*Severina Life and Death*), in which the forms of death imply "dying of old age before the age of 30, of ambush before the age of 20, or of hunger a little each day." These are deaths-deaths, with no return. Yes, they exist and will be illustrated here. But there are others, half-deaths: they kill but spare, kill what becomes a past, kill to open up the future. They resemble a rite of passage, anthropologists would say: a milestone (death) between two lives, among the many scattered between birth and... ashes – all less radical than the first, because none eliminates the body.

2

There are the dead and the dead, there are deaths and deaths. There are three categories of people, according to the deaths they inflict on us. Those in our daily lives, those we love and who renew our happiness when we see them at each encounter, individually or collectively, who make us fuller with each contact, enriched because they add a little bit of someone else"s life to our own, a gift generously offered, received, incorporated. There is a death involved in this coexistence: at every moment, who we were no longer exists (now we are someone else), surpassed by something greater than what was there before, modifying the old, but retaining all its accumulated essence. It is a death by *addition*.

Now to the opposite. When loved ones pass away, their death is also, in part, our death. With rare precision and philosophical beauty, Evaldo Coutinho expresses it. In

the “lamp metaphor” in his book O lugar de todos os lugares (The Place of All Places), he deals with our real, concrete, material being. “While lit, your lamps illuminate my being (...), but [I register myself] deceased in the death of the others, leaving, with everything else, the repertoire of those who have passed away.” There is a death (ours) in another death (the others’), we become definitively crippled because our previous completeness has been irretrievably lost. This death is usually individual, but in cases of extreme misfortune, it may happen to be the death of a collective body – for example, a disaster that strikes a group of friends while we escape it. As a tribute to Evaldo Coutinho, I call it *fade out* death.

And then there is the third type. Unlike the first case, these are not drops of transformation that change us every day through interaction and exchange with others, thereby enriching us – death by addition (first pole). Nor is it the loss of “a piece of me”, in the powerful and beautiful poetry of Chico Buarque’s song of the same name, expressing the opposite extreme and corresponding to fade out death by Evaldo Coutinho (opposite pole). It is something midway, from which another person emerges, transformed by diminution. We are constituted by what Pierre Bourdieu called *capitals*, for example, economic resources (my bank account, my car), cultural resources (the language – or languages – I speak, the music I enjoy, the way I speak, gesture, behave at the table), ideological resources (the ideas I embrace about the world), social resources (my relationships with others), architectural resources (the places I inhabit, routinely or exceptionally). Capitals constitute my *habitus*, another central concept of Bourdieu's – ways of having, thinking, feeling and acting that position me within society and differentiate me from others. For this third type of death, since it is not the radical loss of someone who constitutes our life – fade out death – it is the loss of capitals whose combination shapes the existence of each one of us. This loss results in people who are diminished, smaller: death by *subtraction*.

What they have in common is that they are episodes of rupture, more or less radical. I invite the reader to take a stroll through episodes from my own existence and, through their (my) deaths, put a few pieces of the puzzle of my individuality into place. Events in time turn our lives upside down: so often we think, that self died; now I am someone else. Here I recount three moments – three deaths. The reader will decide which category each one belongs to.

3

I was ten years old, so I would be taking the Pernambuco High School Entrance Examination at an early age. If this is the first death I remember, it is because nothing

important happened before – at least, not as far as I am concerned and as far as my memory allows me to recall. Apart from schoolwork, everything boiled down to playing football in the street (at which I was very bad), flying kites, going to the beach on Sundays on a bus chartered by the Banco do Brasil Athletic Association (Dad was a bank employee), climbing the mango tree at the back of our yard, picking and sucking the fruit, or simply playing around among the branches of the tree and staying there for a long time, assembling and driving the electric train my parents had brought from France, playing ping-pong in the garage (we didn't have a car), visiting the family farm in the Casa Amarela neighbourhood, where we would spend hours up in the jambolan tree, until our tongues turned purple – the colour of the fruit. And, yes, the obligatory visit to Grandma Inah, my maternal grandmother, with whom I had afternoon tea. Nothing stood out – not enough to signal a turning point, not enough to mark a barrier crossed, not enough to reach the point of this one died, let's move on to the next.

Until the Entrance Examination to High School.

The place was the courtyard of the Ginásio Pernambucano in Recife, a beautiful century-old Neoclassical building on the banks of the Capibaribe River. I was among dozens of other candidates waiting for the result of the first, eliminatory examination, whose passing was therefore a prerequisite for taking the subsequent ones. The names were called in alphabetical order: Alceu, Atílio, ... Carlos, Cícero, ... Felipe, Fernando, Francisco, ... Geraldo. My name was not called. Its absence was followed by a violent leap in my heart rate. I had failed. I leaned against a wall so as not to fall from the dizziness that overcame me. I remained there, motionless, until the last name was called and the last unsuccessful candidate left the courtyard, heading for who knows where.

It was time to go home. I usually took the tram, which carried me from the city centre to a stop on João de Barros Avenue, about five blocks from our house. At the time (1955), trams were still widely used in Recife. Between the high school and the tram stop, I preferred the route that crossed May 13th Park, about 400 metres long, bucolic, shaded by towering ficus trees, embellished with illuminated fountains. Not this time. Still unsteady on my feet, I turned left at the centre of the park, catching sight of the emblematic Eclectic building of the Recife Law School, at the far end of a beautiful vista through the gardens, occupying the centre of an enormous block all to itself. Slowly, I walked around the building through the gardens, walking, stopping, sitting on benches; it took me a good few dozen minutes. Having completed the circuit, I returned to May 13th Park and from there made my way to the tram stop on Hospício Street. I decided to face the tram and the journey home, unable to imagine how I would break the news.

I don't remember who was at home, whether it was just the domestic staff or one of my siblings – certainly Grandma Alice, my paternal grandmother, who lived with us – but not my parents. Four steps at a time, I climbed the stairs to the room I shared with my brother and burst into convulsive sobs, throwing myself face down on the bed, my head buried in the pillow. I don't remember how long the fit lasted.

I remember Mum coming into the room, sitting beside me on the bed, and saying matter-of-factly, "Now it's time to prepare for the second round." As for Dad, I don't remember the first time I saw him after that, nor do I remember his reaction or any comments he made. The memory (or lack thereof) is symptomatic of the silence that surrounded his relationship with his children.

When she got home, shortly after me, Mum already knew. She was a Federal School Inspector and, whether as part of her routine or not, had stopped by the high school and found out the result. Her first reaction was one of bewilderment: "It can't be, there must be some mistake, he's an excellent student." The first exam was in Portuguese, and the main part consisted of an essay based on a poster displayed in the classroom. My essay was chaos; nothing made sense. I hadn't written about the poster; I had written a delirium.

There was no mistake. There was a breakdown on my part, that much is clear. Or, if you prefer, a detachment from the present, embarking on a journey that took me far away from there, symbolically – a strong rejection of time (I don't want to grow older) and space (I don't want to be here). For me, the explosion of the episode was an integral part of a process of transformation involving my body and mind. Paradoxically, what was needed was a brake to speed up the process – and this is where the silence surrounding it comes in – whose slowness was unbearable to me.

As for the silence, don't think that a monastic silence reigned at home. On the contrary, it was an intellectual environment frequented by many friends, who would engage in heated conversations – as was Dad's style – about subjects such as music, painting, literature and politics. Personal behaviour, emotional relationships, sex – no. Above all, not our behaviour – that of the children, or the parents, or the relationships between parents and children – taboo subjects whose prohibition exacted a high price.

We spent part of the summers in a house lent to us by a dear aunt on Piedade Beach. The difference this time was that there were daily study assignments, to which I devoted myself with Mum's help. I went over and over the contents of the entrance examination, and wrote essays that were subjected to her rigorous scrutiny.

In the second round, I came first.

4

I was sexually late to develop. That is the conclusion I reach in retrospect when I come across the literature on the subject. For example, in Édouard Louis's strongly autobiographical (and fascinating) fiction, he recounts how, from a very young age – four or five – his sexual desire manifested itself intensely, including in relation to his homosexual orientation. Hence all his fake efforts throughout childhood – in games, gestures, vocabulary, ways of speaking, topics of conversation – to fit in with his peers in a strongly macho and homophobic environment. Unless I am suffering from memory lapses or sublimations of which I am unaware (unlike Louis and so many other narratives), the topic – sex – was curiously not on the agenda in the group I grew up with. Or did I avoid the circles where the subject was discussed?

This lasted until around the end of primary school, when I entered the Gymnasium and the episode described above occurred (remember: I was ten years old). I have mentioned that sex was a taboo subject at home – there was zero information or conversation about it. The information I had came from conversations with friends, jokes and stories, but in a disorganised or simply inaccurate form. Serious, unbiased, educational information, now abundant on the internet and social media (along with a great deal of rubbish, of course), and even available as a formal subject in schools – "sex education" – to which any child has access, was not available to me, or I simply had no access to it, partly because of the family environment in which I lived. This lack of information did nothing to contribute to my understanding of a body that was beginning to change and to present new sensations and physical manifestations.

A sarcophagus-like silence surrounded issues of sexuality.

Starting at the Gymnasium was a turning point. Perhaps because the student body was different: I had come from a mixed private primary school, the Instituto Recife, whereas the Gymnasium was public, free, and for boys only. Simply put, there were two groups: one that more or less reproduced what I had at home and what I had experienced in primary school, whose members talked about cinema, art, culture, sports, games, literature, entertainment (of course), and, once again, did not talk about sex – or hardly at all. And there was another group, by contrast, obsessed with sex, where the ever-present topics were masturbation, rubbing against "easy" girls (anything went except penetration), and prostitutes, all of which revealed extreme machismo and misogyny. Visits to the "zone", the prostitution district in the centre of old Recife, were frequent, and their exploits were the raw material of conversations throughout the week. Sometimes I let myself be swept along with the gang, and while the others went into the old townhouses, I would linger there, pretending, sitting at a table in one of the little

bars, or walking around the block to disappear from their sight, but I never went into the buildings – they never suspected that I had never had sex with a prostitute.

At the Gymnasium, we can speak of a roughly defined class profile, although the boundaries were far from clear. There was no bourgeoisie – they were in the elite private schools. It was a typical middle-class group, but it included working-class students. It could be divided into two subgroups. I would venture to identify two income-based strata, the first tending towards higher incomes and more sophisticated habits, the second towards lower incomes and more popular habits. Yes, there was such a tendency, but the classification that interests me is another, one that cuts across the division described above: on the one hand, the ‘good guys’, whom – without false modesty – I counted myself among; on the other, the ‘scoundrels’. And, I stress again, this cut across class boundaries. The tensions within the group arose from this latter division. The good guys were constantly subjected to moral and physical harassment by the scoundrels: in the queue after recess, waiting to enter the classroom, they would try to rub their dicks against the bums of those in front of them; or they would invite them into the changing room when it was deserted, obviously to have sex. In the first case, I either pushed the scoundrels away to make it clear that I wasn't interested, or changed places in the queue. In the second, warned by friends and sensing that nothing good could come of it, I never accepted the repeated invitations to the changing room. Given my sexual ignorance and the scoundrelism of this group, I narrowly escaped a bad situation.

I mentioned the turning point that was entering secondary school. It was only from then on that I began to have frequent erections (I was a late developer, as I said), triggered by the dirty conversations I overheard. My concern was to conceal my hard-on inside my trousers – thankfully, they were loose. Along with the erections came nocturnal emissions, which normally occur with the spasmodic pleasure of orgasm, which awakens the ejaculator – or so the literature tells us. Well, it was not so in my case: there was neither pleasure nor spasms, and I remained serenely asleep throughout the emissions of semen, of which I became aware only on waking in the morning. I would wake with my pyjamas stained, which I tried to hide until they dried, or discreetly washed, or simply ignored. Certainly, Mum, Dad, or both, or even my brother, with whom I shared the room, noticed, but, as usual, not a word was said about it. My morbid shyness – or simply the modus operandi of my relationships with friends – also prevented me from raising the subject with them. For almost three years, this kind of mess was routine.

Up to the first jerk-off.

Between the ages of twelve and thirteen, conversations with my mates naturally led to the first exploratory manipulations of my cock, usually during bath time, causing strong erections. The conversations with my friends were not very informative, so I hardly knew what was happening to my body and the fear of something new arose. As the intensity of the manipulation increased, so did the pleasure, but there was also the fear of an “after” that prevented me from going all the way – I would put on the brakes and stop before climaxing.

Until one day, when I was thirteen (how could I forget?), I began what would be yet another incomplete session of wanking. I started, as always, by slowly stroking my prick until I was fully erect, and then I began to speed up. An intense pleasure I had never felt before approached. I couldn't stop, I jerked off like crazy, I didn't give a damn, and I told my fears of fainting, cardiac arrest, blindness, sudden death – everything that (I was told) could happen – to fuck off, until I finally came.

The first spurt of cum travelled two meters (an unbeaten record).

Relief, surprise, joy, pleasure: after all, it wasn't fatal. Although seemingly simple, the event hit me hard – I felt that my status in life had changed. As I did every afternoon, I took my bike and went to visit Grandma Inah. Whenever I crossed paths with passers-by, I felt an urge to shout at the top of my lungs, “I am a man! I'm a man!” The cry stuck in my throat, adding to the sadness of not being able to share the good news even with my close friends. I didn't realise at the time that it would be several years before I reached sexual maturity – if having sex with a girlfriend for the first time is a good indicator (even with premature ejaculation).

5

It was an afternoon ritual. Every day, I would walk or cycle the four blocks separating our house from Grandma Inah's, my maternal grandmother, in the Espinheiro neighbourhood. It was a quiet place, with wide pavements shaded by huge oiti trees and lined only with houses, most of them single-storey. There was the occasional corner shop. That was it. No apartment buildings, let alone the high-rises of today. My parents' first home as newlyweds, in 1943, was in Vila dos Bancários, not far from there, where we stayed until 1950, give or take a year (I was born in 1944). When they moved to Espinheiro, the street wasn't even paved. The family lived in four successive houses, all in the vicinity, until they moved to Rio in 1972. (I left in 1967, when, after graduating, I went to work in the State of Maranhão – but that's another story.)

Grandma Inah’s house was a two-storey corner house, one side overlooking a charming little square. On the property, near the corner of the lot, stood a beautiful

flamboyant tree, lavishly in bloom at the end of each year. There were two small terraces, one facing each street. On the side facing the square, she would wait for me, comfortably seated in her Taunay rocking chair. Even in Recife's warm climate, rain or shine, she would unfailingly wear a delicate wool shawl, fastened with a medallion. On her head, a very fine, almost invisible veil covered her carefully arranged hair.

I was in my early teens, around thirteen or fourteen. I would go in, sit on the other chair on the terrace (there were only two), and we would talk. In fact, I listened more than I spoke: the subject was old memories, very old memories, from when she was a girl, still in the nineteenth century – she was born in 1874. Her favourite subject was the adventures of Aunt Bili, an abolitionist, who hid slaves in the holds of barges leaving Pernambuco for Maranhão, where they were already free. Of aristocratic extraction, Josefina Marinho Sarmento Borges was of Portuguese descent. She married Alfredo Bartolomeu da Rosa Borges, of equal ancestry. I don't remember him; I was less than two years old when he died, although there is a photograph of the whole family, including him, in which I am sitting on Grandma Inah's lap (please see the photograph at the end). He had been a sugar planter who went bankrupt during the crisis of the 1930s. Conservative herself, Grandma nevertheless proudly recounted the stories of the subversive character in the family – Aunt Bili – from a century earlier.

At four o'clock, it was teatime, accompanied by thin Pernambuco-style tapioca prepared by Luiza, who had been with her for decades. She was more a housekeeper than a maid; haughty, she ran the household with the authority of an African princess, and we would cower before her withering gaze.

At one point, our conversations were interspersed with piano lessons in one of the rooms on the ground floor, an instrument to which I devoted myself for a few years. (How stupid of me to have given it up! Every now and then I feel tempted to return to it, a temptation I have resisted to this day.) Vigilant, Grandma listened to me from her rocking chair on the adjoining terrace; whenever I made a mistake, she would get up, go into the room, alert me and check the score. Sometimes, however, she insisted that there was a mistake where there was actually a dissonance typical of a piece that was simply too modern for her ears.

My younger brother Roberto and I were her "darling boys". We were not her first grandchildren, but perhaps because we were the children of the youngest of her eight children who reached adulthood – five boys and three girls, out of the fifteen births she had – or because our homes were close to hers, or for some other imponderable reason, we occupied a privileged place in her affections. My five sisters,

however, her granddaughters, did not come anywhere close to occupying such a place – the difference in gender (and preference) could not have been clearer.

If there was no afternoon visit, there she would go, tall, slender and upright, taking her quick, short steps along the blocks separating the two houses to find out what was "wrong". No one would have guessed she was in her eighties.

When she fell ill, she never left her bed again. From then on, visits and conversations, increasingly brief and interspersed with long silences, took place in her room on the first floor, with her lying down and me sitting at the foot of the bed. Towards the end, she barely had the strength to speak, but the mere presence of her grandson comforted her.

Over time, she became almost unrecognisable. Her delicate features became distorted, her face swelled, and she breathed with increasing difficulty through her constantly open mouth, a trickle of saliva running from the corners – a heartbreaking caricature of what she had once been. One day, I did not give her the traditional goodbye kiss, and slipped out the door with an awkward "See you tomorrow, Grandma." I rushed downstairs, but the remorse of not having kissed her caught up with me on the first step of the staircase – claws that dug into my back and remain there to this day.

There was no tomorrow. She died in the early hours of 16 September 1959. I was fifteen years old.

At the wake, I held back until Mum called me to say goodbye to her before they closed the coffin. One by one, we approached and kissed her cold forehead, in the piano room where she had so often corrected the musician I was to become; then the convulsive weeping burst forth in torrents. The remains of Grandma Inah – later joined by those of Mum and her sisters and brothers – rest in Santo Amaro Cemetery, in Recife.

6

The sun had dropped a little lower, but the glare in the sky remained, and the light continued to form a myriad of rays piercing through the guava tree. Yes, it's time. I got up from the deckchair, the urn of ashes in my hands, and, in successive throws, scattered its contents over the guava tree, surrounding its crown (it wasn't tall). As I had predicted, the rays of light took on new life, now thickened by the ashes, whose thousands (millions?) of particles sparkled and danced in the rays, carried by the gentle breeze that blew and swirled through the yard. I watched in awe as I disappeared. Some of the ashes were carried away by the wind; some clung to the leaves, where they would

soon be incorporated without leaving a trace; some landed on the grass and perhaps served to feed the earthworms below. For,

to the ground, the ashes
to th gro nd, the a hes
to t gro d, the a es
t t ro d, he a es
t ro d, e a s
t o s
o



My grandparents, Inah and Alfredo, surrounded by their sons and daughters, sons-in-law and daughters-in-law, and grandchildren. I am sitting on Grandma Inah's lap, approximately in the center of the photograph, which must date from sometime between late 1945 and early 1946.

(Portuguese version, Brasília, 25 October 2025; this English translation, Brasília, 16 December 2025. Honourable Mention in the 1st Rubem Braga Literary Competition.)

2026

CICLO (20.1.2026)

CYCLE (21.1.2026)

INVENTÁRIO (31.1.2026)

INVENTORY (6.2.2026)

DUNA (V2) (26.2.2026 — 8.3.2026)

DUNE (V2) (8.3.2026)

PÓ (18.4.2026)

DUST (18.4.2026)

A REDE VERMELHA (29.5.2026)

INOCÊNCIA (11.6.2026)

PRIORIDADES 80+ (30.7.2026)

LIVRE-ARBÍTRIO (18.8.2026)

ACASO (20.8.2026)

SENTIDOS (16.9.2026)

SENSES (16.9.2026)



CICLO

1

Há um século não havia praticamente nada. Era um sítio abandonado que seu sogro recebera por sua vez do seu pai: Luis Ferreira Gangorra ali criava ovelhas e plantava fruteiras, cereais, legumes, e deixou seu nome gravado naquela terra. O sítio tinha uma vegetação rala, algo entre caatinga e mata de capoeira, típica da região próxima à costa, no litoral oeste cearense. Na extremidade noroeste do terreno, próximo à trilha de acesso ao sítio desde o centro do pequeno povoado de Canaan (cerca de 1 km de distância), seu sogro abriu uma clareira e construiu uma casa, habitada por mais de vinte anos. Nela nasceu sua mulher, em 1940. Além de levantar a casa, o sogro plantou algumas árvores – cedros, mangueiras e outra fruteiras – e usou o resto para macaxeira, feijão, milho, outros legumes. Em grande parte, a vegetação preexistente à casa permaneceu. Nos anos 1960 a família mudou-se para "a rua": foi adquirida uma casa no centro do povoado, ao lado da igreja. Na sequência, a casa da Gangorra foi utilizada por parentes durante alguns anos e, ainda na mesma década, foi demolida. Dela nada restou.

Ou quase nada.

2

Por cerca de trinta anos, o sítio permaneceu sem uso, a mata adensou, mas manteve-se certa clareira onde havia a velha construção. Era identificável quando ele visitou o local pela primeira vez, nos anos 1980. Não se decidiu construir uma nova casa de imediato: dada a vegetação densa ao redor, havia o temor de uma ventilação insuficiente. Em 1989, resolveu-se, sim, arriscar, ele e sua mulher, e levantou-se a nova Casa da Gangorra. Podia faltar muita coisa, mas não faltava vento: os alísios venciam a vegetação e chegavam com força à residência.

A construção deu-se sem percalços, com mão de obra local, embora avançasse em algumas inovações, galhardamente enfrentadas pelos trabalhadores, como a "estrutura em pinhão" do telhado no núcleo da casa – as fortes peças de madeira foram trazidas do Pará. Ela chama a atenção do leigo: ao adentrar a residência, olhar para cima e ver o teto, muitos se perguntam "como fica de pé?". Os trabalhos da fundação ocorreram facilmente, porque apenas havia a tradicional areia branquinha da região. Nada foi encontrado da casa anterior, nem pedras da fundação, nem tijolos das paredes, ou pisos, ou revestimentos, ou tubulações.

Exceto por um pequeno resquício.

A três palmos do que seria a soleira da porta de entrada, pelo lado de dentro, a poucos centímetros de profundidade, o único testemunho da antiga morada: um espesso ladrilho de solo-cimento sextavado, faltando uma pequena parte que completaria dois lados do hexágono. Era o remanescente de um exemplar do que compunha o piso da velha casa. Foi tratado como um bibelô. Cuidadosamente removido do lugar para a feitura do piso morto, foi recolocado no exato ponto em que dormira por trinta anos, dessa vez entre peças do ladrilho cerâmico que compunham o piso da nova construção.

3

A casa era o seu xodó. Alguém certa vez adentrou seu espaço e, surpreso, disse: "... mas parece uma casa de farinha!" Foi o melhor elogio que recebeu, havia tino na observação. (As casas de farinha eram onde se descascava, triturava-se e torrava-se a mandioca para fazer a respectiva farinha, uma das facetas mais tradicionais da economia local, que logo desapareceria.) Era praticamente uma sombra definida por um telhado, um espaço contínuo sob a cobertura, sem divisões ou quaisquer barreiras internas. Assim, ou quase, era a Casa da Gangorra. Ele a projetou seguindo os passos do precioso trabalho de seu xará, Armando de Holanda, *Roteiro para construir no Nordeste. Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados*. (Conheceu pessoalmente Armando, mas por um breve período: enquanto ele cursava o primeiro ano da Faculdade, Armando cursava o último. Faleceu muito precocemente.)

Uma série de atributos caracterizava essa arquitetura. Antes de tudo, controlar a incidência solar com grandes beirais a sombrearem as paredes, para impedir que elas esquentassem e irradiassem o calor para o interior da morada. Por outro lado, o ar em movimento na nossa pele é atributo fundamental de conforto no Nordeste brasileiro. Assim, a casa tem de oferecer a maior quantidade possível de planos vazados – cobogós, venezianas – e descontinuidades entre os planos opacos – como o telhado solto das paredes. Daí a semelhança com a casa de farinha: quando paredes são indispensáveis – a definirem um quarto ou um banheiro, por exemplo – elas não vão até o teto. Sim, há um preço: a casa é "promíscua" acusticamente, tudo se ouve dentro dela, seja de onde vem a fonte sonora...

Mas ele divertiu-se também com outros macetes. A planta da casa é modulada em 3,15 m, mais múltiplos ou submúltiplos, artifício para uniformização de panos de fechamento – portas, vidraças – assim como gesto para imprimir uma harmonia de relações entre partes e todo. Finalmente – por que não? – uma reverência a Andrea Palladio, o grande mestre renascentista. Ao rodearmos a casa, deparamos com fachadas assimétricas (e qual é mesmo a frente da casa?), exceto a voltada para o leste. Como na

Villa La Rotonda, perto de Vicenza, Itália, a fachada leste da Gangorra é composta por um pórtico proeminente – a varanda – sobreposta a uma fachada que se prolonga para ambos os lados, para além das dimensões da varanda. A variação na inclinação dos telhados, típica da arquitetura colonial brasileira, conferia ao conjunto uma delicadeza quase flutuante.

4

Com o tempo, a casa foi se transformando de segunda a primeira residência da família – a outra era em Brasília. Progressivamente, a permanência era maior na Gangorra que em Brasília. Houve algumas pequenas adições ao projeto original, mas na essência ela permaneceu a mesma por décadas. Maiores mudanças foram na vegetação do sítio, particularmente quanto à plantação de um pomar rico em fruteiras: cajus, mangas, sapotis, jambos, siriguelas, atas, jamelões, goiabas, pitangas, acerolas, muricis, coco d'água, romãs.

A edificação tinha uma varanda generosa compondo a fachada leste, onde estava sua rede preferida, e onde ele passava a maior parte da tarde – as manhãs eram dedicadas à praia, claro. À frente da varanda, a parte gramada do terreno. Junto com a fachada leste da casa, o perímetro do gramado era composto por um conjunto de buganvílias de cores variadas que formavam uma espécie de átrio ao ar livre, de paredes vegetais. Ele era o palco de desfile da "decoração viva" da casa (como a definia): por ali passavam galinhas, galos, capotes, perus, gansos, e um casal de pavões – os reis do pedaço, ele a exibir sua deslumbrante cauda aberta em leque. Um tanque onde os gansos ficavam grande parte do dia, tendo ao fundo jasmineiros sempre floridos, definiam a extremidade do espaço oposta à varanda. E dos lados norte e sul, à esquerda e à direita da varanda, respectivamente, um cedro centenário (plantado por sua sogra) e uma acácia amarela (plantada por ele, e que ultrapassara a altura do imenso cedro) eram os elementos mais fortes a pontuarem o espaço.

O sítio tinha uma parte seca – o *arisco* – e uma parte úmida – a *baixa*. O arisco foi pouco a pouco conquistado à caatinga preexistente: a anterior vegetação rala, de árvores retorcidas que lembravam o cerrado, tinha se transformado no pomar, em parte irrigado pela força do vento: um catavento das antigas puxava a água do solo e a levava a uma caixa a oito metros de altura, de onde a água descia por gravidade e alimentava a tubulação da irrigação. O terreno em declive suave na direção sul terminava na baixa, regada por um riacho que atravessava uma faixa permanentemente úmida, onde se plantava mandioca, bananeiras, cana, milho, feijão, batata doce, abóbora, outros

legumes. No total, eram pouco mais de dois hectares – precisamente, 21.948 m^2 – de forma aproximadamente trapezoidal.

5

Quando ele acordava ainda estava escuro. No entanto, ao virar-se na cama notava, através das venezianas da porta do quarto para a varanda, que o céu da lua nova já não estava negro, mas apresentava um matiz de azul profundo. Daí a pouco, vermelhos, laranjas e amarelos começariam a tingir o horizonte – ele tinha de buscar uma visão mais generosa da metamorfose. Pulava da cama, fazia uma escala rápida no banheiro, abria as portas para a varanda, e lá deitava-se na sua rede predileta – aquela que oferecia a melhor visão do gramado, das árvores, e, através da fina tessitura do cedro centenário e da acácia amarela, a luz mutante do horizonte. (Não desarmava as redes à noite – nunca tinham surrupiado nenhuma.) Antes, porém, não podia faltar o motor de arranque: preparava um café forte e o bebericava sentado no degrau da varanda, pés no gramado, antes de aboletar-se na rede.

O nascer do sol tinha trilha sonora: bem-te-vis, rolinhas, bico-grosso, aos quais se juntavam depois o grugulejar do peru, o grasnar dos gansos, o canto estridente dos capotes e dos pavões, o cacarejar das galinhas e o cocorocó do galo. O resto era silêncio. O ruído distante da rodovia mal era percebido, e quando o vento parava nos tempos da calmaria do "inverno" – no jargão local, os meses "das águas", de janeiro a abril – chegava-se a ouvir de leve, muito de leve, o estourar das ondas do mar, distante do sítio cerca de 4 km ao norte. Atravessar a faixa de dunas de 3 km de largura que separava o sítio da praia era para poucos – já o havia feito, anos atrás...

A vida na Gangorra era movida pela maré. Saía-se de casa para a praia a depender das condições para nadar – leia-se, na maré baixa. Antes e depois da praia, era atualizar a correspondência no computador, ler, ouvir música, escrever prosa ou poesia (escritor *muito* bissexto), montar os filmes que rodava (cineasta amador) sobre diversos temas: o artesanato local, as artesãs, o registro da própria casa, a paisagem privilegiada da orla, particularmente a praia de Flecheiras – sua preferida – e a região da embocadura do rio Mundaú, um sítio de excepcional beleza onde mesclavam-se rio, dunas, restingas, manguezais, foz, praia. Visitas a parentes e amigos do local não faltavam. À noite, enquanto o sono não batia, um filme ou uma série de TV (internet de boa qualidade). Daí, cama, dorminhoco inveterado.

6

A vizinhança do sítio foi um dia composta de outros pequenos sítios, como a própria Gangorra, de pequenos proprietários, a maioria nascida em Canaan ou que tinha parentes ali. A vegetação que se via da estrada, quilômetro após quilômetro, era a mesma da Gangorra: pequenos pomares diversificados misturados a restos da vegetação nativa, que na verdade já era uma mata secundária. Isso começou a mudar com a chegada da monocultura do coco, o avanço de grandes propriedades a engolirem os anteriores sítios, a degradação ambiental relacionada com a falta de diversidade da flora e da fauna, o uso indiscriminado de agrotóxicos e adubação química envenenando o ar, o solo e a água, onde poucas formas de vida conseguem sobreviver – dizem que só as baratas resistem.

Os coqueiros tinham uma espécie de seringa permanentemente fixada em seus troncos, por meio da qual se injetava veneno continuamente para combater as pragas. Naturalmente, o veneno chegava às flores, reduzindo a quantidade de abelhas e, com elas, a produção de mel. Os frutos eram destinados diretamente à indústria. Mas ninguém os colhia para beber sua água ou saborear a polpa tenra dos cocos verdes: cada proprietário mantinha, numa área separada, certo número de coqueiros livres de agrotóxicos, reservados ao consumo de suas famílias. Sabiam o que estavam fazendo.

O crescimento dos coqueirais era uma maré enchente ao contrário. Uma imensa, inexorável onda verde avançava da terra em direção ao mar, descia do interior a engolir tudo o que encontrava pelo caminho. Sobravam decadentes núcleos urbanos, que encolhiam pela fuga da população em busca dos postos de trabalho eliminados pela monocultura, pelas grandes propriedades, pela mecanização crescente. Ou sítios isolados, à semelhança de antigos castelos a pontuarem a paisagem, pequenas ilhas minerais em meio ao mar vegetal, cujos proprietários detinham algum capital – econômico, político, simbólico. Isso lhes facultava a permanência enquanto resistiam, até que fossem objeto puro e simples de violência nua e crua: perdiam sistematicamente suas causas na justiça e, ato contínuo, artifícios jurídicos facultavam gigantescas máquinas a avançar e pôr no chão as residências e demais instalações dos proprietários renitentes.

Por um tempo, o sítio Gangorra tornou-se uma dessas ilhas. O mar verde dos coqueirais avançava em direção ao sítio a partir de todas as direções, tragando paulatinamente os vizinhos. Até que a onda vegetal bateu à sua porta como mastins furiosos a rosnar, prontos a inverter seu papel tradicional de guarda de defesa em frente avançada de conquista.

Ele e a mulher foram arrancados de suas terras — no caso dela, literalmente: suas raízes estavam ali; ela nascera e crescera naquele lugar. Para proprietários obstinados como eles, foi disponibilizado um helicóptero para removê-los. A aeronave pousou no que restava de uma quadra de vôlei, a poucos metros do que havia sido a entrada da propriedade. Foram arrastados para dentro do aparelho, que logo alçou voo — não faziam ideia do que estavam prestes a ver lá de cima.

Quem olhasse o litoral a voo de pássaro, veria uma paisagem predominantemente monocromática, verde, conquanto em dois matizes: o verde das águas, um pouco mais pálido, com toques de cor creme das areias das praias do Ceará; o verde dos coqueirais, mais fechado, mais uniforme. Do alto, era uma paleta de cores estáveis, pois não se percebia, seja as ondas do mar, seja as ondas dos coqueirais animados pelo vento. Os dois verdes eram separados pela cor creme (como dito) da faixa de areia, que se alargava e estreitava ao sabor das marés. E havia mais uma fita, essa fininha, cor branca de espuma, a emanar da rebentação das ondas na praia, e a separar o creme da areia do verde do mar. Toda diversidade, todo movimento, toda transformação – toda a riqueza da vida – haviam sido eliminados dessa paisagem minimalista.

7

Hoje, não há mais nascer do sol, que não mais se vê (a lua, nem falar), apenas uma sutil variação de luz entre o que, no passado, eram dia e noite. O escuro da noite transforma-se num céu plúmbeo escuro e uniforme durante o dia. Do alto, a paisagem continua minimalista, mas a paleta de cores mudou. Os tons de verde, do mar e da terra, desapareceram, e foram respectivamente substituídos pelo marrom do mar e pelo cinzento escuro da terra calcinada. Junto com o desaparecimento dos coqueirais, sumiram também quaisquer resquícios de ocupação humana, em povoados ou sítios isolados. Onde antigamente era o sítio Gangorra, aparentemente tampouco nada havia.

Contudo, uma lufada de vento que deslocasse um pouco de cinza de um lugar para outro fazia aparecer – para depois fazê-lo desaparecer novamente – um pequeno objeto cinza claro. Era uma forma sextavada incompleta (havia um pedacinho faltando para completar o hexágono), de pouco mais de um palmo de largura e uns cinco centímetros de espessura. Ninguém saberia dizer de onde vinha e a que servia aquela peça, tampouco por quanto tempo ali estava, a exibir-se e ocultar-se ao sabor do vento.

(Canaan, Trairi, CE, 17.1.2026.)

CYCLE

1

A century ago there was practically nothing there. It was an abandoned smallholding that her father-in-law had inherited from his father: he – the father of her father-in-law, Luís Ferreira Gangorra – raised livestock and grew crops there, leaving his name engraved on that land. The property had sparse vegetation, typical of the coastal region of western Ceará. At the north-western edge of the land, near the footpath that led there from the centre of the small village of Canaan (about 1 km away), her father-in-law cleared a patch and built a house, which was lived in for more than twenty years. There, his wife, the granddaughter of Luís Ferreira Gangorra, was born in 1940. In addition to building the house, her father-in-law planted a few more trees and intensified cultivation. For the most part, the vegetation that predated the house remained. In the 1960s, the family moved to "the street": a house was purchased in the centre of the village, next to the church. After that, the Gangorra house was used by relatives for a few more years and, still within that same decade, it was demolished. Nothing of it remained.

Or almost nothing.

2

For about thirty years, the smallholding remained unused; the woodland grew denser, yet a certain clearing was preserved where the old building had stood. It was still recognisable when he visited the place for the first time, in the 1980s. He and his wife did not decide to build a new house right away: given the dense vegetation around it, there was concern about insufficient ventilation. In 1989, however, they decided to take the risk, and the new Casa da Gangorra was built. Many things might have been lacking, but wind was not: the trade winds overcame the vegetation and reached the house with force.

The construction went ahead without mishaps, using local labour, although it did involve some innovations, gallantly taken on by the workers, particularly in handling the roof timber: the solution allowed for large, unobstructed spans. The foundation work proceeded easily, since there was only the region's traditional fine white sand. Nothing was found of the previous house – no foundation stones, no wall bricks, no floors, finishes, pipes, timbers or roof tiles.

Except for a fragment.

Three spans in from what would be the threshold of the new house's front door, on the inside, at a depth of just a few centimeters, lay the only testimony of the old dwelling: a thick, hexagonal soil-cement tile, missing a small piece that would have completed two sides of the hexagon. It was the remnant of one of the tiles that had made up the floor of the old residence. It was treated like a knickknack, almost a reliquary. Carefully removed from its spot for the preliminary flooring work, it was put back in the exact place where it had slept for thirty years, this time set among the ceramic tiles of the new construction.

3

The house was his pride and joy. Once, someone stepped inside and, surprised, said, "...but it looks like a flour house!" (Flour houses were small, family-run places where manioc was ground, roasted and packed for sale; they were once one of the region's main economic activities and would soon disappear.) It was the best compliment he ever received; there was real insight in the remark. Flour houses were almost nothing but roof and shade, a continuous space without internal divisions. The Casa da Gangorra was much like that. He designed it inspired by the work of Armando de Holanda, author of *Roteiro para Construir no Nordeste. Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados* [Guidelines for Building in the Northeast. Architecture as a Gentle Place in the Sunny Tropics], with whom he had briefly crossed paths: while he was in his first year at the School of Architecture of the Federal University of Pernambuco, Armando was in his last. (He died very young.)

A number of attributes defined that architecture. First and foremost, control of the sun, with wide eaves casting shade over the walls. On the other hand, moving air against our skin is an essential component of thermal comfort in northeastern Brazil. The house had to be entirely permeable, with cobogós, louvred shutters, and few internal walls. (The cobogó, a traditional Brazilian perforated screen block, allows air and light to pass through while providing shade and privacy.) Hence the resemblance to a farinha house: when walls were indispensable – to define a bedroom or a bathroom – they did not reach the ceiling. There was a price to pay: everything could be heard throughout the house.

But he also took pleasure in other tricks. A rigorous modulation governed the plan, seeking harmony between parts and whole. And why not, a nod to Andrea

Palladio, the great Renaissance master: on the east side, the veranda projected forward as a portico, as in La Rotonda. The variation in the roof pitch, typical of Brazilian colonial architecture, gave the ensemble an almost floating delicacy.

4

Over time, the house gradually changed from the family's second residence into their primary one – the other was in Brasília. Little by little, they spent more time at Gangorra than in the Brazilian capital. There were a few small additions to the original design, but in essence it remained the same for decades. Greater changes took place in the vegetation of the property, especially with the expansion of a rich orchard: cashews, mangoes, sapodillas, rose apples, seriguelas, custard apples, jambolans, guavas, pitangas, acerolas, muricis, coconuts for drinking, pomegranates.

On the generous veranda of the east façade hung his favourite hammock, where he spent most of the afternoon – mornings were devoted to the beach, of course. In front of the veranda lay the grassy part of the land. Beyond the façade, the perimeter of the lawn was formed by bougainvilleas of various colours, creating a kind of open-air atrium with vegetal walls. This was the stage for the parade of the house's "living décor" (as he called it): chickens, roosters, turkeys, guinea fowl, geese, and a pair of peacocks – the king of the place, the male displaying his dazzling fan-shaped tail. A pond where the geese spent much of the day, with ever-flowering bridal veils in the background, marked the end of the space opposite the veranda. When the pond was cleaned and the water became clear, they would revel in it, diving and flapping their wings – a performance he loved to watch. And to the north and south, to the left and right of the veranda respectively, stood a century-old cedar planted by his mother-in-law, and a yellow acacia planted by himself, which had already grown taller than the immense cedar. They were the strongest elements punctuating the space.

The property had a dry part—the *arisco*—and a wet part—the *baixa*. Little by little, the *arisco* was wrested from the preexisting vegetation and turned into the orchard, partly irrigated by the power of the wind: an old-fashioned windmill drew water from the ground and carried it to a tank eight meters high, from which it flowed by gravity to feed the irrigation pipes. In recent years, however, the wind no longer had the strength it once did, nor the water its former quality. The land sloped gently southward and ended in the *baixa*, watered by a stream that crossed a permanently moist strip, where cassava, banana trees, sugarcane, corn, beans, sweet potatoes, pumpkins,

and other vegetables were planted. In all, it was a little over two hectares—something like three soccer fields.

5

When he woke up, it was still dark – he was an early riser. Yet, turning in bed, he would notice through the louvres of the bedroom door onto the veranda that the sky was no longer black, but tinged with deep blue. Soon reds, oranges and yellows would begin to dye the horizon – he had to seek a more generous view of the metamorphosis. He would leap out of bed, stop by the bathroom, open the doors onto the veranda, and lie down in his favourite hammock – the one that offered the best view of the lawn, the trees and, through the fine tracery of the century-old cedar and the yellow acacia, the changing light of the horizon. (He never took the hammocks down at night – no one had ever made off with one.) Before that, however, the starter motor could not be skipped: he brewed strong coffee and sipped it sitting on the veranda step, his feet on the grass, gazing east, before settling into the hammock. The aroma of the coffee mingled with the subtle perfume of the lilies he had planted along the edge of the veranda step.

Sunrise came with the songs of kiskadees, doves, grosbeaks and nightingales, soon joined by the gobbling of turkeys, the honking of geese, the shrill calls of guinea fowl and peacocks, the clucking of hens, and the cock-a-doodle-doo of the rooster. The rest was silence – or rather, a growing silence, as some species became rarer.

The distant murmur of the highway was barely perceptible. When the wind died down during the calm spells of the “winter” – in local parlance, the rainy months, from January to April – one could faintly, very faintly, hear the crash of ocean waves, about four kilometres north of the property. Crossing the three-kilometre-wide strip of dunes that separated the site from the beach was for the few – he had done it, years earlier… Recently, however, a new sound had joined the site’s soundtrack – it suggested the work of heavy machinery.

Once the sun was up, a visit to the orchard was mandatory, as he walked among his favourite fruit trees. Cashews held a place of honour. He loved picking them with his own hands and eating them right there under the trees – eating them, not merely sucking them, since both flesh and juice were delicious. And immediately, because cashews are fragile fruit, they spoil shortly after being picked. Next, armed with a pole, he would go after the sword mangoes and the rose mangoes, the latter tasting of his childhood – there

had been a rose mango tree in the yard of his house in Recife; none has that strong, unmistakable aroma.

Life at Gangorra was governed by the tides. We would leave the house for the beach depending on the conditions for swimming — that is, at low tide. Before and after the beach, he read, listened to music, wrote (a very occasional writer), edited the films he shot (an amateur filmmaker) about local crafts, the women artisans, the house itself, the privileged coastal landscape, especially Flecheiras beach – his favourite – and the region around the mouth of the Mundaú River, a place of exceptional beauty where river, dunes, coastal scrub, mangroves, estuary and beach mingled. At night, until sleep arrived, a film or a television series (good internet). Then bed: an inveterate sleeper.

6

The property's surroundings were once made up of other smallholdings, similar to Gangorra, belonging to smallholders, most of them born in Canaan or with relatives there. The vegetation seen from the road, kilometre after kilometre, was the same: diversified orchards mixed with remnants of native vegetation. This began to change with the arrival of coconut monoculture: the advance of large estates swallowing up small ones; environmental degradation linked to the lack of diversity in flora and fauna; the indiscriminate use of pesticides and chemical fertilisers poisoning air, soil and water, where few forms of life survive – some say only cockroaches endure.

The coconut palms had a kind of syringe permanently fixed into their trunks, through which poison was continuously injected to combat pests. Of course, it reached the flowers, thinning out the bees and, with them, the honey. The fruits went straight to industry. But no one harvested them to drink their water or enjoy the tender flesh of green coconuts: each owner kept, in a separate area, a certain number of trees free of pesticides, reserved for their families' use. They knew what they were doing.

The growth of the coconut groves was like a rising tide in reverse. An immense, inexorable green wave advanced from the land towards the sea, sweeping down from the interior, swallowing everything in its path. What remained were decaying urban settlements, shrinking as people fled in search of jobs wiped out by monoculture, large landholdings, and increasing mechanization. Or isolated country estates, like ancient castles punctuating the landscape, small mineral islands amid a vegetal sea, whose owners possessed some form of capital — economic, political, symbolic. This enabled them to remain, to resist for a time, until they became the targets of sheer, unadulterated

violence: they systematically lost their cases in court, whereupon legal contrivances enabled gigantic machines to move in and flatten the homes and other buildings of the recalcitrant owners.

For a while, Sítio Gangorra became one of these islands. The green sea of coconut groves advanced towards the estate from every direction, gradually swallowing up the neighbouring properties. Until the vegetal wave came knocking at its door, like furious mastiffs snarling, ready to turn their traditional role as guards and defenders into a vanguard of conquest.

He and his wife were torn from their land, in her case literally: her roots were there; she had been born and raised there. For obstinate owners like them, a helicopter was provided to remove them. The machine landed on what was left of a volleyball court a few metres from what had been the entrance to the property. They were dragged into the aircraft, which soon took off – they had no idea what they were about to see from above.

Seen from the air, it was a predominantly monochrome landscape, green, though in two shades: the green of the water, a little paler, with touches of the cream colour of Ceará's beaches; and the green of the coconut groves, darker, more uniform. From above, the palette was static, since neither the waves of the sea nor the waves of coconut palms stirred by the wind were perceptible. The two greens were separated by the cream colour of the sandy strip, which widened and narrowed with the tides. And there was yet another ribbon, very thin, white with foam, emanating from the breaking waves on the beach, separating the cream of the sand from the green of the sea. All diversity, all movement, all transformation — all the richness of life — had been eliminated from this minimalist landscape.

7

Today, there is no longer a sunrise to be seen (nor a moonrise, for that matter), only a subtle variation in light between what in the past were day and night: night has given way to a leaden, uniform sky during the day. From above, the landscape remains minimalist, but the colour palette has changed. The shades of green, of sea and land, have disappeared: they have been replaced respectively by the brown of the sea and the dark grey of the scorched earth. Along with the disappearance of the coconut groves, any traces of human occupation have vanished as well, in villages or isolated sites. Where the Gangorra property once stood, there was nothing either.

And yet, a gust of wind that shifted a little ash from one place to another would make appear – only to make it disappear again – a small light-grey object. It was an incomplete hexagonal shape (a small piece was missing to complete the hexagon), a little over a span across and some five centimetres thick. No one could say where it had come from, what that piece had once been for, or how long it had been there, showing itself and hiding again at the whim of the wind.

(Portuguese version, Canaan, Trairi, CE, 17 January 2026; English translation, 21 January 2026.)

INVENTÁRIO

Para Rosa

No Sítio Gangorra há frutas
Pra comer, dar e vender;
Umas de sua terra,
Outras vem de conhecer.

Acerolas carmesim,
Ácidas de arrepiar;
Polpa pouca, bem guardada,
Carocinhos pra chupar.

Docinha só quando madura,
Pitanga bem pequenina;
Do tamanho de uma unha —
Pegue só as cor de vinho!

Seriguela suculenta,
Vermelha, ácida ao gosto;
Feito polvo, pelo chão,
Se oferece, sem esforço.

Não quer acidez? Há outra,
Menor, laranja e suave;
Quase só casca e osso —
Na barriga, vai um balde?

Sapoti contrasta em tudo,
Na cor, tamanho e gosto;
Pede calma, pede jeito:
“Doce que arripuna” — o sogro.

Ata também é doce,
De doçura mais sutil;
Dá trabalho no caroço,
Polpa fina cola ao osso.

Graviola lembra ata,
Mas tem polpa de tantão;
Branquinha, grande e ácida,
Em forma de coração.

Goiabas, amarelas;
Vermelhas aqui tem não.
“Janta de passarinho!”
Ele gosta; ela, não.

Jamelão — “azeitona!”
É infância, poxa!
Em Casa Amarela,
A língua toda roxa.

A rainha: manga-rosa
Do gosto e do sumo falam
Faltou dizer do cheiro
Que outros tempos lembram

Pois na casa com quintal
Tinha manga sem igual
Nós, macacos, galho em galho
Fartos, pança já no talo.

Colher caju, caprichar:
Há que tirar com a mão;
Debaixo do cajueiral,
Antes de o sol raiar.

Gosto de madrugada,
Traga sumo e carne;
Só não vai a castanha —
Ah, vai, sim! Mas assada!

Coco verde, delícia,
Não é simples de ter;
Por fora pede facão
Pra dura casca romper.

Mas por dentro é prazer:
Bebe água docinha,
Para depois degustar
A suave laminha.

Ah! Banana vem às pencas;
Maçã, coruda, prata;
Cachos lindos de se ver —
É festa na baixada.

Tudo isso e muito mais
É num sítio à beira-mar:
De bem-te-vis, sabiás,
Outros tantos ademais.

De fruteiras e cedros,
E acácias também há;
Jasmins cheirosos, rosas,
Buganvílias de encantar.

E a decoração viva:
Perus, capotes, pavões;
Gansos, galos, galinhas,
Que às cores somam seus sons.

Deleite ao paladar,
E ao olfato também;
Tato, olhos, ouvidos —
Aos sentidos: amém!

Música bem pastoral,
Cheia de ventos do mar;
Nenhuma dúvida mais:
Gangorra é seu lugar.

(Canaan, Trairi, CE, 31.1.2026.)

INVENTORY

For Rosa

At Gangorra Farm there's fruit
To eat, to gift, to trade for loot;
Some are born of native ground,
Others learned as they come round

Crimson acerolas keen,
Sour enough to make one start;
Scant the flesh, yet well concealed,
Little stones for lips and heart.

Sweet but when full-ripe at last,
Tiny pitanga bright;
Nail-sized in its little form —
Pluck the ones of wine-dark light!

Succulent seriguela red,
Tart to taste, a pleasant pain;
Like an octopus it lies,
On the ground, offered plain.

Crave no sourness? Choose another,
Smaller, orange, mild and kind;
Naught but peel and bone within —
Will a bucket fill thy mind?

Sapodilla differs all,
Hue and bulk and savor too;
Bids thee pause and learn the art —
"Sweet that chills thee through and through," quoth the sire.

Sugar-apple, sweet as well,
Sweeter yet in subtler way;
Much the toil with every pit,
Clinging flesh to bone holds sway.
Soursop calls the sugar-apple,
Yet its pulp is thick and wide;

White and large and sharply tart,
Heart-shaped, open to the bite.

Guavas here are yellow-gold;
Red ones never grow this way.
“Birds’ own supper!” — he delights;
She turns up her nose and stays.

Jamelão — “an olive!” — no:
That’s childhood, clear and loud.
In Casa Amarela still,
Purple tongues, and laughter proud.

The queen: the rose-mango.
They speak of taste and juice;
They failed to tell the scent
That other times induce.

For the house that had a yard
Held a mango past compare;
We, like monkeys, branch to branch,
Bellies full beyond all care.

Cashew picking takes some art:
One must pluck it by the hand;
’Neath the cashew tree, before
Morning sun commands the land.

He loves dawn upon the tongue —
Bring the juice and bring the flesh;
Leave the nut? Oh no, not so —
Yes, indeed, but roasted fresh!

Green coconut, delight:
Not so easy to obtain;
Outside calls for heavy blade
To break through the stubborn grain.
But within, it is pure joy:
Drink the water, sweet and mild;

Then, at last, delight the tongue
With the tender, silky rind.

Ah! Bananas come in bunches;
Apple, silver, mini kinds;
Lovely clusters, pleasing sight —
Feast below the valley's skies.

All of this, and much besides,
Lives upon a seaside farm:
Kiskadees and thrushes sing,
And so many more in swarm.

Fruit trees, cedars standing tall,
Acacias spread their shade;
Scented jasmines, roses too,
Bougainvilleas on parade.

Living décor everywhere:
Turkeys, guineafowl, peacocks proud;
Geese and roosters, hens as well,
Color mixing sound with sound.

Joy to palate, joy to nose;
Touch and sight and hearing too —
All the senses sing amen,
Blessed in what they taste and view.

Music pastoral and clear,
Filled with winds that smell of sea;
There is not a doubt at all:
Gangorra — that's the place to be.

(Portuguese version, Canaan, Trairi, CE, 31 January 2026; English version, 6 February 2026.)



DUNA

Para Gastão de Holanda, meu pai

In memoriam

1

Está no topo de uma duna, sol a pino. Aos poucos, à medida que abre os olhos e toma consciência do lugar, percebe a paisagem iluminando-se a doer na vista tão forte era a luz. Como foi parar ali, por qual razão, o que tinha de fazer a seguir – tudo era um borrão.

Olha ao redor, escaneia a cena na altura da vista até fazer um giro completo. Nada, a não ser as elevações e depressões mutantes dessas areias expostas à força dos alísios, que, no horizonte, encontram-se com o céu imaculadamente azul. Contudo, há duas exceções. Longe, à sua frente, a sotavento, uma estreita fita esverdeada interrompe o contato visual entre céu e duna. Intui tratar-se de um trecho de litoral. Atrás de si, guardando certa distância, o outro está parado, observando-o. Mas não decifra sua atitude – se de curiosidade, cuidado, vigilância.

Olha para cima: tirante o sol, a abóbada celeste de um azul profundo era completa, perfeita, sem um fiapo de nuvem. Com as pupilas contraídas, o azul do céu faz-se ainda mais saturado, denso, escuro.

Começa a caminhar, o outro o segue. A areia é frouxa, seus pés afundam a cada passo, é um esforço desenterrá-los, dar um novo passo, afundá-los de novo. Ofega, o coração sai pela boca, mas continua até chegar a uma depressão profunda, cujo início é abrupto, como se uma lâmina afiada tivesse cortado a duna. Move os olhos para baixo, e, no fundo da depressão, percebe uma lagoa escura, engastada entre as empenas de areia creme.

Na posição em que está, a paisagem a barlavento são os trechos altos das dunas – os platôs (o vento às suas costas). Ele olha a depressão. A descida é íngreme, quase vertical. Do outro lado da lagoa, à sua frente, não: onde o vento bate, na superfície da depressão a sotavento, a declividade é suave. Imagina a lagoa rasa e decide não circundá-la mas cruzá-la, descendo e subindo as empenas. Demais, está muito quente, a sede é grande, melhor enfrentar a pirambeira e aliviar calor e sede lá embaixo.

Lembra dos jogos de criança: correr pelo platô e pular na borda do corte a ver quem aterrissa mais longe – portanto, mais abaixo da borda, na empena íngreme. Resolve reencenar a brincadeira, recua, toma impulso, e voa. Não é bem sucedido, ao aterrissar suas pernas afundam até a virilha, ele se desequilibra, cai para frente de cara na areia e rola até findar dentro d'água. Emborca na lagoa de cabeça, bate em algo duro no fundo e perde os sentidos.

2

Está na adolescência, no banheiro de sua casa, com o outro. Ambos estão nus, curiosos a compararem suas partes – comprimento, espessura, forma. Não se tocam, apenas se examinam, se informam. Não há atração para um intercurso, há somente uma curiosidade. Pensam numa competição: quem vai gozar primeiro ao bater uma punheta? Mais gostoso seria fazê-lo dentro da banheira; ela é grande, enchem-na d'água, entram e sentam, um em cada extremidade, voltados um para o outro, a água no peito, as pernas a se cruzarem. Dada a largada, pobres dos pintos, a sofrerem uma esfregação nunca dantes experimentada. Ele goza primeiro – ganha a partida. Mas, no gozo, os espasmos o fazem inclinar-se para a frente, até que, terminado o orgasmo, ele relaxa, e, como se estivesse na cama, reclina-se abruptamente para trás, esperando quiçá haver um travesseiro à espera de sua cabeça. Naturalmente não há, ele bate a cabeça na borda da banheira, fica tonto, mas ainda consciente, seu corpo escorrega e ele afunda. Procura inspirar e o peito não obedece. O outro acha que mergulhou de brincadeira, apenas espera.

Ele não sobe, ao contrário, está submerso e seus movimentos são descoordenados, a água penetra em seus pulmões. Sufoca, entra em pânico, procura desesperadamente as bordas da banheira com mãos e braços, não as encontra, precisa estar com a cabeça fora d'água, não consegue. Vê-se puxado por dois braços que de lá o retiram e o estendem, deitado de costas, no chão. O outro logra fazê-lo, depois de entender que não era um jogo.

Está confuso, já não sabe que lugar é este nem o que está a acontecer, segue sem controlar os movimentos, tosse, mas não consegue expelir a água dos pulmões, pensa que o teto está baixando e esmagando seu peito, o mundo apaga em *fade-out* – fica tudo escuro. Do seu peito não sai água, apenas sons roucos, intermediados por sucessivos acessos de tosse. Nada vê com os olhos, porém, na mente, viaja pelas dunas banhadas pelo sol a pino – até que sobrevém um eclipse solar. Coração e respiração param.

O outro conhece os procedimentos com afogados. Faz ventilação boca-a-boca e compressões torácicas até que ele ressuscita. Ele sente-se profundamente cansado, com muito frio, dificuldade em articular o pensamento, falar.

3

Na lagoa da duna, dois braços o agarram e o puxam para fora d'água, estendendo-o de costas na areia quente. Ele acorda sufocado. O sangue escorre de um profundo corte na cabeça e ensopa a areia (a cicatriz no coro cabeludo será para o resto da vida). Ele luta para retomar o fôlego: as tosses, os rugidos, o ar que inspira não é suficiente, ele reencena um filme já conhecido – apagamento, ventilação, compressões, ressuscitamento.

Aos poucos a consciência volta e ele se vê novamente sozinho. Exausto, retoma o trajeto, e, com cuidado para não escorregar, entra na lagoa de gatinhas e começa a

atravessá-la – não arrisca ficar de pé. Na posição, a profundidade mal permite sua cabeça fora d'água. Cruzada a lagoa, inicia a subida, destarte suave, aquela a sotavento. Lá em cima novamente vislumbra a quase interminável paisagem de areia tendo por fim, muito, muito longe, a fita esverdeada, agora um pouco mais larga, entre o creme da areia e o azul do céu.

Aos poucos, ele se torna mais hábil em dar os passos na areia fofa. Leva mais tempo para dominar as descidas, de modo que, nas faces quase verticais, não caia para a frente e enterre o rosto na areia, que lhe invade os olhos, o nariz e os ouvidos. Às vezes, não consegue evitar a queda. Então, cego pela areia, tateia até alcançar a infalível lagoa e lavar-se. Uma vez atravessada a lagoa, as subidas, embora suaves, são as partes mais cansativas do percurso — felizmente, não o contrário: as encostas do outro lado, íngremes e de areia movediça, exigiriam um esforço titânico. De volta ao novo platô, a faixa esverdeada no horizonte, entre a areia e o céu, está mais larga.

4

São as férias escolares de verão – dezembro a fevereiro – e ele, agora um jovem, no Recife, muda-se com a família para um apartamento na praia de Boa Viagem. É um rito anual: férias de verão são viver na praia (ainda que os pais amarguem um percurso mais longo casa-trabalho, sacrifício dos progenitores mais que bem-vindo). As férias são o momento de encontro com quatro primos que vêm do Sul e ficam hospedados com sua família, divertidamente amontoados num apartamento dimensionado para uma quarta parte dos ocupantes. Assim se constitui o sexteto formado e desfeito a cada verão: ele, seu irmão, os quatro primos. Somente mais tarde irá perceber as diferenças que os separavam. Agora, tudo é festa – praia pela manhã, voleibol ou aeromodelismo à tarde, jogos de salão à noite. Discussões político-ideológicas não tem vez, as diferenças são varridas para baixo do tapete. Isso não elimina as relações de grande afeto entre eles. (Quem imaginaria que, dos seis, apenas dois adentrariam os 80 anos de idade?)

O litoral tem longos trechos de arrecifes que, maré baixa, afloram e formam imensas piscinas entre eles e a areia. Sobre os arrecifes, pescadores buscam polvos, guajás e lagostas, particularmente à noite; outros os percorrem pelo prazer do passeio. De dia, a meninada busca os "trampolins": os pontos das pedras de onde podem pular, não para o lado do mar bravio pós-arrecifes, mas para o lado das piscinas, entre arrecifes e praia. Procuram lugares nem muito profundos, que possam levar a um afogamento acidental, nem muito rasos, onde eles possam bater com a cabeça no fundo.

Ele mergulha, mas calcula mal. Joga-se com vontade, de cabeça, mas a curva do corpo junto ao fundo é tardia. Raspa com força o nariz na areia, sente um estalo a reverberar no crânio, vê tudo branco, apaga. Os primos não se dão conta do desmaio, acham que está brincando, tem bom fôlego, pode ficar um tempão submerso. O outro está por perto: mergulha e o traz à tona. Os primos percebem o desmaio e o arrastam para a praia. O outro desaparece. Os companheiros de aventuras lhe veem o rosto

coberto de sangue, mas desta vez ele retoma rapidamente os sentidos e, a duras penas, a respiração. Apalpa o nariz e nota que não foi apenas a pele que se foi: houve uma quebra óssea e o sangue abundante escorre pelas narinas. A marca da fratura lhe ficará no nariz para sempre.

5

Acabam-se as dunas, mas, aqui, a transição para a praia não é suave, as dunas não baixam continuamente até que suas areias sejam banhadas na maré alta. Ao contrário, a transição é abrupta mediante falésias de grande altura, equivalentes à de um prédio de dez andares. O areal se transforma em argila de paredões que resistem bravamente ao impacto das ondas. Na borda, ele olha extasiado para a direita e para a esquerda. Em ambas as direções, como se traçadas a esquadro, as falésias se prolongam retas até o horizonte, nada interrompendo sua continuidade. As linhas de espuma e a altura do paredão estreitam-se até se tornarem imperceptíveis, sobrando apenas a paisagem bicolor das duas superfícies horizontais – o verde do mar, o creme da areia – e o azul do céu. O outro está parado, observando-o à distância.

Na maré alta ou na baixa, as ondas estouram direito nas falésias, o impacto joga espuma quase até onde ele está, lá no alto. Hesita em pular. Aposta que seu impulso será suficiente para arremessá-lo para além do choque entre mar e falésia. Despe-se e, na dúvida, recua uns vinte metros e desembesta na direção do abismo. Consegue: mergulha fundo, e como tem bom fôlego (já o sabemos), ainda embaixo d'água afasta-se do paredão até uma zona segura. Aflora. Da distância em que está da falésia, é possível admirar, desde o mar agitado, a superfície creme e macia do areal, suas leves ondulações, a paisagem que passou a conhecer ao longo do caminho; no nível dos olhos, o espetáculo da rebentação das ondas no despenhadeiro.

No entanto, a agitação do mar cresce, as ondas maiores e mais frequentes rebentam na falésia com grande estampido. Ele sofre grandes caldos, quase não consegue manter-se na superfície, menos ainda controlar a direção em que quer nadar, para longe da falésia. Até que uma onda gigantesca o lança contra o paredão de argila. Nele afunda mais de meio metro, na posição vertical, braços abertos qual espantalho. O outro tudo testemunha do alto com o interesse de um tabelião, dá meia volta e desaparece duna adentro.

Com o tempo, a água rói sua carne até sobrar o esqueleto, inesperada peça decorativa, alva e quase luminosa, a destacar-se das tonalidades ferruginosas do paredão onde está engastada, a contemplar o mar, o mar, sempre recomeçado.

(Primeira versão em português, Natal, RN, 26.2.2026; esta segunda versão, Canaan, 16.3.2026.)

DUNE

For Gastão de Holanda, my father

In memoriam

1

He finds himself at the top of a dune, the sun at its zenith. Gradually, as he opens his eyes and becomes aware of his surroundings, he feels the landscape lighting up, hurting his eyes, so intense is the glare. How he got there, for what reason, what he was supposed to do next – all of it is a blur.

He looks around, scanning the scene at eye level until he completes a full turn. Nothing, except the shifting rises and depressions of these sands exposed to the force of the trade winds, sands which, on the horizon, meet an immaculately blue sky. Yet there are two exceptions. Far ahead, to leeward, a narrow greenish strip interrupts the visual contact between sky and dune. He senses it must be a stretch of coastline. Behind him, keeping a certain distance, the other stands still, watching him. But he cannot decipher the other's attitude – whether curiosity, caution, or vigilance.

He looks upward: apart from the sun, the deep blue vault of the sky is complete, perfect, without a wisp of cloud. With his pupils contracted, the blue becomes even more saturated, dense, dark.

He begins to walk; the other follows. The sand is loose; his feet sink at every step. It takes effort to pull them free, take another step, sink again. He pants, his heart in his throat, yet he keeps going until he reaches a deep depression whose beginning is abrupt, as if a sharp blade had cut into the dune. He lowers his eyes and, at the bottom, sees a dark lagoon surrounded by cream-coloured sand.

From where he stands, the windward landscape consists of the high stretches of the dunes – the plateaus – with the wind at his back. He looks at the depression. The descent is steep, almost vertical. On the other side of the lagoon, ahead of him, it is different: where the wind strikes the leeward surface, the slope is gentle. He imagines the lagoon to be shallow and decides not to skirt it but to cross it, going down one slope and up the other. Besides, it is very hot, his thirst is great; better to brave the drop and relieve heat and thirst down below.

He remembers childhood games: running across the plateau and leaping from the edge of the cut to see who landed farthest – that is, lower down on the steep face. He decides to reenact the game, steps back, gathers momentum, and leaps. He is not successful. As he lands, his legs sink up to his thighs; he loses his balance, falls face-first into the sand, and rolls until he ends up in the water. He plunges into the lagoon, strikes something hard at the bottom, and blacks out.

2

He is an adolescent, in the bathroom of his house, with the other. Both are naked, curious to compare their parts – length, thickness, shape. They do not touch; they merely examine one another, informing themselves. There is no desire for intercourse, only curiosity. They think of a competition: who will come first while masturbating? It would be more pleasant to do it in the bathtub; it is large. They fill it with water, get in, and sit, one at each end, facing one another, the water at chest level, their legs crossing. At the signal, poor cocks, subjected to a rubbing they have never experienced before. He comes first – wins the contest. But in orgasm, the spasms make him lean forward; then, once it is over, he relaxes and, as if he were in bed, abruptly leans back, perhaps expecting a pillow beneath his head. Naturally, there is none. He strikes his head against the rim of the tub, feels dizzy but remains conscious; his body slips and he sinks. He tries to inhale, but his chest does not respond. The other thinks he has submerged in play and simply waits.

He does not surface; on the contrary, he remains submerged, his movements uncoordinated, water entering his lungs. He suffocates, panics, desperately searches for the edges of the bathtub with his hands and arms, cannot find them, needs his head above water, cannot manage it. He feels himself being pulled by two arms that lift him out and lay him on his back on the floor. The other manages to do so after realising that it was not a game.

He is confused, no longer knows where he is or what is happening, continues without control over his movements, coughs but cannot expel the water from his lungs, thinks the ceiling is lowering and crushing his chest; the world fades out – everything goes dark. No water comes from his chest, only hoarse sounds punctuated by successive fits of coughing. He sees nothing with his eyes, yet in his mind he travels across dunes bathed in the noon sun – until a solar eclipse occurs. Heart and breathing stop.

The other knows the procedures for drowning victims. He performs mouth-to-mouth ventilation and chest compressions until he revives. He feels profoundly tired, very cold, unable to articulate thought or speech.

3

In the lagoon of the dune, two arms seize him and pull him out of the water, laying him on his back on the hot sand. He wakes, suffocating. Blood flows from a deep cut on his head and soaks the sand (the scar on his scalp will remain for the rest of his life). He continues the struggle to regain his breath: the coughing, the growls, the air he inhales is not enough; a film he already knows is replayed – blackout, ventilation, compressions, resuscitation.

Gradually, consciousness returns, and he finds himself alone again. Exhausted, he resumes his journey and, carefully so as not to slip, enters the lagoon on all fours and begins to cross it – he does not dare remain upright. In that position, the depth barely allows him to keep his head above water. Once across, he begins the ascent, this one gentle, on the leeward side. At the top, once more, he glimpses the almost endless landscape of sand, and at its far end, very, very far away, the greenish strip, now somewhat wider, between the cream of the sand and the blue of the sky.

Little by little, he becomes more adept at taking steps on the loose sand. It takes him longer to master the descents, so that, on the nearly vertical faces, he does not fall forward and bury his face in the sand, which fills his eyes, nose, and ears. Sometimes he cannot avoid it. Then, blinded by sand, he gropes his way until he reaches the unfailing lagoon and washes himself. Once across the lagoon, the ascents, though gentle, are the most tiring parts of the journey – fortunately not the opposite: the slopes across them – precipitous and of shifting sand, would exact titanic effort. Back on the new plateau, the greenish strip on the horizon between sand and sky has grown wider.

4

It is the school summer vacation – December to February – and he, now a young man in Recife, moves with his family to an apartment on Boa Viagem beach. It is an annual ritual: summer vacation means living at the beach (even though his parents endure a longer commute between home and work, a sacrifice more than welcome). Vacation is the time to meet four cousins who come from the South and stay with his family, cheerfully crowded into an apartment meant for a quarter of its occupants. Thus the sextet is formed and dissolved each summer: he, his brother, the four cousins. Only in later meetings, when they are adults, does he become aware of differences that set the two Recife boys apart from those four from the “marvellous South”, whose values are now unacceptable to him. In youth, however, everything was celebration – beach in the morning, volleyball in the afternoon (or aeromodelling), board games at night. Political and ideological discussions had no place; differences were swept under the rug. This did not eliminate the deep affection among them. (Who could have imagined that, of the six, only two would reach their eighties?)

The coast has long stretches of reefs that, at low tide, emerge and form immense pools between them and the sand. On the reefs, fishermen seek octopus, crabs and lobsters, especially at night; others walk along them for the pleasure of the stroll. By day, the youngsters search for “trampolines”: points on the rocks from which they can jump, not towards the rough sea beyond the reefs, but into the pools between reef and

beach. They look for places neither too deep, which could lead to accidental drowning, nor too shallow, where they might strike their heads on the bottom.

He dives in, but misjudges the depth. He throws himself forward with gusto, headfirst, but arches his body too late as he approaches the bottom. His nose scrapes hard against the sand. He feels a crack reverberating through his skull, everything goes white, and he blacks out. His cousins fail to notice that he has fainted; they think he is playing around. He is a strong swimmer and can stay underwater for a long time. The other is nearby: he dives down and brings him to the surface. His cousins realize he is unconscious and drag him to the beach. The other disappears. His companions in adventure see his face covered in blood, but this time he quickly regains consciousness and, with considerable difficulty, his breath. He feels his nose and realizes that it is not just the skin that has been scraped away: there is a fracture, and blood is streaming profusely from his nostrils. The mark left by the fracture will remain on his nose forever.

5

The dunes are over, but here the transition to the beach is not gentle; the dunes do not gradually lower until their sands become beach, bathed by the high tide. On the contrary, the transition is abrupt, through cliffs of great height, equivalent to a ten-storey building. The sandy expanse becomes clay walls that bravely resist the impact of the waves. At the edge, he looks in ecstasy to the right and to the left. In both directions, as if drawn with a square, the cliffs extend straight to the horizon, nothing interrupting their continuity. The lines of foam and the height of the wall narrow until they become imperceptible, leaving only the two-toned landscape of the two horizontal surfaces – the green of the sea, the cream of the sand – and the blue of the sky. The other stands at a distance, watching him.

At high tide or low tide, the waves break directly against the cliffs; the impact throws spray almost to where he stands above. He hesitates to jump. He wagers that his momentum will be enough to carry him beyond the collision between sea and cliff. He undresses and, in doubt, steps back some twenty metres and sprints towards the abyss. He succeeds: he dives deep, has good breath, and, still underwater, moves away from the wall to a safe zone. He surfaces. From where he floats, it is possible to admire, from the agitated sea, the cream-coloured, soft surface of the sand above, its gentle undulations, the landscape he has come to know and master along the way; at eye level, the spectacle of waves breaking against the precipice.

Yet the agitation of the sea increases; larger and more frequent waves crash against the cliff with a great roar. He is caught in heavy breakers, can barely stay afloat, much less control the direction in which he wishes to swim, away from the cliff. Until a gigantic wave hurls him against the clay wall. He sinks into it more than half a metre, in a vertical position, arms open like a scarecrow. The other witnesses everything from above with the interest of a notary, turns around, and disappears back into the dunes.

With time, the water gnaws at his flesh until only the skeleton remains, an unexpected decorative piece, pale and almost luminous, standing out against the ferruginous tones of the wall in which it is embedded, contemplating the sea, the sea, forever beginning again.

(First Portuguese version, Natal, RN, 26 February 2026; second Portuguese version, Canaan, Trairi, CE, 16 March 2026; this English translation of the second version, 16 March 2026.)



PÓ

Acabara de levantar-se. A primeira coisa a fazer era preparar o motor de arranque – o primeiro café do dia, forte, uma xícara pela borda. Enquanto a cafeteira fazia seu trabalho, ele abria a casa: as portas e janelas de venezianas, voltadas para o nascente; as portas da varanda para o norte, que em parte abrigava o carro e em parte fazia as vezes de hall de entrada da morada, após a travessia dos jardins desde o portão; a porta do fundo, para o poente, sombreada por gigantesco cajueiro de suculentos frutos amarelos.

Enchia a xícara e ia ao alpendre. Bebericava o café sentado na rede, a apreciar os primeiros raios de sol filtrados pela densa folhagem; à sua esquerda e um pouco à frente da varanda, ficava um belo e centenário pé de cedro, plantado por sua sogra quase um século antes. Um pouco mais afastado, porém bem defronte de si, outro cajueiro enorme, também centenário. O sítio havia sido herdado dos seus sogros mais de quarenta anos atrás.

Desde então, ele e sua mulher substituíram a vegetação de cerrado preexistente por um pomar de cajueiros, mangueiras, pitangas, graviolas e outras frutíferas, além de plantas ornamentais cuja floração era um deleite.

Também gostava de tomar o café na cabeceira da mesa de refeições, no extremo da sala oposto ao nascente. O encanto era outro. O sol rasante entrava fundo no ambiente, atravessando a vegetação e desenhando no piso uma filigrana luminosa em movimento, raios cruzando os vãos entre folhas agitadas pelo vento. Atrás de si, o espaço da sala se prolongava, sem quaisquer barreiras, num jardim pergolado delimitado, ao final, por uma vedação de cobogós. Ao longo do dia, variando também nas estações, os fachos solares mutantes, atravessando pérgolas e cobogós, imprimiam sobre a vegetação do jardim interno, paredes e pisos outros desenhos de luz que ele muito cultuava.

Sentado à mesa, percebeu uma mancha clara incomum sobre a toalha. Olhou para o teto. Da cobertura de telhas coloniais faltava um conjunto de quatro unidades por onde a luz incidia sobre o móvel. Não havia sinal de queda, nem de retirada, nem de invasão.

Como de costume, foi à praia. O sol estava ameno, filtrado por cirros diáfanos. Branquelo, protegeu sua pele delicada com os devidos produtos. Banhou-se, nadou, tomou sol. Admirava particularmente aquele trecho de litoral. Os terrenos eram amplos; as casas mal entrevistas entre árvores; na maré baixa a praia era larga, de pequena declividade, os arrecifes formavam uma piscina – sua raia de natação.

Ao voltar à casa, no chuveiro, notou uma descoloração na própria pele, do tamanho da palma da mão, na batata da perna esquerda. Parecia um foco de luz sobre a panturrilha. Além disso, a pele havia afundado um pouco, faltava carne.

No dia seguinte, ao fazer a higiene habitual no banheiro, mais surpresa: no telhado, faltava o dobro do número de telhas que estavam ausentes, ontem, na sala. Nesta, via-se o buraco do dia anterior, só que maior. Intrigado, percorreu o resto da casa. Buracos no teto espalhavam-se por todos os cômodos.

Na perna, a mancha havia se alargado, agora ocupava a batata da perna inteira, e a espessura de sua panturrilha tinha diminuído mais um bocado. Mácula similar aparecia na perna direita. As coxas também haviam afinado, perdia as pernas grossas herdadas da mãe – tema de gracejo familiar. Junto a isso sentia certa fraqueza, que lhe dificultava a mobilidade, diminuía a força de suas pernas, tornando penoso sentar-se ou levantar-se da cadeira ou da rede. Olhando no espelho, viu um rosto encovado, bochechas murchas, pele engelhada. Achou-se mais baixo.

Mais um dia e os buracos no telhado avançavam. Não só os anteriores estavam maiores, porém surgiam novos. Na varanda, uma quarta parte estava desprovida de telhas, com linhas, caibros e ripas expostos ao sol. A outra varanda, onde ficava o carro, estava completamente destelhada. Algumas paredes internas da casa eram pintadas em cores vivas – azul e amarelo. Tinham desbotado, restando apenas um leve resquício da tinta anterior.

Continuou a perder peso, tinha grande dificuldade de locomoção. Seus braços afinavam, e sua barriguinha, formada na idade avançada, havia quase sumido – ponto para a elegância, se fosse noutros tempos. As pernas mal obedeciam ao seu comando; quadril, joelhos e pés doíam muito; a região lombar, nem falar. Chegava à varanda para deitar-se em sua rede querida com grande esforço. Lá ficava horas a fio, olhando o jardim, sem nenhuma disposição para alimentar-se. Quando se forçava a isso, tinha muita dificuldade para deglutir, doía-lhe a garganta, a comida lhe queimava o esôfago. E deslizava célere pelo trato digestivo: era uma diarreia crônica. Definhava.

No outro dia acordou mais cedo dada a luz intensa que lhe atingiu os olhos ao nascer do sol: o quarto não tinha mais telhas, o madeirame estava todo exposto. Faltava a parede entre o quarto e o banheiro, tinha sumido junto com os armários embutidos voltados para o quarto. O madeirame do teto ignorava a ausência das paredes nas quais se apoiava, ele flutuava sobre os lugares onde antes havia os suportes. Sem a parede, a canalização do banheiro, antes embutida, estava agora exposta, mas continuava no lugar. Como o madeirame, formava uma teia de canos suspensa no ar. Ainda havia a parede entre o banheiro e a despensa, onde se apoiava o balcão da pia e o grande espelho.

Olhando-se ao espelho, não se reconhecia, mais magro e ainda mais baixo. A pele havia adquirido uma coloração uniforme, um branco azulado que cobria todo o corpo. Havia desaparecido as diferenças entre as partes comumente expostas ao sol, de um bronze avermelhado dada sua branquitude, e as outras, mais claras, protegidas pela roupa. Ao passar a escova no cabelo, chumaços se soltavam. Olhou para os braços e pernas e não viu mais pelos. Despiu-se, e notou que tampouco sobravam pelos nas

axilas, nem pubianos. Agora deu-se conta de uma estranheza a mais que sentiu, sem identificá-la no momento, quando se olhou por primeiro no espelho: sobrancelhas e cílios não mais existiam.

Amanheceu novamente, e todas as telhas da casa sumiram, assim como as paredes internas. Ficaram apenas o madeirame do teto, a malha de fios elétricos, antes embutidos nas paredes e agora expostos, e o envoltório da residência: as paredes externas, a superfície de cobogós do extremo da sala voltado para o poente, as portas e janelas de venezianas que abriam para as varandas. Ah, ainda havia sua cama e os demais móveis e equipamentos: a mesa de refeições, a estante de livros da sala, o aparelho de TV sobre sua mesinha, o fogão, a geladeira, e os balcões de granito, que ficavam encostados nas paredes, agora inexistentes. A fiação elétrica, embutida ou não, que alimentava lâmpadas e utensílios, continuava no lugar; luminárias antes aplicadas às paredes estavam conectadas à fiação, mas pairavam no ar, desprovidas dos anteriores suportes. A bacia sanitária, a pia do banheiro e o chuveiro seguiam ligados às tubulações de alimentação de água e de coleta de efluentes. Antes de ir ao banheiro, sentou-se na cama e contemplou por alguns momentos o espaço interno da casa em sua plenitude, a visão marcada pela leve teia de fios, verticais ou horizontais, que denunciavam a existência dos antigos cômodos. Admirou a configuração do lugar, que conhecia em sua cabeça, mas que só agora o percebia como um continuum.

Por vezes, parte do campo visual desaparecia; formava-se uma espécie de nuvem branca que encobria trechos da realidade à sua frente. As nuvens surgiam e sumiam aleatoriamente, aumentavam e diminuíam de tamanho, a qualquer momento do dia, independentemente do que estava a fazer. Não relacionava nenhum esforço especial ao fenômeno. O globo ocular doía, junto com forte ardor na córnea. Progressivamente, seu campo visual encolheu, reduziu-se a um pequeno círculo que mal abarcava o rosto de uma pessoa a um metro de distância, era como se estivesse olhando o mundo pelo minúsculo buraco de uma fechadura das antigas.

Mais um dia, e ele acordou no chão frio, pelo menos ainda com as cobertas. Tudo que havia no anterior espaço interno da casa desapareceu – mesas, cadeiras, divãs, armários, balcões, estantes – e agora também se foram o madeirame do teto e as vedações externas. No entanto, pairava no ar uma intrincada malha de fios, como um esqueleto delicado de algo que existiu ou viria a existir. Só num segundo momento percebeu serem os cabos da instalação elétrica da antiga morada, decorados aqui e ali por luminárias pendentes ou apliques antes afixados no teto ou nas paredes, igualmente a flutuarem no espaço. Para além do esqueleto estava ilesa a amada vegetação que cultivou ao longo de décadas e que abraçava o lugar da desaparecida edificação.

Ver o esqueleto de cabos com dificuldade não era somente por causa de sua delicadeza, mas de seus olhos. À vista embaçada juntava-se o campo de visão diminuto. Enxergava imagens duplas ou triplas, ou desfocadas. Pouco a pouco começou a duvidar se estava a ver a realidade das coisas ou a imaginar fantasias forjadas em sua mente. Até

cair a ficha — e demorava — não sabia onde acordava, às vezes pensava estar no Recife de sua infância e adolescência, às vezes no Maranhão, onde viveu por dois anos (seus primeiros tempos de atividade profissional), às vezes no Rio, onde viveu por três anos, ou em Brasília, onde havia se fixado por 54 anos, antes de se mudar em definitivo para o sítio onde agora estava.

Acordou com os primeiros raios de sol batendo em seu rosto. Encontrava-se deitado na areia e nada da residência sobrara. O sítio estava como o havia conhecido mais de quarenta anos atrás, quando o visitou pela primeira vez e ainda não havia a clareira aberta para a construção da futura casa. A vegetação rasteira, arbustiva e arbórea plantada ao longo de décadas substituindo o cerrado original tinha desaparecido, e a paisagem voltou ao estado de cerrado anterior.

Tentou, mas não conseguiu mover-se. Estava paralisado, seus músculos não respondiam aos impulsos do cérebro. Buscou gritar por socorro, nada saiu da garganta. Chegou a uma magreza extrema, estava pele e ossos. A quase ausência de uma camada adiposa fazia com que o calor do sol batesse com força nos órgãos internos, causando-lhe dores insuportáveis. Imóvel, sem beber, sem comer, a perda de consciência estava próxima. Na ânsia de se proteger, com as poucas forças restantes puxava com pés e mãos um pouco de areia para cobrir o corpo. Mas ela já estava muito quente, e não sabia o que era preferível – se exposto, se coberto. Mesmo assim, tapou-se todo, exceto o rosto, sobre o qual conseguiu colocar algumas folhas secas coletadas ao redor com as mãos.

Depois de algum tempo, não era mais ele. Seu corpo foi secando e secando e secando, foi virando pó, até confundir-se com a areia em que estava enterrado. O local da antiga casa, que tanto usufruiu e amou, da qual nada restava, tornou-se seu túmulo; o sítio, seu cemitério.

(Brasília, 18.4.2026. Publicado anteriormente em: HOLANDA, Frederico de. Pó [recurso eletrônico]. *Revista de Estética e Semiótica*, vol. 6, n. 1 (2026): RES 1-2026, ISSN 2238-362X, https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica, p. 23-25; e em: HOLANDA, Frederico de. Pó [recurso eletrônico]. *Revista Sede de ler*, v. 16, n. 1, jan./dez. de 2026, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. ISSN Eletrônico: 2675-200X, https://periodicos.uff.br/sededeler/article/view/71394/41587 .)

DUST

He had just got up. The first thing to do was to prepare the starter motor – the first coffee of the day, strong, a cup filled to the brim. While the coffee maker did its work, he opened the house: the louvred doors and windows facing east; the veranda doors to the north, which partly sheltered the car and partly served as the entrance hall to the dwelling, after crossing the gardens from the gate; the back door to the west, shaded by a gigantic cashew tree laden with succulent yellow fruit.

He filled the cup and made his way to the veranda. He sipped his coffee in the hammock, taking in the first rays of sunlight filtered through dense foliage; to his left and slightly ahead stood a beautiful, century-old cedar, planted by his mother-in-law nearly a hundred years before. A little further away, directly in front of the veranda, stood another broad cashew tree, equally old. The property had been inherited from his in-laws more than forty years before. Since then, he and his wife had been replacing the original cerrado vegetation with an orchard of cashew trees, mango trees, pitangas, soursops and other fruit trees, as well as ornamental plants whose flowering was a delight.

He also enjoyed having his coffee at the head of the dining table, at the far end of the room opposite the east. The charm there was different. The low sun reached deep into the space, passing through the vegetation and casting on the floor a shifting filigree of light, rays crossing the gaps between leaves stirred by the wind. Behind him, the room extended, without any barriers, into a pergola-covered garden, bounded at the far end by a screen of cobogós. Throughout the day, and varying with the seasons, shafts of sunlight passing through pergolas and cobogós cast further luminous patterns upon the vegetation of the inner garden and upon walls and floors, patterns he greatly cherished.

Seated at the table, he noticed an unusual patch of light on the tablecloth. He looked up at the ceiling. From the tiled roof, a set of four tiles was missing, through which light fell on the table. There was no sign of collapse, removal, or intrusion. Nor were they in the yard.

As usual, he went to the beach. The sun was mild, filtered through diaphanous cirrus. Fair-skinned, he protected his delicate skin with the proper products. He bathed, swam, took in the sun. He was particularly fond of that stretch of coastline. The plots were large, the houses barely glimpsed among the trees; at low tide, the beach was wide,

with a gentle slope, and the reefs formed a pool – his swimming lane. Back home, in the shower, he noticed a patch lighter than his own skin, the size of his palm, on the calf of his left leg. It looked like a spot of light. Moreover, the skin had sunk slightly – there was less flesh.

The next day, during his usual morning routine in the bathroom, another surprise: on the roof, twice as many tiles were missing as on the day before in the sitting room. There, the hole from the previous day was much larger. Intrigued, he walked through the rest of the house. The holes in the ceiling had spread throughout every room.

On his leg, the patch had widened, now covering the entire calf, whose thickness had diminished even further. A similar patch appeared on the right leg. His thighs had also thinned; he was losing the thick legs inherited from his mother – a subject of family teasing. Along with this came a certain weakness, which made movement difficult, reducing the strength in his legs and making it hard to sit down and stand up from the chair or the hammock. Looking in the mirror, he saw a hollowed face, sunken cheeks, wrinkled skin. He also thought he seemed shorter.

Another day, and the holes in the roof advanced. Not only had the previous ones grown larger, but new ones appeared. On the veranda, a quarter of it was stripped of tiles, rafters and battens exposed to the sun. The other veranda, where the car stood, was also completely without a roof. Some internal walls, once painted in bright colours — blue and yellow — had faded, leaving only a faint trace of their former paint.

He continued to lose weight, along with a marked difficulty in moving. His arms thinned, and his little belly, formed in later years, had almost vanished — a point in favour of elegance, in other times. His legs barely obeyed him; hips, knees and feet ached greatly, his lower back worse still. Reaching the veranda to lie in his beloved hammock required great effort. There he would remain for hours, looking at the garden, with no inclination to eat. When he forced himself, he had great difficulty swallowing; his throat hurt, as though the food burned its way down his oesophagus. And it slid swiftly through the digestive tract: he developed chronic diarrhoea. He was wasting away.

The next day he woke up earlier, due to the intense light striking his eyes at sunrise: the bedroom had no tiles left, the timber structure entirely exposed. The wall

between bedroom and bathroom was gone, along with the built-in cupboards facing the former. The roof structure paid no heed to the absence of the walls that had supported it; it hovered where its supports had once been. With the wall gone, the bathroom plumbing, once concealed within it, was now exposed, yet remained in place. Like the structure, it formed a web of pipes suspended in the air. Only the wall between the bathroom and the pantry remained, supporting the sink counter and the large mirror.

Looking at himself in the mirror, he did not recognise himself – thinner and shorter still. His skin had taken on a uniform bluish-white tone covering the entire body. The differences between areas usually exposed to the sun, once reddish-brown, and the paler areas protected by clothing, had disappeared. As he ran the brush through his hair, clumps came away. He looked at his arms and legs and saw no hair at all. He undressed and saw that none remained in his armpits or in the pubic region. Only then did he notice another strangeness he had felt but not identified at first glance in the mirror: his eyebrows and eyelashes were gone.

Another dawn, and all the tiles of the house had vanished, as had the internal walls. Only the timber structure of the roof remained, along with the mesh of electrical wiring, once embedded in the walls and now exposed, and the outer shell of the dwelling: the external walls, the cobogó screen at the far end of the room to the west, the louvred frames opening onto the verandas – doors and windows. Ah, his bed was still there, along with the remaining furniture and equipment: the dining table, the bookcase in the sitting room, the television set on its small table, the cooker, the fridge, and the granite worktops, once set against walls that no longer existed. The electrical wiring, embedded or not, which powered lamps and appliances, remained in place; light fittings once attached to the walls were still connected to the wiring, but floated in the air, deprived of their former supports. The toilet, the bathroom sink and the shower remained in place, properly connected to their respective pipes. Before going to the bathroom, he sat on the bed and for a few moments contemplated the internal space of the house in its entirety, the view adorned by a delicate web of wires, vertical and horizontal, marking the former rooms. He admired the configuration of the place, which he knew in his mind, but which only now did he perceive as a continuum.

At times, part of his field of vision would disappear; a kind of white cloud would form, obscuring sections of reality before him. The clouds appeared and vanished at

random, growing and shrinking, at any moment of the day, regardless of what he was doing. He could not relate the phenomenon to any effort. His eyeballs ached, along with a strong burning sensation in the cornea. Gradually, his field of vision narrowed, reduced to a small circle barely encompassing a face at a metre's distance; it was as if he were looking at the world through the tiny hole of an old keyhole.

Another day, and he woke on the cold floor, at least still with the blankets. Everything that had once filled the interior space of the house had disappeared – tables, chairs, sofas, cupboards, counters, shelves – and now the roof structure and external walls were gone as well. Yet an intricate mesh of wires hovered in the air, like the delicate skeleton of something that had existed or might yet exist. Only after a moment did he realise they were the cables of the former electrical system of the house, adorned here and there with pendant lights or fittings once fixed to ceilings or walls, likewise floating in space. Beyond the skeleton, the beloved vegetation he had cultivated over decades remained intact, embracing on all sides the place where the building had stood.

Seeing the skeleton of wires with difficulty was not only due to its delicacy, but to his eyes. Blurred vision combined with the narrowed field of sight. He saw double or triple images, or blurred ones. Little by little, he began to doubt whether he was seeing reality or imagining fantasies produced by his mind. Until it dawned on him — and it took time — he did not know where he woke: sometimes he thought he was in Recife, of his childhood and adolescence; sometimes in Maranhão, where he had lived for two years; sometimes in Rio, where he had lived for three; or in Brasília, where he had settled for fifty-four years before moving definitively to the place where he now was.

He woke with the first rays of sunlight striking his face. He was lying on the sand, and nothing of the house remained. The site was as he had first known it nearly forty years before, when he visited it for the first time and the clearing for the future house had not yet been opened. The vegetation, planted over decades, replacing the original cerrado, had disappeared, and the landscape had returned to its earlier state.

He tried but could not move. He was paralysed; his muscles did not respond to the brain's impulses. He tried to cry out for help — no sound came from his throat. He had reached extreme thinness; he was skin and bone. The near absence of a layer of fat allowed the heat of the sun to strike his internal organs directly, causing unbearable pain. Motionless, without drinking, without eating, he was close to losing

consciousness. In an effort to protect himself, with the little strength he had left, he dragged with his feet, legs, arms and hands some sand over his body. But it was already too hot, and he did not know what was preferable — exposed or covered. Even so, he covered himself entirely, except for his face, over which he managed to place a few dry leaves gathered around him.

After some time, he was no longer himself. His body dried and dried and dried, turning to dust, until it became indistinguishable from the sand in which he lay buried.

The place of the former house, which he had so enjoyed and so loved, of which nothing remained, became his tomb; the site, his cemetery.

(Portuguese version, Brasília, 18.4.2026; this English translation, 20 April 2026.)



A REDE VERMELHA

Ele conhecia a rede antes de nascer. Quando adulto, os suaves embalos que por vezes sentia, de olhos fechados, imediatamente antes ou depois da vigília, só podiam ser memórias do útero — sua mãe a embalar-se (embalá-lo) na rede. A linda rede vermelha fora tecida por sua avó materna, num tear doméstico dos tempos d'antanho, naquele fim de mundo. Igualmente tricotara a preciosa varanda de crochê, da mesma cor.

Também lhe ocorriam memórias fugidias de quando recém-nascido. Por vezes era embalado no colo da avó; por vezes, ela o colocava na rede e o balançava, movimentando-a pelo punho, recostada numa preguiçosa de balanço, relíquia de família. Deliciava-se olhando a cobertura de telhas-canal, sobretudo as rolinhas que faziam ninho no topo das colunas, entre a alvenaria e o madeirame do telhado. Seu arrulhar era o contraponto perfeito às cantigas de ninar da avó. Estendia os bracinhos na direção dos pássaros e emitia os primeiros sons — uh... gaa... rrr...

O alpendre tinha uns dez metros de comprimento e uns três de largura — sobressaía ao resto da casa na forma de um pórtico. Dali se tinham as mais belas vistas do jardim e do pomar; era voltado para o nascente. O sítio havia passado de seu bisavô para a avó (mais para trás não recordava relatos), daí para sua mãe, que ali havia nascido. A mãe e a avó eram as pessoas que via a maior parte do tempo. A mãe se revezava entre as lides da casa e as mamadas, a troca de fraldas e os turnos de embalo do neném. A avó, sem mais obrigações no descanso da velhice, dedicava ao neto a maior parte do tempo. O pai lhe fazia um carinho rápido ao pegá-lo no colo e, no mais, ocupava-se de coisas de homem: nada de cuidar da casa ou de empenhar-se em lides domésticas, mas de se dedicar ao duro trabalho do campo — acordar de madrugada, tirar o leite das vacas, pegar na enxada, comer um almoço rápido (às vezes doze ovos cozidos), continuar tarde adentro e retornar à casa à noitinha. No lazer, roda de homens na calçada da igreja, enquanto pitavam um cigarro; dormia cedo.

A rede vermelha ficava sempre no alpendre; nem de noite saía de lá. Os flashes de memória de quando era bebê estavam ligados a ela, na varanda da casa: o sol quentinho da manhã que lhe acariciava a pele; o vento suave que fazia tremelicar as varandas de crochê; as cantigas de ninar com que a avó bordava seu embalo. Quando ela parava de balançá-lo, por cochilo ou distração, olha o berreiro! Restaurado o embalo, voltava a paz.

Já criança, balançava-se sozinho na rede. Fazia campeonatos com os amiguinhos, a ver quem ia mais alto. E, também, quem, depois de um forte embalo, conseguia saltar dela e cair mais longe, já no gramado que envolvia o alpendre. Outra brincadeira era encaixar pernas e braços nas laterais da rede, tomar forte impulso de

lado e virar de frente para o chão — carecia força para fazê-lo, e, mais ainda, para manter-se naquela posição; agora, a competição era contar quanto tempo se aguentava, músculos abdominais, das costas, dos braços e das pernas exigidos ao máximo.

Ai de quem removesse a rede vermelha da varanda!

Tendia a um menino recluso, avesso aos jogos com um número grande de crianças, como pega-pega ou futebol (este, nem pensar: era um perna-de-pau). Participava de grupos menores: futebol de botão, bola de gude, academia, corridas-de-saco, passeios de bicicleta pelos arredores do sítio, e os tradicionais brinquedos das pracinhas: escorrega, balanço, gangorra, trepa-trepa. Para ele, cada rodada de jogos perdia a graça mais rapidamente do que para os demais. Começava a pensar na rede e a voltar para ela, particularmente quando já era tardinha. Entre outros atributos, decerto o vermelho o atraía — sua cor preferida por toda a vida.

Havia uma escola primária no vilarejo em cujos arredores ficava o sítio. Fez, lá, o que hoje se chama Ensino Fundamental, mas só até o quarto ano. Daí, mudou-se para a capital do estado, alojado na casa de umas tias, até que seus pais resolveram também transferir-se para a cidade grande. Contudo, sua relação com o sítio continuou forte. Seu pai sempre voltava ao vilarejo para tratar da produção agrícola. Quando possível, o acompanhava, particularmente nos fins de semana, por conta da escola. Além disso, parentes e amigos estavam frequentemente indo e vindo — embarcava de carona com eles. Na ausência da família, agora na capital, um caseiro cuidava da casa e do sítio. Mas nada como o olho do dono: o sítio começou a definhar, a casa começou a se degradar. A rede, porém, continuava intacta, linda como sempre, excepcionalmente confortável, disponível a abraçá-lo sempre que chegava — a primeira coisa era armá-la na varanda e deitar-se nela, qualquer que fosse a hora do dia. Só depois de matar um pouquinho a saudade, reabsorvendo as vistas do jardim e do céu, a partir da maciez e da maleabilidade da rede vermelha, a amoldar-se com perfeição à forma do seu corpo, é que se levantava em busca dos meninos da vizinhança para brincadeiras.

Agora adolescente, o uso da rede mudou, de mais prático — brincadeiras, competições — para mais contemplativo — da paisagem — e reflexivo — de suas leituras, e da música que apreciava, a "popular" e a "erudita" (rótulos tão correntes quanto bobos). Por exemplo, percorreu tudo que estava disponível em português (ainda não lia em inglês) sobre Sherlock Holmes, o eterno personagem de Conan Doyle. Sonhava um dia visitar o famoso apartamento ficcional do número 221B, Baker Street, Londres, onde Holmes trocava ideias com o doutor Watson — seu inseparável interlocutor — sobre os casos que enfrentava. (Fez isso depois: visitou o museu em homenagem ao personagem.)

Quanto à música, ainda adolescente, seu pai lhe deu de presente um LP com dois concertos clássicos para piano e orquestra, à época geralmente editados juntos, um de

cada lado do disco: o de Tchaikovski e o de Grieg. Foi paixão imediata: nunca se cansaria de ouvi-los, e os acordes iniciais de ambos — sempre a todo volume — lhe arrepiariam pelo resto da vida. Eles haveriam de ser, mais tarde, a porta de entrada para trás — os barrocos, como Bach, Handel, Vivaldi, Albinoni — e para frente — os modernos, como Stravinski, Bartók, Ligeti e, claro, Villa-Lobos.

Dividia as tardes entre literatura e música (às manhãs, a praia era sagrada). Grosso modo, à leitura dedicava a primeira metade da tarde; à música, a segunda, de preferência quando não havia ninguém em casa. Juntou as mesadas e comprou um aparelho de som, instalou-o na sala e ouvia as peças na varanda contígua, aboletado na rede. Preferia o som cheio, reverberando no ambiente da sala, ao esterilizado dos (ótimos) fones de ouvido, que também adquirira — usados quando necessário.

A luz do final do dia lhe encantava em particular. Embora ele não estivesse voltado para o pôr do sol (lembrem: a varanda era para o nascente), as cores e formas das nuvens e do céu eram sempre um deslumbre — nunca as mesmas. Ali ficava até o céu tornar-se negro e surgirem as estrelas. Não havia cidade grande perto do sítio, cujas luzes encandeariam a visão. Com a lua, era outro tipo de beleza. Apreciava mais o dia seguinte à lua cheia, quando ela ainda estava praticamente completa, mas o céu já estava escuro, sem o lusco-fusco do sol recém-sumido atrás da casa. Na sua rede vermelha, aguardava o lento aclarar do horizonte, até que os primeiros raios começavam a atravessar a densa vegetação de árvores e arbustos que cultivou ao longo dos anos. Mais um pouco, e ela já estava acima da copa das árvores. Ainda que provocasse ciúmes à sua querida rede, largava dela e levava a espreguiçadeira para o centro do gramado, para melhor apreciar o astro noturno.

Ah, havia um uso prático que bem marcou essa fase. Passou a ficar até tarde da noite na rede, quando a família já estava recolhida e os vizinhos, do outro lado da cerca e do beco que separava o sítio da terra deles, dormiam. E não estava só: era acompanhado por uma namorada mais experimentada em assuntos amorosos, que passou a acompanhá-lo nos passeios ao sítio. Foi na rede vermelha que perdeu a virgindade com ela, inicialmente de modo desajeitado — braços e pernas entrançados num suporte flexível que mudava de forma a cada movimento — e, entre frouxos de riso, tomando dois cuidados: um, para não caírem quando os ímpetos se tornavam intensos, já perto do gozo, braços, pernas e cabeças quase escapando pelas bordas; outro, para abafarem os gemidos do prazer, a fim de não acordarem os que já dormiam dentro de casa, separados apenas por esquadrias de venezianas.

Adulto feito, depois da morte dos pais assumiu, com sua mulher, a administração do sítio. Ela costumava passar as tardes com parentes do vilarejo e ele ficava só com sua rede na varanda, a ler, ouvir música, olhar o jardim, matutar sobre a vida. Era ali, mais que na cidade, onde o trabalho frenético o absorvia, que ele costumava fazer um balanço

de sua trajetória (nome pomposo). Junto a isso, alargou o leque de suas leituras. Dedicou-se à Filosofia: havia tido o privilégio de ser aluno (presencial, nos velhos tempos da graduação em Arquitetura e Urbanismo) de Evaldo Coutinho, e revisitou vezes sem conta o clássico *O espaço da arquitetura.* Isso o puxou para a Epistemologia, e explorou os difíceis, porém deliciosos livros de Daniel Dennett, Sam Harris, e, no Brasil, Sidarta Ribeiro. Pierre Bourdieu corria por fora no campo da Sociologia: *A distinção* foi uma epifania.

Mas a literatura de ficção também o atraía. Os romances policiais dos seus queridos "nórdicos sinistros", como os chamava — Henning Mankell, Jo Nesbo, Stieg Larsson, Arnaldur Indridason — competiam com Patricia Highsmith, do outro lado do Atlântico, e com o prolífico brasileiro, ainda que de vida infelizmente breve, Luiz Alfredo Garcia-Roza, em seus romances carioquíssimos. Claro, Machado de Assis era *hors concours.* Essas leituras tinham um sabor especial se eram realizadas no aconchego de sua rede vermelha.

Se a dedicação aos esportes nunca foi para valer, menos ainda agora, que os joelhos já não prestavam, idem a coluna lombar. A concessão à manutenção da máquina corporal eram sessões de fisioterapia que fazia em casa, com orientação remota, e, regido pelos horários da maré, umas braçadas no mar de águas tranquilíssimas (na vazante) de uma praia próxima ao sítio. Natação era o exercício perfeito para a artrose que lhe atacava os joelhos e, particularmente, a coluna lombar (doença sem cura, apenas controlável, dizia-lhe a fisioterapeuta): aparentemente nada exigia deles, não lhe doíam, e lhes fazia bem. Sentia o dever cumprido ao completar os mil metros diários. Como as marés comandavam a ida à praia; como a maré vazante era mais tarde cerca de uma hora a cada dia; como ele não gostava de ficar excessivamente ao sol, máximo umas duas horas, sobrava algum tempo, pelas manhãs, antes ou depois da natação. Era o período em que se dedicava a escrevinhar poemas e contos.

Apesar da distância da cidade — 150 km — cada vez mais ele passava os fins de semana no sítio. Como era professor universitário, tinha dois recessos de aulas nos quais dividia suas férias: uns dias em julho, outros no fim do ano; em ambos, ele corria para se espichar na rede. Agora, com a facilidade da internet com boa velocidade, e fora do período de aulas, mordia alguns dias, ou mesmo semanas, para além do período de férias, e atuava remotamente em atividades administrativas ou de orientação dos alunos a partir do seu refúgio campestre. A mesa de trabalho e o computador competiam com a rede — mas essa ganhava de lavada.

Mais alguns anos e o trabalho já não o entusiasmava; crescentemente ansiava pela aposentadoria. Na cidade, passava a semana pensando na rede vermelha, no trato do pomar, na contínua formação e no cuidado do jardim: as flores proliferavam, e ele se deleitava a contemplá-las. Já não tinha energia para a manutenção direta — apenas

supervisionava serviços contratados. A migração das atividades práticas para as contemplativas se acentuava. A rede era o refúgio perfeito para as dores de sua artrose: ao deitar-se, o alívio era imediato; levantar-se, porém, exigia grande esforço.

Como tinha acesso às plataformas digitais, à noite a sessão pipoca era rotineira. Com a mulher, revia clássicos e buscava novidades. Apesar de proliferarem *blockbusters*, os catálogos melhoravam dia a dia, colocando à disposição um bom repertório. Se o filme lhe agitava em demasiado a cabeça, ia para o acolhimento da rede vermelha até o sono chegar; só então ia para a cama.

As doenças se acumulavam. Uma cirrose hepática apareceu não se sabia de onde. Não bebia, não fumava, não se drogava; não havia precedentes familiares. Os médicos estavam perplexos. A vista piorava. Há tempos, manchas esbranquiçadas cobriam partes do campo visual — apareciam e desapareciam sem padrão. Se, de início, afetavam apenas áreas restritas, as manifestações recentes já cobriam o campo inteiro: por instantes, ficava quase cego, percebendo apenas manchas difusas de luz. Novamente, os médicos não tinham explicação. Exames de todo tipo — oftalmológicos, neurológicos — indicavam tudo normal. Só que não.

Como já não dirigia, dependia de parentes e amigos para ir ao sítio, que rareavam: uns morriam, outros estavam doentes, presos em casa. A manutenção do sítio tornara-se precária. O caseiro também se aposentara, e ele recorria a trabalhos por empreitada — cada vez mais difíceis de conseguir. Passou meses sem ir por lá, sem notícias. Quando vieram, não eram boas: a casa fora depredada. Não entraram em pormenores, exceto por dizerem que já não estava habitável.

Com grande dificuldade de locomoção, pediu aos filhos que o acompanhassem numa última visita. Queria apenas caminhar pelo beco e olhar o sítio e a casa — ver, pela última vez, o lugar do qual sua memória guardava lindas imagens.

Não acreditou nos próprios olhos. Ao passar ao longo da cerca, pelo lado de fora, viu o que restara da casa. Os itens mais valorizados tinham sido levados: nada de esquadrias ou telhado. Das paredes, o reboco caíra em vários trechos. Os panos de cobogós cerâmicos mantinham-se de pé. Enxergava com clareza volumes e contornos, mas tudo no sítio adquirira tonalidades de cinza, como num velho filme em preto e branco — a areia, os pedriscos da passagem do carro até a entrada, o gramado, os arbustos e as árvores, o que restava da alvenaria da casa. Exceto...

Estendida entre duas colunas do antigo alpendre, uma rede irradiava uma forte luminosidade vermelha, quase a doer na vista. Indiferente à paisagem cinzenta ao redor, tremelicava ao sabor dos alísios, em rubra intensidade.

(Brasília, 29.5.2026.)

INOCÊNCIA

Para Sonia Marques

Novo em folha aos oitenta
Caem amigos e parentes
Olho pra suas memórias
Do que ontem foi presente

Me alegram e me impelem
A ousadas aventuras
Vidas não foram em vão
Relembro sua candura

Fraquezas? Delas caçoar
Bom confronto é desprezo
Correr, pular, gritar?

Câmera lenta, a quero
Porém ágil até findar
Ante o mundo – indefeso

(Brasília, 11.6.2026.)

PRIORIDADES 80+

Para Luiz Amorim

Cuidado, ponha o seu pezinho aqui, está firmemente apoiado? o seu bracinho deve estar sobre o braço da cadeira o tempo todo, segure firme com sua mãozinha aqui neste suporte, cole suas costinhas na cadeira, não se vire de jeito nenhum, pode deslocar o pescocinho com os suculavancos e daí sabe-se lá o que vai acontecer com sua cabecinha, as perninhas estão confortáveis? sei que esse raio dessa cadeira deixa vocês meio encolhidinhos, mas fazer o quê? já reclamei mil vezes pra conseguirem uma cadeira melhor e nada, então vamos assim mesmo, e desembestam saguão do aeroporto abaixo, sua mochila presa entre as pernas, estão em cima da hora, é sempre assim, quem vai de cadeirinha tem de esperar junto ao chequim até quase a hora do embarque quando o empurrador chega esbaforido da viagem anterior, assim como ficará depois da sua, seus (dele, cadeirante) parcos mas longos cabelos brancos da outrora farta e negra cabeleira a voarem com a velocidade do bólido, principalmente nas curvas ou para driblar passageiros a pé não tão apressados assim, quando as rodas rangem no porcelanato, cadê a fumaceira dos carros de Fórmula 1? até que chegam no portão de embarque, mas eles não param, em movimento, o empurrador bate seu cartão de embarque no sensor com uma mão, troca de mão para não soltar a cadeira, mostra sua (dele, cadeirante) identidade com a outra, faz uma última curva, a mais audaciosa de todas, em duas das quatro rodas, e emburacam no túnel em declive acentuado, mais dobras a cada trecho de rampa, até a porta do avião, quando, ao pararem súbito, ele é arremessado aos braços da comissária de bordo, boa tarde, bem-vindo.

Estava sendo levado aparentemente sem realizar nenhum esforço, mas seu corpo discorda, fica muito tenso todo o percurso e quando chega à porta do avião está moído como se fora ele a correr aquela maratona, e entra no aparelho, agradece as boas-vindas da comissária, faz lentamente o longo trajeto até o assento, suas pernas doem quando as estica após ficarem muito tempo dobradas, o avião é longo, conseguiu lugar somente na última fileira, dá pra me colocar mais na frente? vou ver, está lotado, mas lhe aviso, tinha de parar a todo momento, a esperar que o cara adiante colocasse sua imensa mala no compartimento superior, ela devia ter sido despachada de caminhão, não de avião, menos ainda dentro da cabine, mas vai que vai, vira de lá, vira de cá, tenta fechar o compartimento, não dá, como é que permitem uma estrovenga dessas como bagagem de mão? e os comissários não veem nada? deixam entrar? suas pernas já começam a ficar

dormentes, é assim quando fica parado de pé muito tempo, finalmente passa, na sua fileira, seu assento é na janela mas nos outros dois uns caras imensos já estão aboletados, nem se mexem, fingem que não lhe veem, dá licença? por que diabos um velho desses ainda viaja? levanta a perna com muito custo, as próteses nos joelhos e no quadril não permitem essas amplitudes todas, tenta passar pelo primeiro, não dá, os joelhos dele pressionados contra o assento da frente, levanta a perna para encaixá-la entre a esquerda do primeiro e a direita do segundo, perde o equilíbrio, cai sentado no colo do sujeito do meio, que porra é essa? porra digo eu, vocês nem se mexem, os dois caras giram o corpo e o empurram afinal para o seu lugar, desaba na cadeira, se encaixa como pode espremido por todos os lados naquele banco minúsculo, ele nem é tão gordo assim, abre a janelinha como se isso ajudasse a recuperar o fôlego, respira fundo, e quando chega o biscoitinho com Coca-Cola (lanche dos deuses) os dois marmanjos dão um bote na mão estendida do comissário, só depois ele pega o seu.

Hesitou em fazer a viagem porque desde a última diarreia não controla como deve o intestino, as tripas roncam direto e parecem uma plataforma de gás da Petrobrás, não consegue limitar o montão de puns que vai distribuindo ao longo do dia, quem está perto que aguente, como esses dois aqui vão aguentar (ainda não o sabem), mas em doses homeopáticas porém crescentes em ritmo e intensidade, primeiro quase parece que não houve, será mesmo que estou sentindo certo cheirinho? depois não há dúvida, a natureza do cheiro é clara mas o ar condicionado a espalha e mascara a origem, até que uma emissão mais poderosa revela a localização da fábrica e dois olhares fulminantes se dirigem a ela, quer dizer, a ele, plácido a olhar as nuvens, parecem carneirinhos, lembram sua infância, seu avô a fazê-lo imaginar bichinhos nos seus desenhos, mas voltemos ao que interessa, que merda é essa? porém ele tinha plugado fones nos ouvidos e estava mais para Beethoven do que para aqueles dois imbecis (escuta-os mas finge que não) até que sofre uma cotovelada do cara à direita, vira-se e vê o gesto interrogativo, as mãos abertas, palmas voltadas para cima parecendo em prece mas querendo traduzir por gestos que merda é essa? ele entra no jogo de mímica e admite que sente o odor, responde também por gestos apontando com o indicador o próprio peito e balançando a cabeça em redondo não, e para não se chatear mais consegue segurar os traques até o final do voo.

Final, nem tanto, porque não houve aeroporto nem pista nem aterrisagem, mas amerissagem, os dois motores entram em pane juntos, a queda é súbita provocando aquela leve vertigem, o imenso bicho metálico deixa de ser pássaro e resolve dar uma de

peixe, melhor, baleia, lançando-se ao mar, sabemos que água é mole, como no ditado, mas vira pedra quando aquele gigante se choca com as ondas em grande velocidade, felizmente não se partiu ao meio, e não é que esse bicho boia e as janelas ficam acima da linha d'água? ele não se machucou com o impacto pois seguiu direitinho as orientações da tripulação, já os vizinhos se deram mal, posição fetal o caralho, vou ficar mesmo é sentado olhando pela janela o mar se aproximando, viram, mas só até o impacto, pois bateram a cabeça no assento da frente e desmaiaram, ou morreram, ele nunca soube, levanta-se curvo, consegue fazer essa ginástica? joelhos e quadris biônicos não ajudam, a cabeça a roçar na curva do teto da cabine, bem baixo naquele ponto, imagine o esforço dos comissários para evitar o pânico, atenção, prioridades 80+ busquem a saída mais próxima, depois seguem os demais, ele descobre uma contradição curiosa, velhos não podem viajar nas fileiras das saídas considerados incapazes de manipulá-las mas com prioridade para usá-las, e ele passa por cima dos dois corpos inertes, na porta traseira, sua opção, alerta a tripulação sobre eles mas não lhe dão ouvidos, mais preocupados em apressar os passageiros a deixarem o avião, que afundaria em poucos minutos, tira os sapatos a mando dos comissários em mais um penoso esforço, consegue sair do avião escorregando pelo enorme tobogã inflável, cai no mar, não afunda muito, logo vem à tona, o colete salva-vidas é eficaz, ainda bem que está no Nordeste de mares morninhos, agora é afastar-se da enorme aeronave defunta, que entre assustadores estalos, bolhas, marolas e jatos de ar comprimido (baleia, pois) logo aderna, primeiro levantando uma asa à guisa de adeus para em seguida submergir lentamente de bico.

Está próximo a outros passageiros, vão agrupados, nada como pode em direção à praia, melhor dizendo, não nada, o colete o mantém na vertical, anda na água como bicicletando, só o pescoço e a cabeça de fora, o vento é forte, típico do litoral cearense, ondas aqui e ali lhe cobrem a cabeça, resfolega, faz um esforço para não engolir água mas nem sempre consegue, cadê as lanchas de socorro, ele não vai aguentar muito, se desmaiar é certo que se afoga porém dois jovens lhe dão as mãos pela direita e pela esquerda e vão negociando o caminho entre as ondas na direção da praia, melhor que a maré está cheia com os arrecifes submersos em boa profundidade caso contrário poderia rasgar os pés, há que ter cuidado no quebra-mar, se for pego num tubo (aquelas ondas bonitas de ver mas fatais de enfrentar) está perdido, pode quebrar a espinha, mas os jovens o ajudam meio que a surfar uma onda mais amigável e ele põe os pés na areia, equilibra-se nas fortes correntes espumantes e consegue devagarinho, apoiado nos dois

companheiros de desventura, andar até o seco, num trecho de praia virgem como ainda o são muitos desse litoral, mais alguns passos e fica tudo preto.

Fizeram-lhe compressões torácicas e respiração boca a boca após uma parada cardiorrespiratória, faz tempo que o coração não anda bem das pernas, quer dizer, das artérias, implantaram-lhe cinco stents, acorda ainda deitado de costas na areia cercado dos seus salvadores, em vez de tudo preto agora vê tudo branco, leva tempo para se acostumar à forte luminosidade do sol a pino e da luz refletida na areia branquinha, quer levantar mas não tem forças nem o deixam, não sabe quanto tempo passou, no entanto o suficiente para o socorro chegar por terra e por mar, a ambulância adentra a praia e o transferem para uma maca, daí para o interior do veículo, há cuidados a ter na sequência, põem-no uma máscara de oxigênio e zarpam, pisca-alerta ligado e sirene nas alturas, sente-se gente importante a cruzar a cidade naquela velocidade, outros veículos a lhe darem passagem, onde está seu filho, talvez ainda no aeroporto prestes a ser informado do ocorrido, ainda sem notícias de sobreviventes, não deve ter havido tempo de identificá-lo, localizá-lo, narrar-lhe o ocorrido, lê preocupação na fisionomia dos socorristas da ambulância, quer tranquilizá-los, quer dizer-lhes do filho, mas a voz não sai, uma sonolência lhe chega apesar dos trancos da ambulância, que se tornam mais e mais suaves, lembram ondas em câmera lenta num mar calmo, como em sua praia preferida, onde está agora, a nadar suavemente, como gosta, seus mil metros diários.

(Brasília, 30.7.2026.)

LIVRE-ARBÍTRIO

Acredita decidir o inocente
Esquece que fracassa ao nascer
Nem tempo nem espaço escolher
Destino recebido de presente

A vida cinzela o aprendente
Fontes a moldarem o seu ser
Pensar, sentir, agir, falar e ter
Conformam por inteiro corpo e mente

Adulto, tem do bom e do melhor
E pensa estar em ordem natural
Dá pouco, é-lhe tudo concedido

Na vida, sofrimento é pormenor
Desfruta do mundo, despreza o mal
E a terra cobre o riso desmedido

(Canaan, Trairi, CE, 17.8.2026.)

ACASO

Calhou nascer de classe média, alto, branquelo, na cidade do Recife, em 1944; naquele tempo, era a terceira maior metrópole brasileira, depois de São Paulo e do Rio. Seu pai era bancário; sua mãe, inspetora federal de ensino. A família chegou a contar com quatro empregadas domésticas: cozinheira, babá, arrumadeira, lavadeira. Ambos os genitores trabalhavam fora, mas com esse exército de serviçais as crianças tinham em casa o apoio necessário. Quase sete décadas atrás, poucos faziam o jardim de infância, ou o maternal, ou coisa que o valha – foi o seu caso. O primeiro contato com a escola foi no primeiro ano do antes chamado "primário", a única escola particular que cursou, porque era conceituada e porque estava perto de casa; aos sete anos de idade, caminhava sozinho os cinco quarteirões que separavam a casa da escola – algo impensável hoje. Daí em diante – o "ginásio", a Faculdade de Arquitetura, a pós-graduação – foram cursados em estabelecimentos públicos, ou financiados publicamente mediante bolsas de estudo. Sempre pôde se dedicar integralmente aos estudos, e, quando trabalhou, antes de formado, foi como estagiário num escritório de sua área, que não conta exatamente como trabalho, mas como extensão dos estudos.

Calhou nascer de uma família de trabalhadores da terra, moreno, magrelo, em 1944; foi no povoado do Canaan, Trairi, CE, distrito rural a 50 km da pequena cidade regional, e a 150 km da capital do Estado. Seus pais eram pequenos proprietários de um sítio que há gerações davam o sustento da família, na qual vigorava a tradicional divisão sexual do trabalho: ela, com as lides da casa, ele, homem da enxada e tudo o mais relacionado ao plantio, colheita, armazenagem, e vendas do eventual excedente. Negar que brincava quando criança seria demais, porém desde pequeno ajudava nas tarefas domésticas, a depender da força física empregada segundo a obrigação – pega ali um caneco d'água, puxa um balde do poço, enche o pote, compra ali no armazém um litro de querosene. Na adolescência, a labuta era mais pesada: trabalhar o chão na enxada, plantar o feijão na *baixa* (as áreas úmidas banhadas por córregos), manter limpas as culturas do mato invasor, fazer as leiras e plantar a batata-doce, plantar a mandioca no *arisco* (as áreas secas) no final da estação das chuvas, matéria-prima da posterior farinha, uma das bases alimentares da região. Já não se distinguia o seu trabalho daquele do pai e dos irmãos mais velhos (eram cinco, além das três mulheres). Quanto à escola, frequentou o primeiro ano, mas as demandas econômicas crescentes o impediram de levar adiante os estudos.

Calhou o branquelo ir à faculdade numa *Lambreta* emprestada do irmão. Tinha cuidado ao dirigir, mas não se diga o mesmo dos motoristas alucinados que atravessam as ruas da cidade, principalmente quanto ao (des)respeito com os pedestres, ciclistas ou motociclistas. Numa dessas levou uma trancada que jogou ele e a *Lambreta* na calçada. Podia ter se esborrachado, mas conseguiu cair de lado e, arrastado sobre a calçada alguns metros, teve a pele do braço esquerdo quase que toda arrancada. No entanto, tinha o recurso de um bom plano de saúde e o correlato acesso a médicos e hospitais. O tratamento foi sofrido, mas por meio, inclusive, de enxertos de pele, depois mal se percebiam os resquícios do acidente.

Calhou a mãe do magrelo preparar compotas de caju para vender – felizmente, a terra e o clima no sítio eram bons para cajueiros, de generosas safras. Ele era responsável pela colheita dos cajus, com auxílio de varas, portando uma sacola onde colocava os frutos coletados. Contudo, não haviam tido o cuidado de podar a copa dos cajueiros em pequena altura (o procedimento generalizou-se mais tarde). Ele tinha de trepar alto, pisar em galhos finos, para alcançar os frutos mais inacessíveis. Um dos galhos não aguentou, e ele veio abaixo, com sacola, vara e tudo, não sem antes bater com as costas em ramos intermediários, o que lhe danificou a coluna lombar para sempre. Caiu no chão sobre o braço direito. O estalo que ouviu não deixou dúvidas: quebrou o membro. Vimos que a mais próxima cidade ficava a 50 km e, para chegar nela, na época, somente de cavalo ou burro, atravessando a vau córregos e rios. Não tinha jeito, tinham de ir, seu pai arriou os cavalos e partiram. O ortopedista era um prático, fez o que pôde para pôr os pedaços do braço alinhados, o resultado era de se esperar: nunca mais recuperou a força de antes – e justamente no braço direito, o dominante.

Calhou seu pai ser membro de um círculo de intelectuais da cidade e conhecer um arquiteto respeitado que trabalhava para uma empresa pública. O amigo sabia de seu bom desempenho na Faculdade, e apostou nele: convidou-o para um trabalho no Estado do Maranhão, onde seria implantada uma cidade "barrageira", aquelas que substituem as inundadas por lagos de barragens hidroelétricas. Titubeou entre ficar na cidade e aceitar o convite para trabalhar no escritório onde fora estagiário, ou se embrenhar pelo mato, sem cinema, teatro ou exposições, sem seus amigos de longa data, encafurnado no fim do mundo por uns dois anos – era a previsão. Meio que escolhendo na porrinha, lá se foi para a construção da nova Nova Iorque. Ao mesmo tempo, em Fortaleza, CE, uma profissional de outra área (Serviço Social) viu-se diante de escolha similar: tinha dois

convites, um para trabalhar (coincidência) no Recife, outro para embarcar também para "o mato", na construção da mesma cidade, embora com deveres distintos. Como ele, meio que tirou na porrinha, e também se embrenhou pelo interior. Lá se conheceram, se engraçaram, e viveram felizes para sempre (mas disso ora não sabiam).

Calhou ele ficar progressivamente sozinho – ele e sua enxada. Os irmãos foram em busca das luzes da cidade, as irmãs casaram no povoado mesmo e ali formaram famílias (numerosas). Por temperamento, por especial apego aos pais, ou por outras insondáveis razões ele ficou para trás. Quando se deu conta, só restavam ele, sua mulher, os pais, as irmãs, os maridos, e sua respectiva prole. Os papeis dele e de seu pai se inverteram: agora, em vez de ser cuidado pelo pai, ele o cuidava; em vez de ajudar o pai, este o ajudava, ainda que mais simbólica que praticamente – não tinha quase mais forças para tanto. O pai foi definhando, entrou no círculo vicioso da inação, que leva à queda da imunidade, que atrai as doenças, que levam a mais inação, para de repente não ter mais vontade de sair de uma cadeira, na sala, mas de costas para a janela – desgostava do mundo. Progressivamente calou-se, seu olhar mirava o vazio – quando estava de olhos abertos, o que pouco acontecia; da labuta com a enxada para a cadeira, daí para a cama, de onde não conseguia mais se levantar por vontade própria. Como a mulher, recebia uma aposentadoria como trabalhador rural, o que mal dava para a alimentação. Ele via no pai o seu futuro, com um agravante: não tinha filho por perto para cuidá-lo. Por enquanto, ainda trabalhava a terra, embora isso lhe custasse esforço crescente, à beira do insuportável, até que, igualmente, recebesse a aposentadoria.

Calhou sua mulher vir de uma cidade grande (referida), mas ela era originária de um pequeno povoado na zona rural. Durante a construção de Nova Iorque ele conheceu um arquiteto moderno de renome, cujo escritório ficava no Rio – convidou-o para com ele trabalhar, e, após ter concluído seus (dele e dela) trabalhos no Maranhão, aventuraram-se juntos no Rio de Janeiro. Passaram a desfrutar de uma metrópole ainda maior do que ambas as respectivas cidades de origem, e daí, alguns anos depois, por ocasião de suas pós-graduações, viveram noutra ainda maior: Londres. Escusado dizer que sua rede de contatos – o que os sociólogos apreciam chamar "capital social" – viu-se enormemente ampliada. Nas respectivas universidades da Inglaterra (eram diferentes), encontraram não só os nativos, mas gentes diversas, de outros cantos do mundo – Londres era um forte magneto em escala planetária. Suas amizades eram mais com essas que com aqueles, ainda apegados à mentalidade de entes superiores de um

império há muito desmoronado (mas toda regra tem sua exceção, sim, fizeram bons amigos ingleses).

Calhou que lhe custava longas caminhadas para encontrar os amigos e parentes, e, todos avançando na idade, a recíproca era verdadeira. A solidão aumentava, seu círculo de relações se estreitava, ficava cada vez mais só, melhor dizendo, ficavam sós, ele e sua mulher. É típico desses lugares serem todos parentes, próximos ou não tanto (sua mulher era sua prima), o que ajudava num momento de dificuldade – família é família. No geral, um só contava com o outro para quaisquer circunstâncias. Foi assim quando, ao caminhar um dia para a roça, distraidamente pisou num escorpião-amarelo-do-Nordeste, particularmente venenoso, que lhe picou o pé. A dor quase o fez perder os sentidos; por pouco não chegou a desfalecer antes de alcançar a morada. Estava tonto, sentia ânsias de vômito, suava horrores, o coração acelerado. Em casa, deitou na cama e desmaiou. Um vizinho próximo tinha acesso ao soro antiescorpiônico, e a mulher deste vizinho, que fora enfermeira prática, sabia como aplicá-lo. Amigos correram lá pedindo socorro, o soro foi aplicado em casa, e ele se recuperou sem sequelas – dessa ele escapou.

Calhou que na metrópole mundial ele teve um desses episódios periódicos de entupimento dos ouvidos por excesso de produção de cera – suas oiças eram uma fábrica de cerume! Para quem estava assistindo aulas numa língua estrangeira, o problema era particularmente grave – senão hilário. Ele procurava chegar cedo para pegar os lugares mais próximos do professor, enquanto não resolvia a questão. O sistema de saúde era público e, depois de visitar o "médico da família" (existia praticamente uma clínica em cada rua), ele foi encaminhado ao "hospital real do ouvido" – assim mesmo, pomposamente chamado. Atendido, voltou a ouvir com clareza os esses e erres daquela língua, que desde há muito estudara e tanto apreciava (chegou mesmo a ensiná-la por um breve período).

Calhou que a pandemia do COVID chegou ao Brasil com força total. Demais, e desafortunadamente, sob influência da propaganda antivacina que, inclusive pela televisão, vinha sendo alimentada pelo primeiro mandatário do país, a família não se protegeu – não se vacinou. A essas alturas, a família era composta apenas por seu pai, ele e sua mulher – todos foram contaminados. Ficaram muito mal, e o pai, já acamado e frágil, não resistiu. A família encolheu mais, agora era somente o casal. Felizmente, pela repartição contínua das terras por herança, a vizinhança aumentava, novas moradas surgiam por perto, e os dois, já adentrando o que chamam de "melhor idade" –

eufemismo cuja ironia é tingida com requintes de crueldade – contavam com maior suporte, quando necessário.

Calhou que sua mulher, que conhecera em Nova Iorque, era nativa do Canaan. Ela herdou dos pais um sítio de uns dois hectares na periferia do povoado, a uns mil metros do seu centro: o sítio Gangorra. Para quem vinha da vila, o trecho do beco onde ficava a residência tinha apenas quatro casas: do lado direito, a sua; do lado esquerdo, a de um primo dela, e as de outras três famílias. A residência do casal já não era tão nova assim, fora construída em 1989, pensada como residência de férias enquanto ainda trabalhavam; somente agora sua frequência poderia aumentar, com a aposentadoria de ambos – dele e de sua mulher. Esta visitava o primo frequentemente quando estava no Canaan (apenas precisava atravessar o beco), penalizada por seu debilitado estado de saúde. Não o encontrava mais acamado, o episódio do escorpião estava superado, mas uma tristeza profunda o tinha acometido, ele mal demonstrava felicidade ao vê-la, quedava-se mudo, da cadeira para a cama, da cama para a cadeira. Que contraste com suas lembranças, quando eles, ainda crianças pequenas, antes de ela mudar-se para o centro do povoado, e, depois, para a Capital, eram companheiros constantes de brincadeiras!

Calhou que sua saúde, já frágil, tornou-se ainda mais precária depois da pandemia. Complicações hepáticas do pós-COVID fizeram sua pele morena adquirir um tom amarelado, assim como os olhos. A sensação de cansaço era permanente, faltava-lhe o ar, sua capacidade física havia despencado; uma confusão mental lhe impedia de bem articular o raciocínio, dores musculares e articulares se tornaram permanentes, se já não dormia bem antes passou a dormir ainda pior, a comida perdeu a graça, na ausência do olfato e do paladar. Não interagia, nem com a mulher, nem com os parentes, amigos ou vizinhos que o frequentavam – ficava com um ar ausente, parecia não perceber mais ninguém na sala. Mal se alimentava, sempre foi magro, mas definhava visivelmente, agora era pele e ossos. Nem mesmo se dava conta da querida companheira de brincadeiras da infância, que o visitava com frequência, e que construiu, com seu marido, uma nova casa, do outro lado do beco, exatamente defronte à sua.

Calhou que ele acordava cedo, gostava de ver o dia clarear (sua mulher preferia levantar mais tarde). Pulava da cama, dirigia-se à sala, abria de par em par as portas e as janelas de veneziana para a varanda. Não esquecia o café forte que preparava e degustava sentado no batente para o gramado. Nesse dia, ainda era breu completo, céu estrelado, quando ali sentou; ainda não conseguia enxergar o pavão, junto com seus

companheiros capotes, empoleirados no alto do cedro onde passavam a noite – a gigantesca e linda árvore que ficava ali juntinho do alpendre, plantada por sua sogra uns setenta anos atrás, e, decídua, nessa época do ano completamente desprovida de folhas. Abria-se um dia particularmente brilhante, sem nuvens, as estrelas paulatinamente se intimidando ante o astro-rei, a emergir com força por entre a folhagem arbustiva em torno do gramado – jasmins-do-cabo, buganvílias, buquês-de-noiva, canas-índicas. Mais um pouco e a vegetação brilhava com os reflexos dos raios de sol no orvalho da noite. À medida que clareava, o pavão emitia o primeiro cantar do dia, curiosamente parecido com um longo lamento; depois, os capotes, mas esses, melhor dizendo, não cantavam, saudavam o novo dia coletivamente numa tremenda algazarra. Daí, voavam do alto do cedro e aterrissavam no gramado. Fora isso, predominava o silêncio, apenas levemente perturbado pelo ruído dos veículos a trafegarem na rodovia distante. Mas havia algo diferente. Defronte de sua casa, do outro lado do beco, notou as luzes acesas, um movimento incomum de entra e sai, choro contido de adultos. Imaginou o ocorrido, correu a acordar sua mulher e foram para lá.

Calhou que seu dia chegou, na calada da noite: não mais resistiu. Mulher, parentes e amigos andavam como zumbis desnorteados pela casa. A chegada da amiga de infância e de seu marido foi um conforto. Junto à família, eles ajudaram nas primeiras providências post-mortem: providenciaram a vinda de um amigo médico, que havia pernoitado na vila, para o atestado de óbito; de manhã cedinho, levaram o documento ao cartório da cidade próxima, para o registro do óbito e a emissão da certidão; depois, informaram a funerária para o sepultamento (criara-se aqui a tradição de contratar o serviço em vida – assim ele o fizera).

Calhou ele e sua mulher estarem ali no dia do falecimento do primo, dentre os poucos dias do ano que passavam no sítio. Entre tantos acasos em suas vidas, esse particularmente lhes tocou.

(Canaan, Trairi, CE, 23.8. 2026.)



SENTIDOS

Para Maria Elaine Kohlsdorf

Levantava-se de madrugada, o dia ainda por clarear. Gostava de apreciar o momento da varanda da casa. Mas, antes, preparava uma xícara cheia até as bordas de café fumegante. Enquanto a cafeteira fazia seu trabalho, ele abria de par em par as portas do alpendre, voltava-se e se sentava à cabeceira da mesa no fundo da sala. Dali, apreciava os mutantes jogos de luz e sombra entre o interior tenuamente iluminado pela cozinha e o exterior do gramado ainda negro, a aura de ambiguidade da varanda entre eles. O nascer do dia e a luz natural invertiam a ordem dos fatores: então era o interior sombreado e fechado, ante o exterior, claro e aberto, novamente a varanda a fazer a transição. No entanto, o que via implicava estímulos mais sutis, que alegravam sua percepção do lugar.

Na cabeceira da mesa, onde se sentava, tinha atrás de si um jardim pergolado, delimitado na extremidade oeste por um pano de cobogós. O sol descendente à tarde, ao atravessar as pérgolas e os cobogós, desenhava no piso, nas paredes e na vegetação padrões de luz e sombra mutantes ao longo das horas do dia e dos meses do ano. Ao contrário, o sol ascendente pelas manhãs desenhava correlatos padrões ao penetrar fundo na sala, atravessando o jardim gramado e a varanda. No percurso da cabeceira da mesa até o jardim, amava igualmente o modo como o espaço se abria e se fechava, se encolhia e se ampliava, para os lados e para cima, tendo por ápice o centro da sala, o ponto mais alto do telhado, a partir do qual o espaço descia em todas as direções, até desaguar no beiral do alpendre sobre o gramado. Esse caminho, tantas vezes percorrido, e, oxalá, tantas vezes a percorrer, era diariamente reencenado quando o chiado da cafeteira lhe avisava do trabalho concluído.

Café nas mãos, sentava-se no degrau que dava para o gramado, uma espécie de sala ao ar livre composta por vegetação: o piso de grama; as paredes laterais de buganvílias de cores variadas que vinha colecionando ao longo do tempo; à esquerda, atrás das buganvílias, o cedro centenário, cujos ramos ainda não se percebiam contra o céu escuro; ao fundo, um laguinho onde os gansos se refestelavam, emoldurado pelos arbustivos buquês-de-noiva, dos quais tampouco se viam, na penumbra, troncos, galhos e folhas, mas apenas as flores em redondos cachos brancos, como se flutuassem no espaço com luz própria.

Contudo, aquele dia tardava em alvorecer, embora os padrões de luz e sombra mudassem; a claridade, ainda que tênue, pouco a pouco revelava o que a noite ocultara:

a copa dos cajueiros ao fundo, os ramos do cedro, as folhas dos buquês-de-noiva. O que via lhe era vagamente familiar – a luz mortiça, a ausência de cores vivas, mesmo as das buganvílias, certo tom sépia que, como um véu, tudo cobria. Então lembrou-se de sua operação de catarata, em ambos os olhos. Quando operou o primeiro, o mundo voltou a ser iluminado e colorido, visto por esse olho, ante a luz desvanecida e as cores desmaiadas de tudo à sua frente, vistas pelo outro – era o que percebia agora, porém com os dois olhos. Quando o sol afinal surgiu entre o arvoredo, estranhou como podia olhar diretamente para ele sem qualquer incômodo, apreciando o disco alaranjado subindo no horizonte. Iria checar essas impressões com sua mulher quando ela levantasse (costumava fazê-lo mais tarde).

Gostava de seu café bem forte. Naquela madrugada, usou a mesma quantidade de água, o mesmo tanto de pó. Porém, não ficou como antes – estava meio fraco, sem gosto. Será que havia errado de marca? Voltou ao pacote, não, era o café de sempre. Talvez estivesse gripando, quando por vezes se perdem paladar e olfato, mas tampouco havia os sintomas tradicionais de gripe. Deixou pra lá, devia passar logo. Levantou-se do degrau da varanda para adentrar a sala, mas não foi como das outras vezes. Havia certa perda de controle das pernas e dos braços quando os estendeu para se apoiar na coluna mais próxima – seu equilíbrio estava precário.

Não sentia fome nem sede, mas, quase por hábito, dirigiu-se à mesa para comer o cuscuz do dia, preparado pela senhora que os ajudava, e que a essa hora já chegara (madrugadora) para preparar o café da manhã. A coisa ficou mais estranha quando colocou na boca a primeira garfada da iguaria, polvilhada com açúcar crocante, regada ao leite de coco sempre espremido da polpa fresquinha, tirada da fruta recém colhida – que diferença ante o leite industrializado de garrafa! Todavia, não era o leite de sempre, não era o fubá de milho de sempre – a senhora tinha deixado queimar o cuscuz? Porventura faltara a polpa fresca e ela usara o leite engarrafado? Tampouco, mas o alimento tinha perdido sua beleza, era um gosto pálido, não sentiu prazer em tragá-lo.

Comeu o cuscuz, não sentiu saciedade nem o contrário, e foi para sua rede na varanda. O começo da manhã sempre guardava algo do perfume adocicado do jasmim desabrochado na noitinha anterior – o aroma invadia a casa trazido pela suave brisa matinal. Mas cadê o cheiro? Nada percebeu. Levantou, novamente meio cambaleante, foi ao jasmineiro fungar as flores de perto – sem perfume. Acaso tinha chovido e lavado as flores com aroma e tudo? Não, o chão estava seco.

Sua mulher acordou, veio à sala, viu o marido no jardim, perguntou por que está ainda tão escuro assim? Não, não era só ele a enxergar tudo em penumbra sépia. Ele

perguntou sente o cheiro do jasmim? Não, não sinto. Então vá experimentar o cuscuz, veja que estranho. Dito e feito, ela fez uma careta, está quase sem gosto!

A primeira refeição constava também de pão de forma, queijo, às vezes um chocolate quente (ele) ou um café com leite (ela), e ovos mexidos. Era acompanhada por música saída do aparelho de som conectado aos celulares (por comodidade, não traziam mais aquele monte de CDs na mala quando vinham de férias para sua casa de sítio no litoral oeste cearense – afinal, estava tudo nas plataformas de *streaming*). A música barroca era quase sempre a preferida para as horas matinais; destarte, foi a *Ária na Corda Sol*, de João Sebastião Bach, lisa como a superfície espelhada de um lago azul entre montanhas. Mas que estranho: por mais que ele aumentasse o volume, o som saía fraquinho. Devia ser um defeito, carecia levar o aparelho ao conserto. Ato contínuo, foram para as respectivas redes na varanda, a consultarem os celulares em busca de mensagens recentes ou notícias da mídia. Os aparelhos tampouco funcionavam direito – quase não tinham som e a luz que emanava deles era muito fraca, por mais que se pressionasse o botão da luminosidade.

Deliciavam-se com a variedade de cantos dos pássaros e de aves maiores, toadas particularmente frequentes nas primeiras horas do dia. Voando livres ou vivendo no cercado do sítio, ouvia-se corrupiões-vermelhos, bicos-grossos, o canto dourado dos bem-te-vis, sabiás, o canto cor-de-rosa das rolinhas, perus, o canto cor-de-laranja rascante dos gansos, galos, o canto vermelho-sanguíneo, lembrando um sofrido lamento, do pavão e da pavoa, o canto em curiosa variação dos capotes, entre o suave tô-fraco, tô-fraco, tô-fraco, e a algazarra áspera prateada, berrada em uníssono como sinal de alerta ante algum perigo, real ou imaginário. Mas onde estavam hoje? Os únicos que se faziam ouvir eram os gansos e os pavões – seu canto (ou grito) era potente.

De olhos fechados, como gostava de apreciar a música, sentiu de repente alguém balançar com força o punho de sua rede – abriu os olhos. Sua mulher lhe disse que havia lhe tocado o braço e lhe falado sem resultado. Fazia um esforço para falar alto, o que não adiantava, ele mal escutava o que dizia: não ouço quase nada, ponho o celular no volume máximo e o que sai é um cochicho. O meu está igual. Mas reparou o grasnar dos gansos? Perderam a força. E o farfalhar do vento na folhagem, onde foi parar? Era quase como assistir a uma cena de filme mudo. Também não sentiam o vento na pele, tão agradável nas primeiras horas da manhã – "zero absoluto", como gostava de brincar seu irmão, que havia perdido há poucos meses: nem calor, nem frio. (Ele lembrou que havia pegado o cabo da cafeteira sem que sua quentura o incomodasse, como sempre acontecia – não percebeu a alta temperatura.)

Mesmo com o mal-estar provocado por essas sensações estranhas, foram à praia. Eram 10h da manhã, mas o que encontraram foi uma luz que lembrava aquela de logo após o pôr-do-sol. O mar havia adquirido uma tonalidade indecifrável, banhado por um sol emasculado, transformado numa bolacha luminosa continuamente a perder seu brilho. Antes de nadar, ele ficava um bom tempo em sua espreguiçadeira montada na areia, debaixo do sol escaldante, mas protegido por um chapéu que lhe cobria o topo e os lados da cabeça, assim como o pescoço, e lhe sombreava a face. Não hoje. Como não sentia o calor na pele, não usou o chapéu e tirou a camisa especialmente fabricada para proteger a tez do torso e dos braços, ficando somente de calção. Não aplicou os cremes que o protegiam de queimaduras – pra quê? Entrou no mar e mais uma surpresa: a temperatura da água estava também em "zero absoluto", não a água fresquinha que, no litoral cearense, os fortes ventos alísios esfriam, em contraste com a água dos mares de sua terra natal, o Recife, bem mais quente. Era como se a água não tivesse temperatura alguma. E tampouco tinha gosto: não sentia o sal, ela estava incolor, insípida, inodora. Deu algumas braçadas, saiu do mar, e voltaram para casa.

Embora a luminosidade estivesse moribunda, percebeu a extensão das queimaduras que sofrera na praia pela vermelhidão da pele – branquelo que era. Porém, não sentia ardor algum, apenas via as bolhas que começavam a se formar e cobriam quase todo seu corpo. Sua mulher havia sofrido menos, morena que era, mas nem por isso.

Atribuía a falta de equilíbrio que o acometia à pouca alimentação, fruto do fastio, mas continuava sem sentir fome nem sede. No entanto, forçou-se a almoçar, sem qualquer prazer. Após o almoço, a sesta merecida. Cochilou. Ao despertar, parecia flutuar no espaço: não sentiu o corpo em contato com a cama, menos ainda a suave textura dos lençóis de algodão finíssimo, que muito prezava. Contudo, não havia perdido a capacidade de movimento: ao tentar mover as pernas e levantar o tronco, o corpo obedeceu. Notou o dia ainda mais escuro, apesar de serem duas da tarde. Conferiu com a mulher: ela percebia o mesmo. Resolveram checar com os primos que moravam em frente, seus terrenos separados apenas por um beco estreito. Ingenuamente, tomaram da lanterna potente que haviam comprado para iluminar o caminho da casa ao portão – não serviu, nada iluminava.

Quanto aos primos, verificaram que todos apresentavam os mesmos sintomas. A TV estava ligada (vivia ligada quase 24 horas por dia) e não se falava noutro assunto. Não só o país estava em polvorosa, era o mundo que estava, diante da nova pandemia. O fenômeno, que acometia o planeta, estava em fases distintas a depender do lugar, mas

a origem tinha sido na grande potência do hemisfério norte. Lá, encontrava-se em estágio mais avançado, a ponto de ninguém perceber mais nada – sim, finalmente entendera-se que não era um fenômeno "lá fora", do mundo natural, mas era um fenômeno de como o mundo era percebido pela gente.

Nele e nas pessoas próximas instalou-se uma cegueira completa, uma surdez absoluta, não sentiam mais cheiro de nada, tampouco o gosto dos alimentos que ainda conseguiam encontrar e ingerir. Achavam as coisas e reconheciam-se mutuamente por apalpadelas, apelando para a memória que restava do lugar. Sumiu o que restava de equilíbrio e tinham de se agarrar pelas paredes e demais objetos da casa dos quais ainda se lembravam, em busca do que ainda sabiam haver de comida. Mas isso pouco a pouco se perdeu. Já não percebiam o próprio corpo, não sabiam onde estavam braços e pernas, tampouco conseguiam comandá-los. Até o sentimento de dor desaparecera, o que fazia as pessoas se machucarem gravemente das mais diversas maneiras. Sumira a noção do estado interno do organismo – fome, sede, batimentos cardíacos, respiração, necessidade de urinar e defecar – o que transformou os lugares num oceano de porcaria, despercebido, pois já não eram capazes de apreender sequer o que produziam. Mas, sobretudo, a perda da noção de lugar, de onde se estava e para onde levavam os caminhos possíveis. Enquanto a TV funcionou, e eles puderam assisti-la, souberam que no grande país do norte as pessoas morriam feito moscas, despencando dos edifícios, caindo por sobre balaustradas, escorregando na sujeira e esborrachando-se fatalmente, rolando ladeira abaixo em cidades de relevo acidentado, afogando-se ao desabar de pontes, ou simplesmente morrendo de inanição.

Mas isso acabou: eles não percebiam mais nada, nem havia mais transmissoras de TV funcionando. A vida reduziu-se ao lugar de alcance imediato do corpo, quer dizer, ao próprio corpo, porque nada era percebido para além dele. Na verdade, já nem o corpo mesmo era percebido. Ninguém sobreviveu à doença que com tal virulência tomou o cérebro das pessoas, o sistema nervoso central e, afinal, o corpo todo.

Os chimpanzés sobreviveram.

(Canaan, Trairi, CE, 16.9.2026.)

SENSES

For Maria Elaine Kohlsdorf

He would rise before dawn, while the day was still waiting to break. He liked to savour the moment from the veranda of the house. But first he would prepare a cup filled to the brim with steaming coffee. While the coffee maker did its work, he would open the veranda doors wide, turn around and sit at the head of the table at the back of the room. From there, he would take in the shifting patterns of light and shadow between the interior, dimly lit by the kitchen, and the still-black lawn outside, with the veranda between them, an aura of ambiguity. Sunrise and natural light reversed the order of things: now it was the interior that was shadowed and enclosed, facing the bright, open outdoors, with the veranda once again providing the transition. Yet what he saw involved subtler stimuli, which delighted his perception of the place.

Behind the head of the table where he sat was a pergola garden, bounded at its western end by a screen of cobogós. In the afternoon, as the descending sun passed through the pergolas and cobogós, it cast ever-changing patterns of light and shadow across the floor, the walls and the vegetation, shifting with the hours of the day and the months of the year. Conversely, in the mornings the rising sun drew corresponding patterns as it penetrated deep into the room, crossing the lawn and the veranda. Along the path from the head of the table to the garden, he equally loved the way the space opened and closed, contracted and expanded, sideways and upwards, reaching its apex at the centre of the room, the highest point of the roof, from which the space descended in every direction until it spilled out beneath the eaves of the veranda onto the lawn. This path, travelled so many times and, hopefully, to be travelled so many more, was reenacted every day when the hiss of the coffee maker told him that its work was done.

Coffee in hand, he would sit on the step leading down to the lawn, a kind of outdoor room made of vegetation: the grass as its floor; the side walls formed by bougainvilleas of various colours that he had been collecting over the years; on the left, behind the bougainvilleas, the century-old cedar, whose branches could not yet be made out against the dark sky; at the back, a little pond where the geese luxuriated, framed by bridal-wreath shrubs, whose trunks, branches and leaves were likewise invisible in the half-light, leaving only their flowers, clustered in rounded white bouquets, as though they were floating in space, lit from within.

Yet that day dawn was slow to arrive, even though the patterns of light and shadow were changing; the light, however faint, gradually revealed what the night had concealed: the crowns of the cashew trees in the distance, the cedar branches, the leaves of the bridal-wreath shrubs. What he saw seemed vaguely familiar – the dull light, the

absence of vivid colours, even in the bougainvilleas, a certain sepia tone that covered everything like a veil. Then he remembered his cataract operations, on both eyes. When the first eye had been operated on, the world had once again become bright and colourful when seen through it, against the fading light and washed-out colours of everything before him as seen through the other eye – that was what he was perceiving now, but with both eyes. When the sun finally appeared among the trees, he was puzzled by how he could look directly at it without the slightest discomfort, enjoying the orange disc rising above the horizon. He would check these impressions with his wife when she got up – she usually did so later.

He liked his coffee strong. That morning, he had used the same amount of water, the same amount of powder. Yet it had not turned out as before – it was rather weak, almost tasteless. Had he bought a different brand by mistake? He checked the packet. No, it was the usual coffee. Perhaps he was coming down with flu; sometimes one lost one's sense of taste and smell with it. But he had none of the usual symptoms of flu either. He let it go. It would probably pass soon. He got up from the veranda step to go inside, but it was not as it had been on other occasions. He had some loss of control of his arms and legs as he stretched them out to steady himself against the nearest column – his balance was precarious.

He was neither hungry nor thirsty, but almost out of habit he went to the table to eat the day's couscous, prepared by the lady who helped them, who by that hour had already arrived – an early riser – to prepare breakfast. Things became stranger when he put the first forkful of the delicacy into his mouth, sprinkled with crunchy sugar and drenched in coconut milk freshly squeezed from the pulp of a newly picked coconut – what a difference from bottled industrial milk! Yet this was not the usual milk; it was not the usual cornmeal either – had the woman burnt the couscous? Had she run out of fresh pulp and used bottled milk? Neither. Yet the food had lost its beauty; it was a pale taste, and he took no pleasure in swallowing it.

He ate the couscous, felt neither satisfied nor unsatisfied, and went to his hammock on the veranda. The beginning of the morning always retained something of the sweet fragrance of the jasmine that had blossomed the previous evening – the scent entered the house carried by the gentle morning breeze. But where was the smell? He sensed nothing. He got up, once again somewhat unsteadily, and went to the jasmine bush to smell the flowers up close – no fragrance. Had it rained and washed the scent away along with the flowers? No, the ground was dry.

His wife woke up, came into the room, saw her husband in the garden and asked why is it still so dark? No, it was not only he who saw everything in a sepia half-light.

He asked can you smell the jasmine? No, I can't. Then go and taste the couscous. See how strange it is. She did as he said and made a face, it's almost tasteless!

The first meal also consisted of sliced bread, cheese, sometimes hot chocolate for him or coffee with milk for her, and scrambled eggs. It was accompanied by music played through the sound system connected to their mobile phones – for convenience, they no longer brought that pile of CDs in their suitcases when they came on holiday to their country house on the western coast of Ceará; after all, everything was available on streaming platforms. Baroque music was almost always their favourite for the morning hours; so that day it was Johann Sebastian Bach's Air on the G String, smooth as the mirrored surface of a blue lake among mountains. But how strange: no matter how much he turned up the volume, the sound remained faint. It must be a fault; he would have to take the equipment in for repair. Immediately afterwards, they went to their respective hammocks on the veranda, checking their mobile phones for recent messages or news from the media. The phones were not working properly either – the sound was barely audible and the light they emitted was extremely weak, however much they pressed the brightness button.

They delighted in the variety of birdsong and the calls of larger birds, particularly frequent in the early hours of the day. Flying free or living within the enclosure on the property, they would hear red-crested cardinals, grosbeaks, the golden song of the great kiskadees, thrushes, the pink song of doves, turkeys, the harsh orange call of the geese, roosters, the blood-red call of the peacock and peahen, reminiscent of a plaintive lament, and the curious variations of the guineafowl, somewhere between the gentle *tofruck*, *tofruck*, *tofruck* and the harsh, silvery uproar, shouted in unison as a warning of some danger, real or imagined. But where were they today? The only ones making themselves heard were the geese and the peacocks – their calls, or cries, were powerful.

With his eyes closed, as he liked to listen to music, he suddenly felt someone vigorously shaking the end of his hammock. He opened his eyes. His wife told him that she had touched his arm and spoken to him without success. She was making an effort to speak loudly, but it was no use; he could barely hear what she was saying I can hardly hear anything. I put the phone on maximum volume and all that comes out is a whisper. Mine is the same. But did you notice the geese honking? They've lost their strength. And what happened to the rustling of the wind through the foliage? It was almost like watching a scene from a silent film. Nor could they feel the wind on their skin, so pleasant in the early hours of the morning – "absolute zero", as his brother, whom he had lost a few months earlier, liked to joke: neither heat nor cold. (He remembered

taking hold of the coffee maker's handle without its heat bothering him, as it always did – the high temperature had gone unnoticed.)

Despite the unease caused by these strange sensations, they went to the beach. It was ten in the morning, but what they found was a light reminiscent of that just after sunset. The sea had acquired an indecipherable hue, bathed in an emasculated sun, transformed into a luminous disc continuously losing its brightness. Before swimming, he would spend a long time in his sun lounger set up on the sand, beneath the scorching sun, protected by a hat that covered the top and sides of his head, as well as his neck, and shaded his face. Not today. Since he could not feel the heat on his skin, he did not wear the hat and removed the specially made shirt that protected the skin of his torso and arms, remaining in nothing but his swimming trunks. He did not apply the creams that protected him from sunburn – what for? He entered the sea and encountered yet another surprise: the water was also at "absolute zero", not the cool water that, on the Ceará coast, the strong trade winds chill, in contrast to the waters of the seas of his native Recife, which are much warmer. It was as though the water had no temperature at all. Nor did it have any taste: he could not taste the salt; it was colourless, tasteless and odourless. He swam a few strokes, got out of the sea, and they returned home.

Although the light was dying, he noticed the extent of the burns he had suffered on the beach from the redness of his skin – he was fair-skinned. Yet he felt no burning at all, merely saw the blisters beginning to form and spreading over almost his entire body. His wife had suffered less, being dark-skinned, but not by much.

He attributed the loss of balance that afflicted him to having eaten too little, a consequence of his loss of appetite, but he still felt neither hunger nor thirst. Nevertheless, he forced himself to eat lunch, without any pleasure whatsoever. After lunch came the well-deserved siesta. He dozed off. On waking, he seemed to be floating in space: he could not feel his body touching the bed, still less the delicate texture of the fine cotton sheets he valued so highly. Yet he had not lost his ability to move: when he tried to move his legs and raise his torso, his body obeyed. He noticed that the day was even darker, although it was two in the afternoon. He checked with his wife: she perceived the same thing. They decided to check with their cousins who lived opposite, their plots separated only by a narrow alley. Naively, they took the powerful torch they had bought to illuminate the path from the house to the gate – it was useless; it illuminated nothing.

As for the cousins, they found that everyone was experiencing the same symptoms. The television was on – it was almost always on, twenty-four hours a day – and no other subject was being discussed. It was not only the country that was in turmoil; the whole world was facing the new pandemic. The phenomenon affecting the

planet was at different stages depending on the place, but its origin had been in the great power of the northern hemisphere. There, it was already at a more advanced stage, to the point where nobody could perceive anything any longer – yes, they had finally understood that it was not a phenomenon “out there”, in the natural world, but a phenomenon concerning how the world was perceived by people.

In him and in those close to him, complete blindness had set in, absolute deafness; they could no longer smell anything, nor taste the food they could still find and eat. They found things and recognised one another by touch, relying on whatever memory of the place remained. Their sense of balance disappeared, and they had to cling to the walls and other objects in the house that they could still remember, searching for whatever food they still knew was there. But this too gradually disappeared. They no longer perceived their own bodies; they did not know where their arms and legs were, nor could they control them. Even the sensation of pain had vanished, causing people to injure themselves severely in all sorts of ways. Their awareness of the body's internal state also disappeared—hunger, thirst, heartbeat, breathing, the need to urinate and defecate—turning places into an ocean of filth, unnoticed because they were no longer capable even of perceiving what they themselves produced. But above all, the sense of place disappeared: where one was, and where the possible paths might lead. While the television continued to work, and they were still able to watch it, they learned that in the great northern country people were dying like flies, plunging from buildings, falling over balustrades, slipping in filth and being crushed to death, rolling downhill in cities with rugged terrain, drowning as they fell from bridges, or simply dying of starvation.

But that too came to an end: they could no longer perceive anything, and television stations functioned no longer. Life was reduced to the immediate reach of the body—that is, to the body itself—because nothing could be perceived beyond it. In fact, even the body itself was no longer perceived. No one survived the disease that, with such virulence, took over people's brains, the central nervous system and, ultimately, the entire body.

The chimpanzees survived.

(Portuguese version, Canaan, Trairi, CE, 16 September 2026; English version, 20 September 2026.)

LISTA DE FIGURAS / *LIST OF FIGURES*

(todas as fotografias são do autor, exceto p. 59, 70 e 142 / *all photographs by the author, except p. 59, 70 and 142*).
Capa e p. 40: Embocadura do rio Mundaú, Mundaú, Trairi, CE / *Mundaú river estuary.*
P. 2: Casa da Gangorra. Fachada leste / *East façade.*
P. 6: Casa da Gangorra. Porta para o alpendre e o jardim / *door towards the veranda and the garden.*
P. 8. Casa da Gangorra. Interior /*interior.*
P. 10. Casa da Gangorra. Interior / *interior*.
P. 24. Praia de Flecheiras, CE / *Flecheiras beach, CE*.
P. 36. Praia de Flecheiras, CE / *Flecheiras beach, CE.*
P. 38. Casa da Gangorra. Buganvílias do jardim / *buganvilliae in the garden.*
P. 42. Mar de Flecheiras, Trairi, CE / *Flecheiras sea.*
P. 44. Crepúsculo nas dunas do Mundaú, CE / *Sunset in Mundaú dunes, CE.*
P. 48. Casa da Gangorra. Vista noroeste / *Northwest view.*
P. 72. Entrada da Casa da Gangorra, com o fragmento de ladrilho encontrado da morada anterior / *entrance to the Gangorra House, with a fragment of tile from the previous dwelling.*
P. 92. Paisagem de dunas. Trairi, CE / *dune landscape, Trairi, CE* .
P. 102 e quarta capa / ... *and fourth cover*. Ruína na praia da Emboaca, Trairi, CE / *Ruins at Emboca beach, Trairi, CE.*
P. 112. Casa da Gangorra. Varanda leste com a rede vermelha – e outras redes / *East veranda with the red hammock – and other hammocks.*
P. 130. Casa da Gangorra. Buganvílias do jardim / *buganvilliae in the garden.*

H722i Holanda, Frederico de

Inventário / Frederico de Holanda [recurso eletrônico] ; prefácio de Flávio R. Kothe. – 1. ed. – Brasília : FRBH, 2026.
142 p. : il.

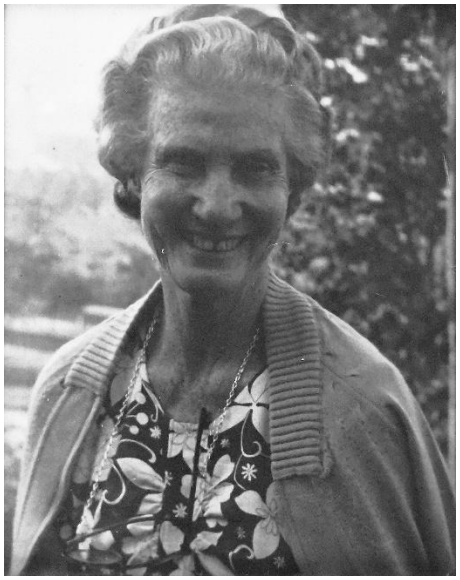
Nota: Contém traduções de alguns textos para o inglês.

ISBN 978-65-992816-2-4

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. 3. Poesia brasileira. I. Holanda, Frederico de. II. Kothe, Flávio R. III. Título.

CDU 821.134.3(81)
CDD B869.8

COLOFÃO / COLOPHON



Este livro foi composto na família Times New Roman, nas fontes 12, 14, 16 e 20, regular, itálico e negrito, pela FRBH (Brasília), no 112º ano de nascimento de Elsa Sarmento da Rosa Borges, minha mãe. Na imagem, ela está no Rio de Janeiro (autoria da foto desconhecida, s/d.).

This book was set in the Times New Roman typeface, in the fonts 12, 14, 16 and 20, regular, bold and italic, by FRBH (Brasília), in the 112th year after the birth of Elsa Sarmento da Rosa Borges, my mother. In the photograph, she is in Rio de Janeiro (photographer unknown, undated).

Outros livros publicados pela FRBH / *Other books published by FRBH*:

HOLANDA, Frederico de. Oscar Niemeyer: *De vidro e concreto / Of glass and concrete*. Brasília: FRBH, 2011.

HOLANDA, Frederico de (org). *Arquitetura & Urbanidade*. 2. ed. Brasília: FRBH, 2011 (2003).

HOLANDA, Frederico de (org.). *Ordem e desordem: arquitetura e vida social*. Brasília: FRBH, 2012.

HOLANDA, Frederico de. *10 Mandamentos da Arquitetura*. 2ed. Brasília: FRBH, 2015.

MEDEIROS, Valério de. *Beleza peregrina*. Brasília: FRBH, 2016.

NETTO, Vinicius M. et al. (org.) *Efeitos da arquitetura: os impactos da urbanização contemporânea no Brasil.* Brasília: FRBH, 2017.

JUCÁ, Christina. *A chama da vida.* Brasília: FRBH, 2018.

HOLANDA, Frederico de. *O espaço de exceção* [recurso eletrônico]. 2ª ed. Brasília: FRBH, 2018 (2002). Disponível em: https://www.academia.edu/36395002/O_ESPA%C3%87O_DE_EXCE%C3%87%C3%83O_Livro_completo_.

KOHLSDORF, Gunter; KOHLSDORF, Maria Elaine. *Ensaio sobre o desempenho morfológico dos lugares*. Brasília: FRBH, 2017.

DONEGAN, Lucy. *Qual é a sua praia? Arquitetura e sociedade em Natal.* Brasília: FRBH, 2019.

HOLANDA, Frederico de. *Construtores de mim.* Brasília: FRBH, 2019.

Inventário reúne poemas e contos escritos em diferentes momentos da vida de Frederico de Holanda, desde os primeiros versos, compostos em 1967, até textos recentes, de 2023 a 2026. Organizado cronologicamente, o livro percorre quase seis décadas de experiências, lembranças e inquietações. Embora ficcionais, as narrativas e os poemas trazem forte marca autobiográfica: lugares, acontecimentos e afetos alimentam uma escrita que transita entre a memória pessoal e questões mais amplas da existência. A Casa da Gangorra, no litoral oeste do Ceará, reaparece como espaço de vivência, observação e reflexão. Entre poemas e contos, o autor aborda o tempo, a finitude, a identidade, a desigualdade, a natureza e os vínculos humanos. Alguns textos são apresentados também em inglês.

